

O FENÔMENO DA NÃO-CONFIGURACIONALIDADE NA LINGUA ASURINI
DO TROCARÁ: um problema derivado da projeção dos
argumentos verbais

Marcia Maria Damaso/Vieira *6/13/93*

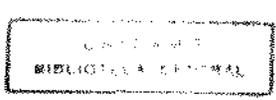
Orientador: Mary Aizawa Kato *K*

Co-orientador: Eloise/Jelinek *m*

Trabalho apresentado junto ao Instituto
dos Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito par-
cial para obtenção do título de Doutor
em Ciências.

Campinas, 28 maio de 1993

*Bole
defensor
Vieira
08/05/93
Prof. Dr. Mary Aizawa Kato
19527*



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO >

Capítulo 1: O Parâmetro da Configuracionalidade (=Projeção) e a língua Asurini do Trocará 4

1.1 Os Parâmetros da Configuracionalidade e da Projeção

1.1.1 Variação no sistema de regras
sintagmáticas

1.1.2 O relaxamento do Princípio de
Projeção

1.1.3 Os dois aspectos do Princípio de
Projeção

1.1.4 A variação no modo de projeção dos
argumentos verbais

1.1.5 As hipóteses de Jelinek e de Baker

1.2 Características "não-configuracionais" do Asurini

1.2.1 A ordenação livre dos constituintes
oracionais

1.2.2 Uso abusivo de anáfora zero

1.2.3 Expressões descontínuas

1.2.4 Ausência de movimento sintático

Capítulo 2: As categorias lexicais e o sistema de
determinantes....22

- 2.1 O contraste entre as categorias
lexicais
 - 2.1.1 As categorias lexicais em Asurini
 - 2.1.2 O sintagma posposicionado e sua
função predicativa
 - 2.1.3 O sintagma nominal e a sua função
predicativa
 - 2.1.3.1 Os verbos copulares
 - 2.1.4 O estatuto funcional de "ramo"
- 2.2 O sistema de determinantes
 - 2.2.1 (In)definitude
 - 2.2.2 Os demonstrativos
 - 2.2.3 Os quantificadores
 - 2.2.3.1 Construções quantificacionais
 - 2.2.3.1.1 Expressões cardinais
 - 2.2.3.1.2 O quantificador universal aoseoho
e seu escopo
 - 2.2.3.1.3 Expressões cardinais usadas como
quantificadores adverbiais
 - 2.2.3.1.4 Definitude e as expressões
cardinais
 - 2.2.3.1.5 Quantificação via afixos

Capítulo 3: A estrutura do predicado.... 66

3.1 A representação oracional

3.2 Os afixos verbais em Asurini

3.2.1 Os afixos pessoais

3.2.2 Os marcadores de tempo

3.2.2.1 O afixo de futuro

3.2.2.2 O marcador de futuro como verbo
"leve"

3.2.2.2.1 Os verbos leves

3.2.2.3 O marcador de tempo passado

3.2.2.4 Os marcadores aspectuais

3.2.2.5 As construções perifrásticas

3.2.2.5.1 O estatuto das formas auxiliares

3.2.2.5.2 Os predicados do tipo "individual"
e "stage levels"

3.2.2.5.3 Verbos Seriais

3.2.2.5.4 Os auxiliares como verbos leves

3.2.2.5.5 Mini-orações

3.2.2.5.6 Orações adjuntas

Capítulo 4: A ausência de regras de mover- α ... 129

4.1 As construções interrogativas

4.1.2 A extração de constituintes de NPs

4.1.2.1 O Princípio das Categorias Vazias

4.1.2.2 A regência dos nomes

4.3.1.2 A manipulação do caso e a teoria da
incorporação de Baker

4.3.2 As construções causativas nas
línguas Tupi-Guarani

Capítulo 5: O estatuto dos afixos pessoais.... 225

5.1 As séries de marcadores de pessoa em
Asurini

5.2 A ausência de categorias vazias

5.2.1 O objeto nulo

5.2.2 A relação de c-comando e a
identificação de pros

5.2.3 Os afixos pessoais e o licenciamento
de adjuntos

5.2.4 As formas dos clíticos

5.3 A ligação dos anafóricos

5.4 As construções com clitic-left deslocation
e as estruturas de adjunção em Asurini

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 4.1.2.3 A extração de constituintes de NPs em Asurini
- 4.1.3 A hipótese de Baker para a extração de especificadores de NPs em línguas não-configuracionais
 - 4.1.3.1 O deslocamento de constituintes de NPs em construções não-interrogativas
- 4.1.4 A ausência de palavras-qu in situ
 - 4.1.4.1 A ausência de movimento sintático nas construções de Indicativo II
- 4.2 As construções relativas
 - 4.2.1 Orações relativas derivadas por movimento sintático
 - 4.2.2 Orações relativas sem movimento
 - 4.2.3 As construções relativas em Asurini
 - 4.2.3.1 Composição e derivação
 - 4.2.3.2 O estatuto de estrutura relativa das nominalizações em wa'e
 - 4.2.3.3 A composição de palavras e a teoria modular
- 4.3 A incorporação de categorias lexicais
 - 4.3.1 A incorporação nominal
 - 4.3.1.1 A incorporação nominal em algumas línguas da família Tupi-Guarani

AGRADECIMENTOS

À Yonne Leite ,por ter me iniciado no estudo de línguas indígenas , pelos ensinamentos de Linguística, por ter me indicado o caminho que resultou neste projeto e pelo apoio moral e intelectual durante todos esses anos de convivência.

À Mary Kato ,por ter me ensinado Sintaxe Gerativa, pela orientação valiosa , pela paciência e pela amizade .

À Eloise Jelinek, pela acolhida calorosa , pelos seus trabalhos que serviram de inspiração para esta pesquisa e pela orientação sem a qual esta tese não poderia ter sido concluída.

Ao CNPq e a CAPES pela concessão de bolsas de estudo durante o período de desenvolvimento deste estudo.

Ao Departamento de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro pelo espaço de trabalho concedido.

Ao Setor de Linguística do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que, através do projeto "Descrição e Análise de línguas indígenas brasileiras" ,me ofereceu a oportunidade de estudar a língua Asuriní do Trocará.

Aos índios Asuriní, por terem me recebido em sua aldeia para realização de pesquisa de campo e pelas informações concedidas sobre a sua língua.

À Marília Facó Soares, pela confiança depositada na minha pesquisa, pela amizade , pela força e pela oportunidade de trabalho que me ofereceu.

À Bruna Franchetto, pela "troca de figurinhas", pelo carinho

e pelo apoio.

Ao Fernando Tarallo, onde quer que se encontre agora, pelo incentivo e por ter acreditado na minha capacidade de trabalho.

À banca examinadora (Mary Kato, Yonne Leite, Charlotte Galves, Marília Facó, Carlos Franchi, Eduardo Raposo e Lucy Seki), por ter concordado em ler esta tese em tão pouco tempo.

À Charlotte Galves, por ter lido com carinho os meus manuscritos e pelas sugestões valiosas.

À Mônica Zoppi, pela amizade e por tudo que fez por mim durante a minha permanência na UNICAMP.

Às secretárias da Pós-Graduação em Linguística da UNICAMP, Vilma e Elisa, pelos favores prestados e pela boa vontade com que sempre me atenderam.

Aos colegas do Curso de Doutorado da UNICAMP, pelos momentos de alegria e de cumplicidade e pelas informações concedidas.

Ao Valdir Veloso, por ter sempre me amparado nas horas difíceis, pela paciência e pela grande ajuda que me prestou durante a elaboração desta tese.

Ao Paulo Damaso, por ter apoiado moral e financeiramente a minha ida à Universidade do Arizona.

Ao Paulo Concieiro, por ter elevado o meu astral nos momentos de desânimo e pela amizade e respeito.

A minha família pela força espiritual e material.

Aos meus pais.

APÊNDICE

Lista das abreviações usadas no texto.

A=	agente
abs.=	absolutivo
acc.=	accusative
adv.=	advérbio
ag.=	agente
Agr.=	agreement
asp.=	aspecto
caus.=	causativo
col.=	coletivo
comp.=	complementizador
corref.=	correferencial
dat.=	dativo
dep.=	dependente
det.=	determinante
EL=	Estrutura Lexical
ES=	Estrutura Sintagmática
evid.=	evidencial
excl.=	exclusiva
ger.=	gerúndio
incl.=	inclusivo
Ind II=	Indicativo II
INFL=	Inflection
inst.=	instrumento
inten.=	intencional

inter.= interrogativo
intr.= intransitivo
LA= Lexical Argument
Lit.= sentido literal
M/ms= masculino
N= nome
Nt= neutro
neg.= negativo
NON= nominativo
nom.= nominalizador
NP= noun phrase
NPst= non-past
O= objeto
Obl= oblíquo
P= paciente
PA= Pronominal Argument
PC= Parâmetro da Configuracionalidade
perf.= perfectivo
pl.= plural
pont.= pontual
poss.= possessivo
PPr= Princípio de Projeção
PP= pre/pospositional phrase
prop.= propósito
Prs.= presente
PST= past

punc= punctual
recip.= reciproco
redup.= reduplicação
refl.= reflexivo
rel.= relacional
relat.= relativa
S= sujeito
s= singular
SM= subject marker
Spec= Specifier
th= theme
TRANS.= transitivo
V= verbo
VP= verb phrase

INTRODUÇÃO

A língua Asurini do Trocara pertence à família Tupi-Guarani e é falada atualmente na reserva indígena do Trocará, Município de Tucuruí no sul do Pará ¹.

Iniciamos o nosso estudo sobre o Asurini no Museu Nacional do Rio de Janeiro sob a orientação da Profa. Yonne Leite. Este trabalho é, pois, a continuação de um projeto de pesquisa iniciado naquela Instituição.

Tomamos como nosso objetivo descrever e analisar os seguintes aspectos gramaticais do Asurini, por serem eles intrigantes do ponto de vista sintático: a ordem livre no nível oracional, a existência de sintagmas nominais (Det N) descontínuos, o uso facultativo de sintagmas nominais nas funções de sujeito e de objeto, a ausência de construções envolvendo movimento sintático e o estatuto dos elementos pronominais e temporais/aspectuais afixados ao verbo.

A fim de dar conta dos fatos observados no Asurini, adotamos o modelo paramétrico da Gramática Gerativa, pois através dele é possível explicar a co-ocorrência de várias propriedades sintáticas aparentemente não relacionadas em uma determinada língua.

De acordo com a Teoria Gerativa, os princípios da sintaxe que são universais e invariantes fazem com que as línguas humanas

¹ Podemos caracterizar o Asurini como uma língua em fase de extinção, posto que atualmente, os falantes das novas gerações adotam o Português como primeira língua.

sejam profundamente semelhantes. Os parâmetros , por outro lado, representam áreas específicas em que as línguas podem divergir entre si.

Entre os vários parâmetros propostos na literatura , o Parâmetro da Projeção , tal como proposto por Jelinek (1985), foi o único capaz de derivar as características sintáticas do Asurini acima mencionadas . Segundo esse parâmetro , os argumentos verbais podem ser projetados na sintaxe de duas maneiras : (i) por meio de sintagmas nominais , lexicalmente realizados ou não ; ou (ii) através de afixos/clíticos inseridos na morfologia verbal . As línguas que adotam (i) são denominadas de línguas de argumento lexical e aquelas que adotam (ii) são conhecidas como línguas de argumento pronominal . Nessas últimas, os sintagmas nominais possuem o estatuto de adjunto.

Mark Baker (1990) também admite a existência de línguas em que os NPs não exercem função argumental. O Autor discorda, porém, de que nelas , os elementos pronominais realizados na morfologia do verbo sejam , de fato, argumentais. De acordo com Baker, os afixos verificados na morfologia verbal dessas línguas seriam apenas elementos de concordância que recebem caso do núcleo. Os verdadeiros argumentos do predicado estariam representados na sintaxe por meio de categorias vazias como pros. variáveis de sintagmas-qu e vestígios de incorporação nominal.

Discutiremos neste estudo as propostas de Jelinek e de Baker com base nos dados do Asurini e de outras línguas da família

Tupi-Guarani. Mostraremos que ao atribuir aos afixos/clíticos verbais o estatuto de argumento, é possível explicar o porquê da co-ocorrência de certas propriedades sintáticas observadas nessas línguas.

Esperamos que esta tese traga alguma contribuição não só para a teoria paramétrica, mas também para o estudo das línguas da família Tupi-Guarani, visto que a descrição e análise aqui apresentadas refletem uma nova maneira de olhar os dados dessas línguas.

CAPÍTULO 1

O PARÂMETRO DA CONFIGURACIONALIDADE(=PROJEÇÃO) E A LÍNGUA ASURINI DO TROCARÁ

Iniciamos o nosso estudo sobre a língua Asurini do Trocará, investigando o fenômeno da ordem livre no nível oracional. Depois de algum tempo de pesquisa, constatamos que o Asurini também apresentava outras características associadas às línguas do tipo não-configuracional, tais como: ordem livre no nível sintagmático (=expressões descontínuas) e uso abusivo de anáfora zero¹.

Entre as propriedades não-configuracionais do Asurini, a que mais nos chamou a atenção fora o uso facultativo dos sintagmas nominais (=uso abusivo de anáfora zero). Em trabalho de pesquisa de campo, percebemos que as sentenças do Português contendo sintagmas nominais e pronominais podiam ser realizadas no Asurini apenas pelo predicado verbal. Assim, é possível expressar pela forma em 1 as sentenças : "o homem bateu na mulher" e "ele bateu nela" ² :

¹ As construções com uso abusivo de anáfora zero são caracterizadas pela ausência de sintagmas nominais/pronominais, como em (i-iii) onde o sujeito e/ou o objeto não são expressos :

- (i) Eu vi.
- (ii) o vi.
- (iii) Vi.

² A lista das abreviações usadas no texto encontra-se no Apêndice.

1) o-nopo

3A-bater

'Ele bateu nela.'

Enquanto as orações do Português com sintagmas nominais plenos são realizadas de várias maneiras em Asurini(1-4), aquelas com sintagmas pronominais só ocorrem na forma expressa no exemplo 1 ³.

2) kosoa o-nopo

mulher 3A-bater

'Ele bateu na mulher.'

3) i-mena o-nopo

3 poss.-marido 3A-bater

'O marido bateu nela.'

4) i-mena o-nopo kosoa

3 poss-marido 3A-bater mulher

'O marido bateu na mulher.'

³ Em Asurini existem pronomes livres, mas esses só são usados em contextos de ênfase ou contraste.

(i) - a'e a-ha-pota
ele 3A-ir-querer/ir
'É ele (quem) vai.'

A partir dessas constatações, passamos a suspeitar do estatuto argumental dos sintagmas nominais do Asurini. Nessa época, tomamos conhecimento do trabalho de Eloise Jelinek, a primeira pesquisadora na linha gerativa a reconhecer que os sintagmas nominais (NPs) de certas línguas nativas são gerados em posição de adjunto.

Segundo Jelinek (1984,1985), as línguas com sintagmas nominais adjuntos possuem uma característica comum : morfologia verbal marcada com elementos pronominais . São esses afixos/clíticos pessoais no verbo que exercem função argumental , o que torna os NPs elementos dispensáveis .

Para dar conta da variação existente entre línguas desse tipo e línguas como o Inglês, em que os itens lexicais funcionam como argumentos, Jelinek propõe o Parâmetro da Projeção (=Argument Type Parameter) que é assim definido :

- a. " In Pronominal Argument (PA) languages, only pronominal (and anaphoric) clitics and affixes serve as arguments.
- b. In Lexical Argument (LA) languages, lexical items serve as arguments."

(Jelinek,1985:1)

De acordo com a Autora, os Princípios da Projeção e da

Projeção Estendida⁴ são satisfeitos através dos afixos/clíticos na morfologia verbal nas línguas de argumento pronominal (PA) e através de NPs, lexicalmente realizados ou não, nas línguas de argumento lexical (LA).

O Asurini parece encaixar-se perfeitamente no grupo das línguas de argumento pronominal. Os seus predicados verbais são caracterizados pela presença obrigatória de elementos pronominais e os seus sintagmas nominais apresentam propriedades atribuídas aos adjuntos: ordem livre e ocorrência facultativa.

Para dar conta dos fatos observados em Asurini, adotamos, então, como hipótese inicial desta tese, a proposta de Jelinek sobre línguas em que os argumentos verbais são projetados na sintaxe através de afixos/clíticos pronominais.

1.1 OS PARÂMETROS DA CONFIGURACIONALIDADE E DA PROJEÇÃO

O Parâmetro da Projeção é, às vezes, confundido com o Parâmetro da Configuracionalidade. Daí o título da tese. Essa confusão é resultante da definição nebulosa do termo "configuracionalidade."

No início dos estudos sobre o fenómeno da ordem livre no Warlpiri e no Japonês, Hale (1981, 1983) acreditava que tal característica estivesse relacionada à ausência de uma configuração sintática nessas línguas.

⁴ O Princípio de Projeção exige que os argumentos selecionados por um item lexical estejam representados por categorias em todos os níveis sintáticos. O Princípio da Projeção Estendida requer a presença de um sujeito na oração.

Naquela época , postulava-se que a diferença entre línguas com ordem fixa e línguas com ordem livre fosse o resultado de uma variação no nível da estrutura-P: presença (nas línguas configuracionais) ou ausência (nas línguas não-configuracionais) de um sistema de regras X-barra.

A co-ocorrência das seguintes propriedades (que seriam derivadas da não ocorrência de regras de estrutura frasal) eram usadas como diagnóstico para a identificação das línguas não-configuracionais : a) ordem livre ;b) uso de expressões descontínuas;c) uso abusivo de anáfora zero;d) ausência de movimento sintático;e) ausência de NPs pleonásticos;f) sistema rico de marcação causal; e g) morfologia verbal rica.

Em pesquisas posteriores, ficou constatado que esse grupo de propriedades não era derivado de um único parâmetro. Saito (1984), por exemplo, comprovou que o Japonês, apesar de ter ordem livre, expressões descontínuas e uso abusivo de anáfora zero, é altamente configuracional no nível da estrutura-P, isto é, tem um sintagma verbal que impõe restrições sobre a ordem dos constituintes oracionais. A ordem aparentemente "livre" em Japonês é derivada por uma regra sintática do tipo scrambling.

Na verdade, existem dois problemas distintos envolvendo o fenômeno da configuracionalidade, que são provenientes de dois tipos de variação na estrutura-P. Um deles refere-se à projeção estrutural (configuracional) dos argumentos verbais. O outro tem a ver com o tipo de categoria projetada como argumento. O Parâmetro da Configuracionalidade foi proposto inicialmente para

dar conta dos dois casos. Mais tarde o Parâmetro da Projeção foi postulado, para resolver o segundo problema, como veremos nas próximas seções.

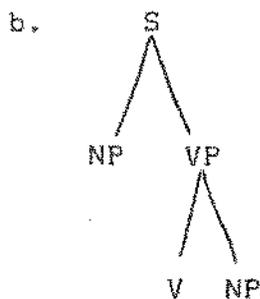
1.1.1- Variação no sistema de regras sintagmáticas

No início dos estudos do fenômeno da configuracionalidade, Hale(1981) acreditava que a diferença tipológica entre línguas configuracionais e não-configuracionais refletia uma variação no sistema de regras sintagmáticas responsáveis pela geração da estrutura-P.

De acordo com o Autor, as regras do componente de base poderiam ser de dois tipos:

(i)-Regras X-barra que impõem uma organização hierárquica às estruturas sintáticas, como em:

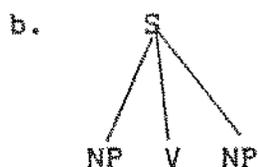
- 5) a. $X' \rightarrow \text{Spec } X'$
 $X' \rightarrow \text{Compl } X'$



A regra em 5a é empregada em línguas configuracionais, onde os constituintes do sintagma ocupam posições específicas e a relação de dominância distingue o argumento externo (o sujeito) do argumento interno (o objeto)⁵.

(ii) Regras do tipo W^* que não especificam a categoria dos constituintes do sintagma e que geram um alinhamento de palavras de extensão arbitrária e sem estrutura interna :

6) a. $S \rightarrow W^*$



As línguas não-configuracionais empregam a regra 6a para gerar a estrutura $-P$ e por isso, têm uma sintaxe plana, como em (6b).

A ordem livre observada nessas línguas resulta do fato de que 6a não contém posições específicas para os constituintes e assim, os itens lexicais podem ser inseridos de maneira arbitrária em qualquer ordem.

O fenômeno da anáfora zero é também derivado da regra sintagmática do tipo W^* que permite que a oração contenha vários

⁵ O argumento externo é projetado fora do sintagma verbal, ao passo que o argumento interno é projetado no interior do sintagma verbal.

nominais ou apenas o núcleo. Observe-se que o número de constituintes em ba não é específico, o que possibilita a não-geração dos NPs nucleares na sintaxe.

1.1.2 O relaxamento do Princípio de Projeção

Em desenvolvimentos posteriores da Teoria Gerativa, foi observado que as representações sintáticas não eram geradas livremente pelas regras sintagmáticas do componente de base, mas eram determinadas pelas propriedades de subcategorização do núcleo lexical. As regras sintagmáticas que derivavam a estrutura -P passam, então, a ser especificadas pelo léxico.

A partir dessa constatação, a variação tipológica entre línguas configuracionais e não-configuracionais não mais dependia da parametrização do sistema de regras sintagmáticas, mas da parametrização do Princípio de Projeção (PPr) que restringe a forma da estrutura-P.

O PPr exige que os argumentos selecionados pelo núcleo estejam presentes por meio de categorias em todos os níveis sintáticos. De acordo com a segunda versão do Parâmetro da Configuracionalidade (PC) proposta por Hale (1983), o PPr é mantido na Estrutura Lexical (EL) em todos os tipos de línguas.

EL é o nível abstrato de representação sintática que reflete diretamente as propriedades de subcategorização do item lexical.

A variação entre línguas configuracionais e não-configuracionais é o resultado do modo de aplicação do PPr na Estrutura Sintagmática (ES), que é o reflexo morfofonológico direto da EL.

Nas línguas configuracionais, o PPr é mantido na ES. Como o mapeamento entre esses dois níveis estruturais é isomórfico, essas línguas manifestam ordem fixa e expressam os argumentos verbais por meio de categorias lexicalmente realizadas ou vazias.

Nas línguas não-configuracionais, o PPr é relaxado na ES. Sendo assim, a assimetria entre argumento interno e externo não é verificada, o que possibilita a inserção livre dos itens lexicais em qualquer ordem. Além disso, como os argumentos verbais não precisam estar representados por categorias na ES, a ocorrência de anáfora zero é permitida. Nesse caso, os NPs estão simplesmente ausentes.

A definição do PC proposta por Hale não está livre de problemas. Speas (1986) argumenta que Hale, ao tentar derivar as propriedades não-configuracionais dessas línguas de um único parâmetro, deixa de diferenciar os dois aspectos do PPr que deveriam ser atribuídos a parâmetros distintos.

1.1.3- Os dois aspectos do Princípio de Projecção

De acordo com Speas (1986), o PPr exige não só que os argumentos selecionados pelo núcleo lexical estejam presentes em

todos os níveis de representação sintática, mas também que a assimetria entre argumento interno e externo, derivada das propriedades lexicais do núcleo, seja mantida. Assim, existem dois aspectos do PPr a considerar: a presença categorial dos argumentos e as suas realizações estruturais.

Muitos trabalhos sobre o fenômeno da configuracionalidade focalizaram a questão da variação do PPr no seu aspecto estrutural, isto é, na existência ou não de um sintagma verbal que possibilita o reconhecimento configuracional entre sujeito e objeto (Saito, 1984).

Outros trabalhos concentraram-se no problema da representação categorial dos argumentos, como veremos a seguir.

1.1.4- A variação no modo de projeção dos argumentos verbais

Ciente desses dois aspectos distintos, embora relacionados, do PPr, Jelinek (1985 e 1989) reconhece a existência de dois parâmetros capazes de dar conta dos fatos observados nas línguas classificadas como não-configuracionais:

(i)- O Parâmetro da Configuracionalidade que diz respeito à ocorrência ou não de uma dicotomia entre o sujeito e o predicado (= realização estrutural dos argumentos).

Em certas línguas, o sintagma verbal é inexistente, o que faz com que o argumento externo e o interno se c-comandem

mutualmente, trazendo consequências para a Teoria da Ligação, por exemplo.

(ii)- O Parâmetro da Projeção (PPr) (Argument Type Parameter) que está relacionado à presença dos argumentos em todos os níveis de representação sintática.

De acordo com Jelinek, os argumentos verbais estão presentes na ES em todas as línguas. Em algumas delas, eles são representados por NPs lexicalmente realizados ou por categorias vazias. Esse é o caso do Japonês e do Inglês que são línguas do tipo argumento lexical. Em outras, os argumentos são realizados através dos afixos/clíticos na morfologia verbal, como é o caso do Warpiri, Navajo e Ojibwa, línguas do tipo argumento pronominal em que os NPs exercem apenas a função de adjunto.

Cumpre notar que nas línguas de argumento pronominal, a questão da configuracionalidade - presença ou ausência de VP- só é relevante se for aceita a hipótese de que o complexo verbal tem uma configuração hierarquizada onde o afixo/clítico externo comanda o afixo/clítico interno.

1.1.5 As hipóteses de Jelinek e de Baker

Jelinek (1984, 1985, 1989 e 1992) e Baker (1990) admitem a existência de línguas com marcadores pessoais na morfologia verbal em que os NPs se encontram em posição de adjunção. Os

investigadores divergem, todavia, em relação ao estatuto dos verdadeiros argumentos verbais.

Para Jelinek, o Princípio de Projeção é satisfeito através dos afixos/clíticos nesse tipo de língua. O verbo fica saturado e não pode reger nenhuma posição externa a ele. Em consequência desse fato, as línguas de argumento pronominal apresentam as seguintes características:

(i)- Ausência de regras de movimento sintático.

Os NPs, de acordo com Jelinek, são gerados em posição de adjunto. Sendo assim, inexiste uma distinção sintática entre posições A e A-barra da qual depende a aplicação de regras de movimento. É de se esperar, portanto, que não ocorram estruturas passivas, regras de alçamento de sujeito e construções relativas e interrogativas derivadas via regras de mover- α .

(ii) Ausência de mini-orações e orações-complemento regidas.

Como o verbo só rege os afixos /clíticos nessas línguas, as mini-orações e orações-complemento são estruturas em adjunção, licenciadas via coindexação com os elementos pronominais no verbo da sentença matrix.

(iii) Ausência de categorias vazias.

Como os argumentos estão expressos na morfologia verbal, não há categorias vazias na sintaxe.

Para dar conta da existência de línguas com NPs adjuntos , como o Mohawk, Baker (1990) propõe o seguinte parâmetro baseado na Teoria do Caso:

- 7) "The agreement morphemes receive the head's cases in Mohawk (at S-structure)"

(Baker, 1990:25)

Observe-se que os únicos elementos com caso nesse nível de estrutura(-S) sintática são os morfemas de concordância. Dessa maneira, todos os NPs estão excluídos das posições-A.

Segundo o Autor, o Princípio de Projeção é satisfeito através de categorias vazias - pros - licenciadas e identificadas pelos traços de concordância na morfologia verbal .

Como os pronomes nulos não têm realização fonética, o Filtro do Caso não se aplica a eles na estrutura-S, já que este diz respeito aos NPs foneticamente realizados.

Baker propõe outro Filtro do Caso (B) que é válido para a Forma Lógica e que afeta apenas os argumentos nulos:

- 8) * Argument chain without case (at LF)

(Baker, 1990:23)

Na Forma Lógica as categorias vazias devem ser marcadas para caso a fim de se tornarem visíveis e receberem papel temático . Os morfemas de concordância são, então, apagados e caso é reatribuído aos argumentos nulos.

De acordo com essa hipótese, somente os NPs lexicalmente realizados estão excluídos das posições argumentais. Outros elementos, como pros, vestígios de incorporação nominal, variáveis de sintagmas-qu e orações-complemento têm estatuto argumental.

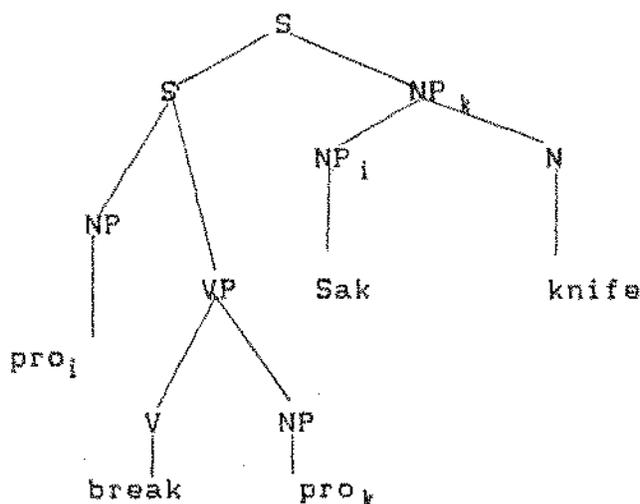
Uma sentença do Mohawk como 9 tem a representação em 9'

MOHAWK

9) wa'-t-ha-ya'k-e' Sak rao-'share'
 fact-dual-3sS-break-punc S. MsP-knife
 'He_i broke Sak_i's knife

(Baker, 1990:5)

9')



(Baker, 1990:5)

Postulando uma estrutura como 9' acima, evita-se que o Princípio C da Teoria da Ligação seja violado. A expressão referencial Sak, em adjunção ao nó S, não é c-comandada por pro em tal configuração e assim, pode ser correferencial com

ele.

Na próxima seção apresentaremos as características "não-configuracionais" do Asurini .

1.2- AS CARACTERÍSTICAS " NÃO-CONFIGURACIONAIS " DO ASURINI

Como já mencionado no início deste capítulo, a língua Asurini do Trocará apresenta determinadas características que eram associadas ao fenômeno da não-configuracionalidade, a saber: ordem livre, expressões descontínuas, uso abusivo de anáfora zero e ausência de regras de movimento sintático .

1.2.1. A ordenação livre dos constituintes oracionais

A ordem dos constituintes oracionais é extremamente livre em Asurini. Os nominais nas funções de "sujeito" e "objeto" não são marcados morfologicamente para caso e a posição em que ocorrem na sentença não é importante para a codificação de relações gramaticais.

Uma oração como: "o menino bateu no cachorro" pode ser realizada por qualquer tipo de ordem ⁶:

⁶ Através da contagem de 670 orações, constatou-se não haver em Asurini uma ordem neutra no nível oracional, posto que 53% eram do tipo OV, ao passo que 43%, do tipo VO.

- 10) SVO konomia o-nopo sawara
 menino 3A-bater cachorro
 OVS sawara o-nopo konomia
 SOV konomia sawara o-nopo
 OSV sawara konomia o-nopo
 VSO o-nopo sawara konomia
 VOS o-nopo konomia sawara

A ausência de ordem no nível oracional é também verificada nas orações dependentes :

11) a. a-san [h-esak-a ilma] VO

1A-^hvir 3P-ver-ger. ilma

b. a-sa. [ilma h-esak-a] OV

'Vim para ver ilma'

1.2.2- Uso abusivo de anáfora zero

Em Asurini, língua do tipo ativo, o verbo caracteriza-se pelo uso obrigatório de afixos subjetivos ou objetivos.

Nas orações independentes, a 3ª pessoa não é realizada lexicalmente na morfologia verbal quando interage com as 1ª e 2ª pessoas ⁷. Apesar de não vir expressa foneticamente no verbo

⁷ Vide Seki (1982, 1990), Leite (1987, 1990) e Leite e Vieira (1990) para discussão sobre o sistema de marcação de caso em algumas línguas Tupi-Guarani.

a 3 pessoa está presente , posto que 12 e 13 são as únicas formas não-marcadas para expressar "eu o vi" e "ele me viu".

12) a-esaŋ

1A-ver

'Eu o vi'

13) se-r-esaŋ

1P-rel.-ver

'Ele me viu'

Construções como 12 e 13 representam orações completas, complexos funcionais completos e são muito mais frequentes do que aquelas com nominais plenos. Os NPs, como mencionamos anteriormente, são opcionais.

1.2.3-Expressões descontinuas

A ausência de ordem no nível oracional parece estender-se ao nível sintagmático em Asurini. Os quantificadores cardinais e universais e os demonstrativos não precisam estar adjacentes aos nominais que modificam .

14) osepésowe a-nohem ipira

um 1A-tirar peixe

'Tirei apenas um peixe'

15) toria a-ha osepesowe

civilizado 3A-ir um

'Um brasileiro foi'

16) sememyra osepesowe a-ha

meu filho um 3A-ir

'Um filho meu foi'

17) heta ipira a-soka

muito peixe 1A-matar

'Matei muitos peixes'

1.2.4- Ausência de movimento sintático

Nenhuma regra convencional de movimento sintático, como mover-NF e mover-Qu foi verificada na língua aqui investigada.

Em Asurini inexitem verbos de alçamento de sujeito, como "parecer" "ser". Para dar a idéia expressa em "Yara parece que vai dançar" o modal sawa ("talvez") é empregado, como em :

18) Yara sawa o-porahai-ta

Yara talvez 3A-dançar-querer/ir

Lit: 'Talvez Yara vá dançar'

Também estão ausentes regras de alternância de voz, como passivas, antipassivas e voz inversa, que afetem as relações

gramaticais dos sintagmas nominais.

Monstraremos no capítulo 4 que as estruturas interrogativas, relativas e de incorporação nominal do Asurini também não envolvem movimento sintático.

Antes de expormos as nossas conclusões referentes às propostas de Jelinek e Baker, apresentaremos nos capítulos 2 e 3 a descrição e análise de alguns pontos gramaticais importantes para um melhor entendimento sobre a estrutura da língua aqui investigada.

Cumpré notar que existem estruturas em Asurini em que os sintagmas nominais exercem função argumental, como veremos a seguir.

CAPÍTULO 2

AS CATEGORIAS LEXICAIS E O SISTEMA DE DETERMINANTES EM ASURINI

Neste capítulo serão abordadas algumas questões sobre as categorias lexicais e funcionais em Asurini ¹.

Na primeira seção apresentaremos evidências de que certos elementos lexicais em Asurini ainda conservam vestígios de uma neutralidade em relação às categorias lexicais. Neutralidade esta também observada por Edelweiss (1958:18) no Tupi Antigo e que sugere, segundo o Autor, que em tempos remotos parece ter havido uma indistinção entre categorias lexicais nessas línguas.

Mostraremos também que os sintagmas nominais em estruturas contendo predicados nominais e posposicionais têm estatuto argumental.

Discutiremos ainda o estatuto de complementizador do morfema ramo usado em contextos de troca de referência.

Na segunda seção, examinaremos o comportamento morfossintático das palavras Asurini que correspondem à classe dos determinantes em outras línguas. Os dados investigados revelam que demonstrativos e quantificadores não formam uma unidade sintática com o nominal, posto que são membros de outras categorias como advérbios, nomes e verbos estativos. Dessa maneira, o termo "expressão descontínua" parece inadequado para

¹ O predicado verbal será tratado no Capítulo 3.

caracterizar as construções em que os "determinantes" e nominais se encontram afastados .

2.1- O CONTRASTE ENTRE AS CATEGORIAS LEXICAIS

A teoria X-barra tem como seu princípio básico o fato de todo sintagma ser projeção de seu próprio núcleo. Isto é, as categorias sintagmáticas - NP, VP, AP e PP - são derivadas de suas respectivas categorias lexicais básicas -N , V,A e P.

Existem línguas , todavia, em que a diferença subjacente entre categorias lexicais parece não ser tão nítida.

De acordo com Rice (1969) , em Slave (Atapasca) os itens lexicais têm estatuto ambíguo, pois podem ter tanto uma interpretação nominal , quanto verbal.

SLAVE

	<u>nome</u>		<u>verbo</u>
1) a.	te 'gelo'		-te 'gelar'
	b. seeh 'saliva'		-seeh 'cuspir'
	c. tsó 'excremento'		-tsó 'defecar'

(Rice, 1969:161)

Rice sugere que as raízes lexicais em Slave não devem ser atribuídas a categorias específicas e que só a presença de certos afixos é capaz de diferenciá-las:

"Sapir (1923) argued that Athapaskan verb stems are underlying nominals with affixes functioning to change the

category to verb . Sapir did not present evidence that it is the noun that underlies the noun/verb pairs. Instead of taking either the noun or the verb as basic , I assume that the underlying form is a root, not necessarily assigned to a lexical category. Roots are converted into stems by stem formation rules which assign a lexical category , noun, verb, or posposition."

(Rice,1989:161)

No caso do Slave são os afixos que determinam as categorias lexicais das raízes.

Ainda na mesma linha que Rice, Partee (1990) sugere que as categorias sintagmáticas podem não ser derivadas de um contraste semântico subjacente entre as categorias lexicais - N e V - , mas devem ser determinadas pelos tipos de operadores sintáticos com os quais co-ocorrem. Assim, um elemento lexical neutro entre uma leitura nominal ou verbal será realizado como NP, se associado a certos determinantes ou como VP, se acompanhado por verbos auxiliares² .

Existem outras línguas em que não há categorias como nome, verbo ou adjetivo e nem as suas respectivas projeções máximas. Jelinek (1992) mostra que nas línguas Saliche³ , toda palavra é um predicado , pois contém um sujeito na forma de clítico.

² A similaridade de traços de seleção entre nomes e verbos levou Chomsky (1970) em Remarks on nominalization a postular uma única entrada lexical para as duas formas .

³ Kinkade (1984) também analisa as palavras em Saliche como predicados.

STRAITS SALISH

2) s-ʔeniy'

ST-female=3abs.

She is a woman' (= mulher) (Jelinek, 1992:9)

Para converter um predicado em uma expressão referencial (uma sentença relativa) , basta acrescentar um demonstrativo.

3) xci-t=sə n [kʷ 0 e'a s-ʔeniy]

know-TRANS.-3A -1sNOM. that st-female

'I know her, that woman.'

(Jelinek, 1992:9)

2.1.1- As categorias lexicais em Asurini

Na língua Asurini do Trocará , alguns radicais , principalmente aqueles que se referem a termos de parentesco e partes do corpo humano , são ambíguos entre uma interpretação nominal ou verbal. É através do sufixo -a que os nomes são derivados em Asurini ⁴. Observe-se que um NP em Asurini funciona como expressão referencial ou como predicado nominal ⁵.

⁴ Todo nominal em Asurini é marcado com o sufixo -a.

⁵ De acordo com Harrison (1975), o sufixo -a tem o alomorfe -ə, quando ocorre após raízes terminadas em e. Um exemplo que ilustra esta regra morfofonológica seria:

(i) akoma'e + a > akoma'ee > akoma'e 'homem.'

(ii) a. se-koma'e b. akomə'e
 1P-homem homem
 'Tenho homem.' 'homem.'
 ou
 'É homem.'

- 4) a. i-py
 3P-pé
 'Ele tem pé.'
 'Ele tem mulher.'
- b. i-py-a
 3poss.-pé-nom.
 'O pé dele.'
 ou
 'É o pé dele.'
- 5) a. h-aty
 3P-mulher
 'Ele é casado.'
- b. h-aty-a
 3poss.-mulher-nom
 'A mulher dele.'
 ou
 'É a mulher dele.'
- 6) a. se-memyr
 1P-filho
 'Eu tenho filho.'
- b. se-memyr-a
 1poss.-filho-nom.
 'O meu filho.'
 ou
 'É o meu filho.'
- 7) a. o-se'eŋ
 3A-falar
 'Ele fala.'
- b. o-se'eŋ-a
 3poss.-falar-nom.
 'A fala dele.'
 ou
 'É a fala dele.'

8) a. se-ro'y	b. se-ro'y-a
1P-febre	1poss.-febre-nom.
'Eu tenho febre.'	'minha febre.'
	ou
	'É a minha febre.'

9) a. o-tym	b. o-tym-a
3A-enterrar	3poss.-enterrar-nom.
'Ele enterrou.'	'O enterro dele.'
	'É o enterro dele.'

Os exemplos acima constituem evidência para o fato de que em algumas línguas, o contraste entre NPs e VPs não é determinado pela distinção semântica subjacente entre N e V, mas é derivado por meio de operadores, tal como proposto por Partee e Jelinek.

Observamos ainda em Asurini que outros elementos lexicais, ora são realizados como posposições, ora como nomes ou verbos.

10) a. i-pyteri	b. i-pyter-a
3-no meio	3 poss-meio-nom.
"no meio dele"	"o meio dele"

11) a. yhara - <u>pype</u>
canoas- em
'na canoa'

12) b. kwe oro-pa oro-so-pyype-o i-pype aña -pype
então 1 excl.A-sentar 1 excl.A-recip.-dentro-dep. 3-dentro
casa-dentro.

'Then , we sat down side by side inside the house.'

(Solly, 1963:No 20)

c. o-pyype

3A-dentro

'botar um dentro do outro'

(Nicholson, 1975:67)

d. o-pype-mamym

3A-dentro-enrolar

'enrolar '

(Nicholson, 1975)

O elemento lexical pype ocorre como posposição em 12a e b,
como verbo em 12b e c, e ainda como nome em 12d ⁶.

Os dados até aqui apresentados parecem indicar que em
estágios anteriores, as raízes eram neutras em relação às
categorias lexicais. Talvez isso explique a ocorrência do morfema
causativo mo- com qualquer elemento lexical da língua, inclusive
com advérbios (ex. 17) e nomes de animais (ex. 16).

13) a. tynehem

cheio

'cheio.'

b. mo-tynehem

caus.-cheio

'encher.'

⁶ Em 12d, pype está funcionando como nome, posto que não
há incorporação de posposição em Asurini.

- 14) a. o-son
3A-correr
'Ele correu.'
- b. o-mo-son
3A-caus.-correr
'Ele o fez correr.'
- 15) a. awa
alguém/quem
'Alguém.'
- b. i-mo-awa-o
3P-caus.-alguém'
'o fez gente.'
- 16) a. sawara
onça
'onça'
- b. i-mo-sawat-a
3A-caus.-onça-dep.
'o fez virar onça'
- 17) a. aose
não
'não'
- b. sa-mo-aose-rame⁷
1excl.A-caus.-não-agora
'ainda não (??)'
(Tomkins, 1976:9)

A identificação de categorias lexicais a partir de determinados afixos é também verificada em Tupinambá como sugere Barbosa (1956) em sua gramática sobre a língua :

" A distinção verbo-nome não é nítida , pois todo nome pode tornar-se predicativo, e todo verbo no infinitivo é um verdadeiro nome. Os mesmos morfemas parece terem dois "status": o verbal e o nominal." (Barbosa:1956:393)

⁷ Tomkins não oferece uma tradução exata para este verbo, mas o que pode ser percebido é que ao advérbio aose foram acrescentados o morfema causativo mo e o afixo pessoal referente ao sujeito do verbo ativo.

Mais adiante o Autor acrescenta:

"A presença ou não de determinados afixos é o que precisa se tal palavra é nome ou verbo."

(Barbosa, 1956:396)

TUI INAMBÁ

- | | |
|-----------------|----------------------|
| 18) a. nde-r-ub | b. nde-r-ub-a |
| 2P-rel.-pai | 2poss.-rel.-pai-nom. |
| 'Tens pai.' | 'Teu pai.' |

(Barbosa, 1956:144)

- | | |
|--------------|----------------|
| 19) a. a-ker | b. xe-ker-a |
| 1A-dormir | 1 poss.-dormir |
| 'Eu durmo.' | 'Meu dormir.' |

(Barbosa:1956:139)

Pelo acima exposto , concluímos que nem todas as línguas apresentam uma distinção subjacente entre categorias lexicais. Nesses casos, o núcleo do sintagma pode ser um afixo, como ocorre nos exemplos b de 4 - 9.

Examinaremos nas próximas seções , a função predicativa dos sintagmas posposicionados (PPs) e dos sintagmas nominais (NPs) em Asurini .

2.1.2- O sintagma posposicionado e a sua função predicativa

O sintagma posposicionado em Asurini pode funcionar como predicado :

20) ywaŋa-re tatasiŋa

céu -em nuvem

'A nuvem (está) no céu.'

21) Murusupia-manakoa-pype ipira

M. -cesta-em peixe

'O peixe (está) na cesta de Murusupia.'

22) isoroca-re i-koa

boca-em 3 poss-língua

'A língua dele (está) na boca.'

(Nicholson, 1975a:4)

23) ka'a-pe amote

mato-em outro

'O outro (está) no mato.'

(Nicholson, 1975a:10)

Os NPs acima ocupam posição argumental, uma vez que inexitem afixos pessoais na morfologia do PP que possam assumir função argumental.

Note-se que a ordem em 20-23 é sempre: PP NP⁸ e que os exemplos acima parecem com mini-orações absolutas do tipo:

24) Bonita a sua casa.

25) Um artista, o seu filho.

(Kato, 1989:5)

26) Na boca, a língua.

Segundo Kato (1989), as mini-orações absolutas como as verificadas em 24 e 25 são construções ergativas em que existe uma posição vazia de sujeito à esquerda e o NP é gerado como argumento interno em X' à direita⁹.

27) [cv[lindo seu cabelo]].

Nas mini-orações absolutas, o NP não ocorre no lugar de sujeito vazio (cv) porque nessa posição não há um regente externo que possa lhe conferir caso.

⁸ () Em Kayabi esse tipo de estrutura também apresenta a ordem: PP NP

(i) - `yw-ywyi pype' gar-upi'a
árvore-oco em 3ms-ovos
'(Ele põe) ovos no oco da árvore.'
(Dobson, 1988:23)

⁹ Os exemplos 27 27' 27'' foram extraídos de Kato (1989).

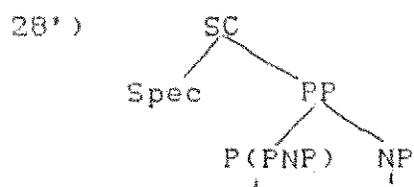
27') * [seu cabelo¹[[lindo v_i]]]

Se, todavia, a mini-orção absoluta for complemento de um verbo, o NP pode ser alçado para cv porque terá caso atribuído em tal configuração pelo verbo na sentença matrix.

27'') cv achei [seu cabelo_i [[lindo v_i]]].

Kato argumenta que o núcleo das mini-orções com sintagmas pre/posicionados é o próprio PP (P+complemento), tendo o NP como seu argumento interno.

28) Acho [cv|sem graça, Maria]



A hipótese de Kato sobre a configuração ergativa das mini-orções absolutas explica a ordem PP NP nas estruturas apresentadas em 20-23. O NP é argumento interno do núcleo complexo - P NP- e tem caso atribuído de modo inerente à direita. Dessa maneira, o argumento interno não pode ocorrer à esquerda. Se o complemento de PP for movido para a posição de sujeito, ele não receberá caso e a construção se torna

2.1.3. O sintagma nominal e a sua função predicativa

O sintagma nominal em Asurini funciona ou como expressão referencial ou como predicado nominal.

De acordo com a nossa hipótese, os sintagmas nominais referenciais exercem o papel de adjunto nas estruturas contendo predicados verbais. Existem outros contextos, porém, em que os NPs podem exercer função argumental. Um deles é o das mini-orações absolutas. Os outros são:

29) Akwapitiŋa-r-opawa

A. rel-rede

'A rede de A.'

¹⁰A nosso ver, uma mini-oração absoluta não ocorre como complemento de verbos transitivos em Asurini, visto que o verbo da oração principal só é capaz de reger os seus afixos/clíticos. Sendo assim, o argumento do PP, se alçado para a posição de Spec, não poderia ter caso conferido por um regente externo.

A construção do Português: "eu não vi o jacaré que estava no rio" é realizada em Asurini como

(i) n-a-esaŋ-ihi [sakare y-pe i-towaŋi]
neg., 1A-ver-neg. jacaré rio-em 3-virar(?) IndII

'Eu não vi/o jacaré virou(?) no rio.'

onde, além da inclusão de outro predicado itowaŋi, a oração principal e a encaixada estão numa relação de justaposição e não de núcleo-complemento.

30) Tucurui-pe

T. em

'Em Tucurui.'

31) Aymna-kyyn-ta-ramo

chuva-cair-fut.-ramo

'Quando cair a chuva.'

(Solly:1963:No 18)

Em 29, 30, e 31, os NPs são complementos do nome ("rede") da posposição ("em") e do verbo ("cair") respectivamente ⁱⁱ. Nesses contextos, a atribuição de caso ocorre sob regência estrutural e o NP e o núcleo devem estar adjacentes. Nenhum elemento pode intervir entre o elemento regente e o regido.

O sintagma nominal em Asurini pode ainda exercer função predicativa, tendo como sujeito outro sintagma nominal.

32) Sa'e se-mena

S. 1poss.-marido

'Sa'e (é) meu marido.'

33) ise akwawa

Eu índio

'Eu (sou) índio.'

ⁱⁱ Nas construções com ramo (ex. 31), o verbo pode ocorrer sem prefixos pessoais e o NP passa a exercer função argumental.

- 34) akoma'e Yara-memyra
homem Y.-filho
'O filho de Yara (é) homem.'

As construções com predicados nominais serão discutidas na próxima seção.

2.1.3.1. Os verbos copulares

Kratzer (1989), seguindo Carlson (1977), reconhece o contraste entre dois tipos de predicado em termos de suas propriedades quantificacionais:

- (i) Os predicados denominados de stage-level, que se referem às propriedades temporárias do indivíduo ("comer", "dançar", "estar feliz"), possuem um argumento evento como variável que pode ser ligado por expressões temporais ou locativas.

35) Toda manhã ele está ocupado.

- (ii) Os predicados individual-level, que se referem às propriedades permanentes dos indivíduos ("saber", "ser baixo"), não têm um argumento evento em forma de variável que possa ser modificado por sintagmas locativos ou temporais.

36) * Toda manhã ele é alto.

Segundo Diesing (1992), os sujeitos dos predicados stage-level são gerados na base em [Spec, VP] onde recebem seu papel temático do verbo. Na Forma Lógica, eles são interpretados como indefinidos se permanecerem em sua posição original ou como genéricos ou definidos, se forem alçados para [Spec, IP].

Os sujeitos dos predicados individual-level que são sempre definidos ou genéricos (*"Um homem é baixo.") são gerados na base em [Spec, IP] onde recebem o papel teta "tem a propriedade X" de INFL ¹².

O Português tem dois verbos copulares diferentes que refletem a distinção entre esses dois tipos de predicado: "ser" (individual-level) e "estar" (stage-level).

O Asurini também distingue formalmente entre esses dois tipos de estrutura. Existe o verbo aka que corresponde ao "estar" do Português.

37) amote-ho-a ya-ropi ara-ka ore
outra-grande água-ao longo lexcl. A-estar nós
'Nós estávamos ao longo do rio, o outro (que é) grande.'

38) Mo pa h-eka-i akawawa.
onde inter. 3-estar-IndII indio
'Onde estão os índios?'

(Tomkins, 1976:30)

¹² Segundo Diesing, os predicados stage têm um tipo de flexão ergativa, no sentido de possuírem um sujeito interno, e por isso, não atribuem papel teta à posição [Spec, IP]. Isso permite que o seu sujeito seja alçado para [Spec, IP] a fim de ter caso atribuído da mesma maneira que nas construções de alçamento de NP.

Não há, todavia, um verbo em Asurini que corresponda ao predicado copular do tipo individual-level. Para expressar "ser X" emprega-se um NP, como nos exemplos 32-34 e 39 abaixo:

- 39) Yara h-aty-a
3 poss-mulher-nom
'Yara (é) a mulher dele.'

Com base na hipótese de Diesing, assumimos que os sujeitos dos predicados nominais em Asurini sejam também gerados em [Spec, IP] onde INFL lhes confere o papel temático "tem a propriedade X"¹³. Nessas construções, os sujeitos são definidos, pois na Forma Lógica permanecem na sua posição de base.

Quando o sujeito não é lexicalmente realizado, como em 40b

- 40) a. Awa pa
'Quem é?'
b. cv Takamona
'(Ele) é o Takamona.'

em seu lugar existe uma variável ligada por um operador nulo em Comp, cujo antecedente é encontrado no discurso, como ocorre em Chinês (Huang, 1984).

Em Asurini, os verbos impessoais que expressam fenômenos da

¹³ INFL nesses casos seria nulo em Asurini, mas a sua presença estaria indicada pela ocorrência de elementos evidenciais que são um tipo de advérbio licenciado pela categoria Tempo.

natureza também são realizados por sintagmas nominais.

41) ywytoo-hoa

vento-muito-nom.

'Está ventando muito.'

Nesses casos, os predicados não possuem um sujeito temático. O seu único argumento é a variável evento que pode ser ligada por advérbios .

Curpre notar que o verbo leve pota/ta¹⁴ ("querer", "ir") também ocorre com os predicados nominais impessoais em Asurini do Trocará e no Asurini do Xingú¹⁵.

42) ose'iwe-pota

amanhã -desiderativo

'Vai ser amanhã.'

ASURINI DO XINGÚ

42) amyna-opotat

chuva-desiderativo/futuro

'Vai haver chuva.'

(Nicholson, 1987:11)

¹⁴ Ver Capítulo 3 para discussão sobre verbo pota .

¹⁵ Carlos Fausto (comunicação pessoal) também reporta o uso de potã com NPs em Parakanã.

(i) amyna-pota
chuva-pota

Como o verbo leve precisa da estrutura argumental do verbo principal para projetar na sintaxe, já que os seus argumentos não são especificados em termos de papéis temáticos, assumimos que o argumento-evento dos predicados impessoais aja como o argumento externo da construção (cf. Grimshaw, 1991) e dessa maneira, po/ta pode ser licenciado.

Vimos nas seções precedentes que os sintagmas nominais funcionam como argumentos (complementos ou sujeitos), lexicalmente realizados ou não, dos sintagmas posicionados e dos sintagmas nominais. De acordo com a hipótese a ser aqui defendida, os NPs podem exercer função argumental quando não existe no núcleo nenhum elemento pronominal que sirva o papel de argumento.

2.1.4 O estatuto funcional de 'ramo'

No início de nossa pesquisa, acreditávamos que não havia categorias funcionais como Comp na língua Asurini ¹⁶.

Brandon e Seki (1984) sugerem que os sufixos nominalizadores nas línguas Tupi-Guarani podem ser interpretados como manifestações da categoria de complementizador.

Com base nessa proposta, supomos que existem outros elementos em Asurini aos quais poderíamos atribuir o estatuto de complementizador. Entre eles estaria o morfema ramo encontrado

¹⁶ Como demonstraremos no capítulo 4, o nominalizador wa'e das orações relativas é um possível candidato à categoria de complementizador em Asurini.

nos contextos de troca de referência ¹⁷.

Ramo ocorre no verbo subordinado indicando não-correferencialidade entre o sujeito da oração principal e o da oração dependente.

44) o-kotoŋ Tete i-ro'y-ramo

3A-furar T. 3P-febre

'Tete deu injeção quando ele teve febre.'

(Solly, 1966)

45) se-ha-ramo i-kyr-i amyna

1A-ir 3A-cair-Ind II chuva

'Quando eu fui, choveu.'

46) a. (Ene) i-nopo-ramo i-ha-potar-i

(você) 3P-bater 3A-ir-pota-ind II

'Se você bater nele, ele vai embora.'

b. i-nopo i-ha-potar-i

3P-bater 3A-ir-pota - ind II

'Se (ele_i) bater, ele_i vai embora.'

(Nicholson, 1978:60)

Ramo é também empregado em Asurini em casos em que o sujeito da oração principal tem o mesmo referente que o sujeito estativo ou o objeto da oração subordinada :

¹⁷ Ramo também pode ser usado como predicado.

(i) akoma'e sekwehe sahya-ramo
homem evid. lua-ramo
'O homem (virou) lua.'

47) oro-ty'arahy-ramo oro-pohin i-sohi
lexcl.P-hungry-when lexcl.A-left it-from
'When we were hungry, we quit.'

(Harrison, 1963:6)

48) oe-nopo-ramo a-sa'aa-pota
1P-bater 1A-chorar
'Se me baterem, vou chorar.'

Quando há correferencialidade entre o sujeito da encaixada e o sujeito agentivo da oração matriz, a forma de gerúndio ¹⁸ é usada.

49) a-san i-'o(wo)
1A-chegar 3P-comer-ger.
'Vim para comer.'

O fato de ramo ser usado para indicar tanto correferencialidade, quanto não-correferencialidade, nos leva a suspeitar que a nossa análise esteja incorreta. Acreditamos que nos

¹⁸ A forma verbal no gerúndio apresenta as seguintes características:
(a)-A construção transitiva é marcada com os prefixos da série estativa/objetiva referentes ao tema/paciente.
(b)-A construção intransitiva é marcada com a série de prefixos possessivos correferenciais que se referem ao sujeito.
(c) O fonema final da raiz verbal determina a forma do sufixo do gerúndio: -(w)o é usado depois de vogal; -ta, depois de ditongo e -ã, após consoantes.

exemplos 47 e 48, ramo não esteja marcando correferencialidade entre o sujeito da oração principal e os argumentos da oração dependente. O que acontece nesses casos é a ocorrência de uma hierarquia de papéis temáticos determinando a marcação de correferencialidade. Quando o sujeito-alvo (= o sujeito da sentença subordinada) é agentivo, a forma verbal de gerúndio é empregada. Quando o argumento-alvo é um sujeito estativo ou um objeto, a forma ramo é adotada para indicar mudança de referência. Em Asurini, só o agente é marcado como correferencial ¹⁹.

Em outras línguas, os elementos usados no sistema de troca de referência podem ser nominalizadores, conjunções ou morfemas de tempo/aspecto.

No Tupinambá (Barbosa, 1956) e Asurini do Xingú (Nicholson, 1987), a forma usada para marcar não-correferencialidade é reme que, de acordo com Barbosa, é uma conjunção.

Sugerimos, então, que reme também era usado em Asurini do Trocará para indicar ausência de identidade entre os argumentos de duas orações contíguas, mas que tenha desaparecido, pois exercia a mesma função que ramo nas construções do tipo 47 e 48.

¹⁹ Mecanismo semelhante é encontrado em Quechua (cf. Cole, 1984), língua em que, nas estruturas de (não-) correferencialidade, além do princípio de identidade de referência, existe um outro princípio que envolve a hierarquia referencial de pessoa. Se o sujeito da oração matriz é um expletivo e o sujeito da subordinada é de 1ª e 2ª pessoas, o morfema de identidade entre sujeitos é usado. Mas se o sujeito da oração subordinada é de 3ª pessoa, emprega-se a forma não-correferencial.

Da mesma forma é possível analisar os exemplos 47 e 48 como regulados por uma hierarquia temática.

Podemos concluir que os contextos de troca de referência são introduzidos pela conjunção/ complementizador ramo²⁰. Dessa maneira, a nossa suspeita inicial de que inexistisse em Asurini uma categoria semelhante à Comp passa a ser não fundamentada.

Na próxima seção o sistema de determinantes em Asurini será examinado.

2.2 O SISTEMA DE DETERMINANTES

Em Asurini parece não haver elementos gramaticais independentes que possam ser classificados como determinantes.

Como as categorias funcionais da língua são afixos, poderíamos sugerir que um possível candidato à categoria de determinante seria o sufixo nominalizador-a cuja função principal, como vimos na seção 2.1.1, é derivar nomes.

O nominalizador-a, todavia, não fornece informações sobre (in)definitude, número ou qualquer outro traço quantificacional, isto é, não restringe a referência do nominal que deriva:

50) a. wai	--->	b. was-a
(ter) rabo		rabo nom.
'ter rabo'		'(um(uns)o(s) rabo(s))'

Assim, tudo indica que -a funciona apenas como um operador

²⁰ Seria também possível atribuir ao morfema ramo nesses contextos, o estatuto de um elemento pronominal A-barrado, assim como Finer (1985) propõe para os marcadores de não-correferencialidade em Yavapai.

que determina a categoria lexical dos elementos com os quais co-
ocorre.

2.2.1 (In)definitude

Em Asurini não há artigos definidos ou indefinidos .Um
nominal é sempre ambíguo quanto ao traço [definitude].

Em certos contextos, todavia, é possível tornar um nominal
indefinido .Trata-se do caso de incorporação de palavras
referentes às partes do corpo humano .

51) a. i-soroa i-poko

3poss.-pescoço 3-comprido

'O pescoço dele é comprido.'

b. i-so-poko

3-pescoço-comprido

'Ele tem pescoço comprido.'

2.2.2 Os elementos demonstrativos

As palavras em Asurini traduzidas como demonstrativos não
pertencem à categoria de determinantes, isto é, não servem para
introduzir expressões nominais .

Os demonstrativos do Asurini são, a nosso ver, expressões
locativas adverbiais que funcionam como dêiticos, pois apontam

para os objetos no contexto não-linguístico e são melhor traduzidas como "aqui" e "lá", ao invés de "este(a)", "aquele(a)".

Observe abaixo as versões Asurini de construções do Português contendo demonstrativos na função de determinantes ²¹:

52) Esta árvore é alta ---> ywa i-poko-cho

árvore 3P-longo-muito

'A árvore é comprida.'

53) Esta flor é vermelha ---> ywotyra i-poroŋ

flor 3P- vermelha

' A flor é vermelha.'

54) Aquele é magro ---> Eokwe wise i-kwawen-pipi

lá longe 3P- magro-pequena

'Ele (aquele lá longe) é magrinho.'

55) Aquele passarinho está voando --> Eokwe wise wira o-wewe

lá longe pássaro 3A-voar

'O Pássaro (lá longe)

voa/está voando.'

²¹ Os exemplos abaixo foram coletados com base no questionário elaborado por Monserrat, Facó Soares e Clemente de Souza (1980).

O fato de o demonstrativo ser opcional (exs. 52 e 53) e poder ser empregado como advérbio locativo (exs. 54 e 55) parece indicar que essas palavras não desempenham a função gramatical de determinante, isto é, os demonstrativos e os nomes não formam um sintagma nominal.

Além disso, os "demonstrativos" do Asurini podem também mudar de categoria ao serem combinados ao operador a.

56) eomi`lá' ---> eomia `esta aqui.'
lá-nom

Os "demonstrativos" nominalizados ocorrem em "construções descontínuas":

57) Mia a-potan sesoahoa
estes 1A-querer jejus
'Eu quero estes jejus.'

(Tomkins, 1976:7)

No exemplo 57 acima, mia exerce a função de um sintagma nominal completo. Assim, dois nominais com o mesmo referente estão coindexados entre si e estão ligados ao argumento com o papel de paciente (no caso, segundo a nossa análise, com o clítico zero de 3 pessoa na morfologia verbal).

Fenômeno semelhante é verificado em Warlpiri (cf. Bittner e Hale, 1990), língua em que o elemento que corresponde ao

demonstrativo é um nome que forma com o nominal a ele associado uma "expressão descontínua". A ligação entre o demonstrativo e o nominal é estabelecida pelo mecanismo da coindexação. Os dois NPs são, na verdade, adjuntos em relação apositiva.

WARLPIRI

58) Karli-ki ka-rna-rla warri-rni yangka-ku, kuja-npa-ju
boomerang-Dat. Prs-1s-DM seek-NPST that-Dat comp-2s-1s
yu-ngu
give-PST

'I'm looking for that boomerang you gave me.'

(Bittner e Hale 1990:8)

Outro fato, que nos leva a suspeitar de que o demonstrativo não forma um sintagma complexo com nominal em Asurini, é verificado em construções em que o elemento evidencial pode intervir entre eles.

59) Eomi raka ore-maisiroa i-aky-papaw-amo
estas evid. 1 excl.poss-coisa 3P-molhar-tudo-ramo

'Nossa bagagem estava completamente molhada.'

(Nicholson, 1976 a : 32)

Evidenciais nunca ocorrem entre os constituintes de um sintagma, como em:

60) * Konomia-i raka aŋa
menino-rel. evid casa
'a casa do menino.'

61) * yhara raka pype
canoa evid. dentro
'Dentro da canoa.'

O estatuto adverbial das palavras demonstrativas é observado pelo seguinte fato: em Asurini, assim como em outras línguas da família Tupi-Guarani, quando um adjunto é topicalizado, ele engatilha uma morfologia especial no verbo principal (em Asurini, sufixo -i e prefixo estativo), se o seu sujeito for de 3 pessoa. Esse fenômeno é denominado de Indicativo II (Rodrigues, 1953)²² ou Oblique Topicalized Construction (Payne, 1991).

62) a. o-soka kyhe-po
3A-matar faca-com
'Matou com a faca'

b. kyhe-po i-soka-i
faca-com 3P-matar-Ind II
'Foi morto com faca.'

Observe-se que nos exemplos abaixo, a topicalização dos

²² Voltaremos a descrever o Indicativo II no capítulo 4.

chamados "demonstrativos" também engatilha a forma verbal oblíqua, tal como os outros elementos adverbiais da língua:

63) Eope i-ha-i sahya

Lá/aquela? 3A-ir - Ind II lua

'Lá foi a lua.'

64) Eokwe ipira i-mana-i se-ope Natairona-r-atya

lá/aquele? peixe 3P-deixar-Ind.II 1sg-para N.-rel-mulher

' Lá (há) peixe (que) a mulher de Natairona deixou para mim.'

(Nicholson, 1976 b: 23/24)

Se eokwe ("lá/aquele?") e ipira ("peixe") em 64 formassem um constituinte sintático, o verbo principal não estaria na forma oblíqua, posto que NPs em posição inicial não afetam a morfologia verbal, como demonstra o exemplo a seguir :

65) Yara-r-aŋa o-esa

Y.-rel.-casa 3A-ver

'Ele viu a casa de Yara.'

2.2.3 Os quantificadores

Na descrição do fenômeno da quantificação em Asurini, farei uso da distinção proposta por Partee et alii (1987) entre

quantificação-D e quantificação-A. A primeira é associada a elementos do tipo determinante cujo escopo é restrito a NPs em posições específicas, ao passo que a segunda envolve membros de outras categorias como advérbios, auxiliares e afixos que quantificam o predicado e seus argumentos e por isso, são quantificadores não-seletivos ²³(Lewis, 1975).

66) Comi duas maçãs.(quantificação-D)

67) Eu sempre comia maçãs.(quantificação-A)

Mostraremos nesta seção que quantificadores como "todos", "muitos" "dois" não pertencem à categoria funcional de determinante em Asurini. Eles são, na verdade, membros de outras categorias, como advérbio, verbo, nome e afixo.

2.2.3.1. As construções quantificacionais

Os quantificadores Asurini não ocorrem necessariamente adjacentes aos nominais com os quais eles são construídos. Eles aparecem em contextos de "expressões descontínuas."

²³Esses adverbiais podem ligar qualquer variável na oração, o que torna a construção ambígua.

68) se-memyra we a-ha osepesowe
meu-filho também 3 ag.-ir um
'Um (de) meus filhos foi também.'

69) osepesowe a-nohem ipira
um 1 A--pegar/pescar peixe
'Peguei um peixe'

70) aseoho sekwehe i-tow-i ho
todo evid. 3 ag.-deitar-Ind II homem
'Todos os homens estão deitados.'

(Solly , 1963:no 40).

71) osoroa a-apo heta
portas 1 A-fazer muitas
'Eu fiz muitas portas.'

(Nicholson, 1976c:30)

Como a ordem é livre, nominais e quantificadores podem estar adjacentes, ocorrendo estruturas QN ou NQ.

72) heta ipira
muito peixe

73) ipira heta
'Muitos peixes'

Na próxima seção, forneceremos evidências de que as palavras quantificadoras envolvidas nessas construções não pertencem à categoria de determinantes, o que significa que nos exemplos 68-73 não haja "constituíntes descontínuos" em termos de estrutura sintática.

2.2.3.1.1. As expressões cardinais

Em Asurini, os numerais e palavras como "muitos" e "nenhum" são empregados como expressões nominais ou verbais.

- 74) osepesowe se-memyra se-ope
uma iposs.-filha 1-para
'Eu (tenho) uma única filha.'
Lit.: 'A minha filha é só uma para mim.'

- 75) anohi sekwehe pane ya
nenhum evid. infeliz. água
'Não havia água '.

Essas expressões quantificadoras podem ser causativizadas e também podem ocorrer com o verbo leve pota ²⁴

²⁴ Para a análise do verbo leve pota, ver capítulo 3.

76) a. mo-koi ²⁵

caus.- gêmeos

'Dois'

b. mokoi-ta Sahya

dois-pota lua

'Em dois meses.'

(Nicholson, 1975a.:30)

Lit.: 'Serão duas, as luas.'

77) a. na-iro-ihi

neg.-par-neg.

'Três'

b. na-i-ro-pota-ih*i* Sahya ²⁶

neg.-3-par-fut.-neg. lua

'Em três meses'

Lit.: 'Elas serao três, as luas.'

²⁵ De acordo com Ayrosa (1933:61), a tradução para os numerais Tupi "dois" e "quatro" seria: "fazer pares." O sentido literal de "dois" (mo-koi) é "fazer gêmeos."

²⁶ Compare a morfologia da palavra em Asurini que corresponde a "três" com o seguinte verbo estativo na forma negativa.

(i) - na-i-ty'arahy-ih*i*
neg.-3-fome-neg
'Ele não está com fome.'

A palavra na-i-ro-ihi em Asurini é um verbo estativo na sua forma negativa.

c. Saocia n-a-mo-iro-ihi i-pyk-a i-memyra we
jabuti neg- 1 A-caus-par-/número 3 pc.-pegar-dep
3poss-filho também
'Eu peguei três jabutis , e os filhotes deles também.'

(Tomkins:1976:33)

78) a. i-iro-ηato-ete
3.-par-bem-muito
'Quatro'
Lit:'É um super par'

b. i-iro-ηato-ete-pota Sahya
3P-par-bem-muito-pota lua
'Em quatro meses'

(Nicholson,1975a:30)

Lit:'Elas serao quatro, as luas.'

c. a-mo-iro-ηato-ete-sowe raka h-eraha-o karowarohoa
1A-caus-par-bem-muito-apenas evid. 3P-levar-dep. paca
toria-pe
civilizado-para
'Eu levei apenas quatro pacas para o brasileiros.'

(Tomkins,1976:30)

Lit.: 'Eu fiz delas quatro/selecionei quatro delas, as
pacas, e as levei para o brasileiro.'

79) a. h-e'yi/ h-eta

3 P-muito/ 3 P- muito

'Muito(s)'

Lit.: 'Eles são muitos.'

b. ore-r-eta

1 excl.P-rel.-muito

'Nós somos muitos.'

c. a-w-eta i-apo osoroa

1A-caus-muito 3 P-fazer porta

'Eu fiz muitas portas.'

(Nicholson, 1976c:39)

Lit.: ' Eu as fiz muitas fazendo as portas.'

Os outros quantificadores cardinais também são expressos através de predicados ou partículas. Não há NPs do tipo "nenhum N". Em construções existenciais, "nenhum N" é expresso pelo verbo existencial negativo anohi ("não há nenhum")²⁷.

80) anohi rakokwehe o'ia ore-ope

nenhum evid. farinha nos-para

'Não havia farinha alguma para nós'

Em contextos não-existenciais negativos, as expressões "nenhum

²⁷ Harrison (1975:77) também analisa anohi como o verbo "haver" em sua forma negativa.

N" e "algum N" são formadas pelo verbo negado junto a algum nominal referencial.

81) saocia raka n-a-pyhy-(ih)i-ete ise
jabuti evid. neg.-1 A-pegar-neg.-muito eu
'Eu nao peguei nenhum jabuti.'

(Tomkins,1976:23)

82) n-a-ha-ihi sawa joa o-ata-o
neg.-3A-ir-neg. talvez pessoal 3A-andar-dep.
'Ninguém foi caçar.'

O verbo estativo pipi, cujo significado básico é "pequeno", também serve para expressar "pouco N."

83) o-mosokyn i-sope Sotero 0-pipi-pota
3 A-salgar 3-para Sothero 3 P-pouco-fut.
'Sothero salgou alguma para eles.Só um pouco.'

A partícula modal rimo/mo que indica "probabilidade" e "incerteza" é empregada para indicar a idéia dos indefinidos "alguém", "algo". Compare a estrutura modal em 84a com os contextos quantificadores em 84b e 84c abaixo:

84)a. o-sekyi-ta rimo
3 A.-morrer-fut. modal
'Talvez, ele morrerá.'

b.akwawa rimo o-pyhy ipira
índio MODAL 3A-pegar peixe
'Alguns homens pegaram peixe.'

c.o-esa ma'e rimo
3A-ver coisa MODAL
'Ele viu alguns animais.'

(Nicholson, 1975a:6)

Com base nos dados apresentados, podemos concluir que as expressões cardinais não funcionam como determinantes.

2.2.3.1.2. O quantificador adverbial *aoeoho* e seu escopo

Em Asurini, existe um quantificador universal- aoeoho- que se comporta como um advérbio : quando ocorre em posição inicial na sentença, ele engatilha a forma oblíqua (Indicativo II) no verbo principal.

A distinção indentificada por Milsark (1977) entre quantificadores "fortes" e "fracos" é também observada em Asurini de modo direto. O quantificador universal adverbial aoeoho é "forte" e assim, não pode funcionar como predicado, ao contrário das expressões cardinais que são quantificadores "fracos". Este é o comportamento esperado para "todos" em termos universais (Partee, 1990).

Há evidências nos textos analisados de que o quantificador

universal em Asurini é não-seletivo. De uma posição pós-verbal, aseoho pode quantificar sobre o paciente, o agente ou o próprio verbo.

85) mania'aja raka ya o-tykwan aseoho
mandioca evid. água 3 A-cobrir toda
'A água cobriu toda a mandioca.'

(Nicholson, 1976c:15)

86) ore-r-aja raka ya o-tykwan aseoho O-tynehem-amo
nossa-rel.-casa evid. água 3A-cobrir tudo 3P-cheia
dep.
'A água cobriu tudo (cover it up) e as nossas casas ficaram
cheias.'

(Nicholson, 1976c:15)

87) komanaisi'ia wyje o-manahaŋ a-ka Urubu-pe aseoho
arroz pessoal 3A.-cortar 3A-estar Urubu-em todo
'Todo o pessoal estava cortando arroz em Urubu.'

(Nicholson, 1976c:46)

Os dados sugerem que as estruturas em que aseoho ocorre podem ser ambíguas entre várias leituras. O quantificador universal liga variáveis diferentes na oração onde ocorre.

2.2.3.1.3. As expressões cardinais usadas como quantificadores
adverbiais

A mesma ambiguidade encontrada com o quantificador universal aoseho parece ser permitida com as expressões cardinais, quando essas são usadas como orações adverbiais iniciais. Nessa posição, elas podem engatilhar a forma oblíqua (Indicativo II) no predicado verbal seguinte, como em 88.

O fato de que em algumas sentenças, esses quantificadores parecem ter escopo sobre um argumento específico depende da especificação de número do nominal envolvido.

88) mokoi raka h-eroro-ho-i o'ia saka-pype

3P.-duas evid. 3 A.-3 P.-trazer-muito-IND II farinha saca-em

'Ele trouxe muita farinha em sacas, certamente duas.'

(Solly, 1963:No 24)

A razão pela qual o numeral está associado com "saca" em 88 se deve ao fato de que este é o único nominal contável na oração principal. "Farinha" é um nome não-contável e não pode ser quantificado pelo cardinal "dois".

Propomos, então, que a construção acima possa ter o significado "ele a trouxe duas vezes...", uma vez que expressões cardinais também ligam a variável evento da estrutura argumental do predicado (Kratzer, 1989), como no exemplo 89 abaixo.

89) mokoi raka a-mopoŋ h-ehe i-soka-o

3-duas evid. 1A-atirar 3-em 3P-matar-dep.

'Eu atirei nele duas vezes e o matei.'

(Tomkins, 1976:23)

Compare 89 com

90) mokoi raka i-sywo-i pane

3-duas evid. 3P-flechar em vão

'Ele flechou dois (de) eles em vão.'

(Tomkins, 1976:33)

Tomkins, que registrou as duas sentenças acima, dá a "dois" uma interpretação adverbial em 89, e uma interpretação de determinante em 90. Como essas duas orações são semelhantes sintaticamente, pois ambas contêm mokoi em posição inicial, sugerimos que tal numeral seja uma oração adverbial não-seletiva que pode ter escopo sobre o argumento-evento ou sobre o argumento interno do verbo. Assim, parece provável que ambos os exemplos sejam ambíguos e possam ter duas leituras: "eu atirei nele duas vezes /eu atirei em dois e ele flechou dois /ele flechou duas vezes ..."

Quando predicados cardinais, como mokoi, ocorrem em orações adverbiais, ao invés de orações simples, eles são exemplos de type-shifting (Partee, 1990 e Jelinek, 1992) das expressões cardinais. Quando os predicados cardinais do Asurini funcionam como advérbios, eles engatilham a forma de Indicativo II

no verbo seguinte, da mesma maneira que o quantificador aoseoho e outros adverbiais o fazem.

91) mokoi i-ker-i

duas 3-dormir-IND. II

'Elas são duas, (as vezes) que ele dormiu.'

92) h-eta i-soka-i o-'ywa-po

3P.-muito 3P-matar-IND II 3poss.-flecha

'Eles eram muitos, os que ele matou.'

93) aoseoho raka i-se'enar-i ore-rewiri

todo evid. 3P-cantar-IND II nos-em volta

'Todos eles cantaram em volta de nós.'

(Solly, 1963: No 20)

2.2.3.1.4 Definitude e as expressões cardinais

Como já mencionado acima, os nominais em Asurini são ambíguos entre uma leitura definida ou indefinida.

Os predicados he?yi/heta ("muitos") podem ser empregados para expressar coletividade: o equivalente a "todos(os) N."

94) h-e'yi sahytata

3P-muitas estrela

'Todas as estrelas'

Lit.: 'Elas são as muitas, as estrelas'

A forma nominalizada do predicado heta é usada para traduzir a expressão "todo mundo."

95) heta-(w)-ara

3P-muito-nom.

Lit.: 'Aqueles que são muitos'

Nessas construções, a interpretação definida do nominal está presente quando esses predicados cardinais são traduzidas como "todos" ao invés de "muitos."

2.2.3.1.5. Quantificação via afixos

O Asurini também emprega afixos nominais e verbais para expressar noções de quantificação.

O verbo opam ("terminar") , quando ocorre com um verbo principal , é empregado para expressar quantificação universal. Nesse caso ,tem-se escopo absoluto (escopo sobre o sujeito intransitivo e o objeto direto) e a quantificação pode também recair sobre o próprio verbo:

96) toria raka a-a-pam sene-ropi somipapyn̄a-pype
civilizado evid. 3A-ir-terminar nos-com barco-em
'Todos os brasileiros foram conosco no barco.'

(Nicholson, 1976b:28)

97) o-eraa-pam ma'esiroa toria
3A-levar-terminar coisas civilizado
'Os brasileiros levaram todas as coisas.'

(Solly, 1963:No37)

98) i-apo-pap-a a-ha-pota
3P-fazer-terminar-dep. 1A-ir-fut.
'Quando eu terminar tudo, vou embora.'

Outra maneira de expressar o equivalente a "todos" em Asurini é através do sufixo coletivo -to, cujo uso é restrito a termos de parentescos e palavras que se referem a seres humanos, como 'menina', "mulher".

99) kosoe-toa o-se'enaŋ
mulher-col 3A-cantar
'Todas as mulheres cantaram'

O sufixo aumentativo oho ("grande") é empregado em Asurini para dar a idéia de "muitos." -Oho pode ser sufixado a qualquer sintagma. Quando ocorre com NPs, o seu escopo é restrito àquele NP apenas. Essa é uma característica dos quantificadores afixais

que têm escopo limitado ao constituinte com o qual co-ocorrem.

100) h-ey^s-oho-a sekwehe h-aro pane

3poss.-parente-grande-nom. evid. 3P-esperar em vão

'Muitos de seus parentes esperaram por ele em vão.'

Quando -oho é afixado ao predicado verbal, ele pode ter escopo sobre qualquer argumento ou sobre o próprio verbo.

101) o-pam-tar-oho rimo ipira ore-rewiri

3A-terminar-fut.-grande modal peixe nós-atrás

'Muitos peixes morreram atrás de nós.'

(Tomkins, 1976:4)

102) Soowia o-sa'a-oho

Soowia 3ag.-chorar-muito

'Soowia chorou muito.'

Foi constatado um exemplo em Asurini em que o sufixo aumentativo também tem escopo sobre o agente.

103) kwe raka ŋoa tasahoa o-sa-oho no

entao evid. pessoal queixada 3A-dizer-aumentativo de novo

'Todos os homens disseram de novo: ' (é uma) queixada.'

(Nicholson, 1976c:69)

Os exemplos acima demonstram que o quantificador -oho

funciona como um quantificador adverbial não-seletivo.

Os dados aqui apresentados revelam que os quantificadores em Asurini não pertencem à categoria de determinantes e por isso, não formam uma expressão descontínua com o nominal com o qual estão coindexados.

Existem várias línguas em que os quantificadores não funcionam como determinantes, a saber: Japonês²⁸, Tikuna (Facó Soares, 1992), Saliche (Jelinek, 1992), Mohawk (Baker, 1990) e Warlpiri (Bittner e Hale, 1990). Parece, todavia, que apenas aquelas do tipo argumento pronominal expressam noções quantificacionais por meio de afixos.

Se, segundo Partee (1990), o sufixo quantificador tem escopo limitado à palavra em que ocorre, e se em Asurini o sufixo - quantificador -oho (e talvez -pam) serve para quantificar o paciente, o agente ou o verbo, podemos tomar tal fato como uma evidência a favor da hipótese de que os argumentos verbais se encontram no interior do verbo na forma de afixos/clíticos e por isso, podem ser quantificados.

Vimos neste capítulo o comportamento do sintagma posposicional e do sintagma nominal e mais detalhadamente o funcionamento dos elementos "determinantes" em Asurini. Passaremos agora à descrição e análise do predicado verbal.

²⁸ Comunicação pessoal de Mary Kato.

CAPÍTULO 3

A ESTRUTURA DO PREDICADO

A fim de explicar o fenômeno da ordem dos constituintes oracionais e a ocorrência de marcas número-pessoais e temporais na morfologia verbal, proponentes da Sintaxe Gerativa, (Pollock (1989) e Chomsky (1989)) sugerem que os elementos de INFL - Tempo, Concordância (e talvez Negação) - são núcleos funcionais sintaticamente independentes.

Dentro dessa perspectiva, o verbo, para adquirir os seus afixos, é alçado para INFL ou os traços de INFL são movidos para o verbo em VP.

Apesar dessa área de pesquisa estar ainda em fase de desenvolvimento e de haver controvérsias em relação à ordem e ao número de categorias existentes em INFL, tal subdivisão se faz necessária, posto que através dela, vários fatos gramaticais podem ser explicados, como: a ordem dos constituintes oracionais, a ocorrência de certos tipos de movimento, a ordem dos afixos na morfologia verbal e o mecanismo de atribuição de caso.

O objetivo do presente capítulo é examinar o estatuto de certos afixos de tempo/aspecto e do chamado verbo auxiliar na língua Asurini à luz dessas recentes propostas da Gramática Gerativa.

Os dados do Asurini revelam que os afixos temporais e aspectuais não são afixos adquiridos pelo verbo via regra de

mover- α , mas são predicados independentes que formam no léxico um predicado complexo com os verbos principais.

Mostraremos também que os chamados verbos "auxiliares" não podem adquirir os seus afixos pessoais através de uma regra que envolva movimento para INFL. Assim, chegamos à conclusão que essas formas verbais são orações adjuntas que se encontram fora da estrutura que contém o verbo principal.

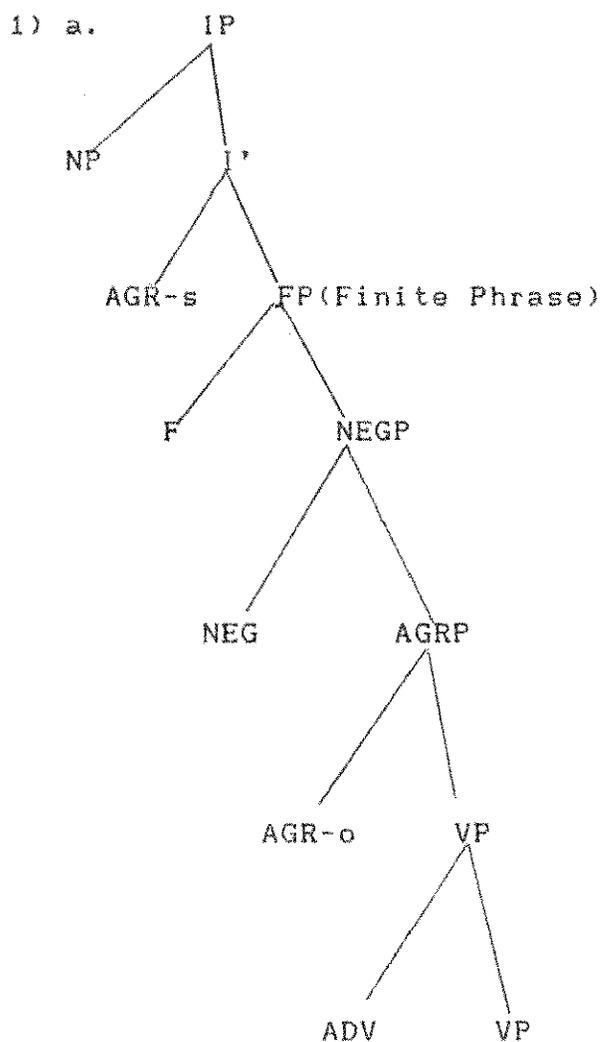
A não existência em Asurini de regras de alçamento para a incorporação de afixos de tempo/aspecto parece indicar que o verbo não é capaz de transmitir a sua grade temática ao seu vestígio. Tal fato nos leva a supor que os argumentos em Asurini sejam os afixos/clíticos pessoais e por isso, só o verbo lexicalmente realizado pode regê-los.

Antes de apresentarmos os problemas a serem aqui investigados, examinaremos algumas das propostas existentes sobre os constituintes de INFL.

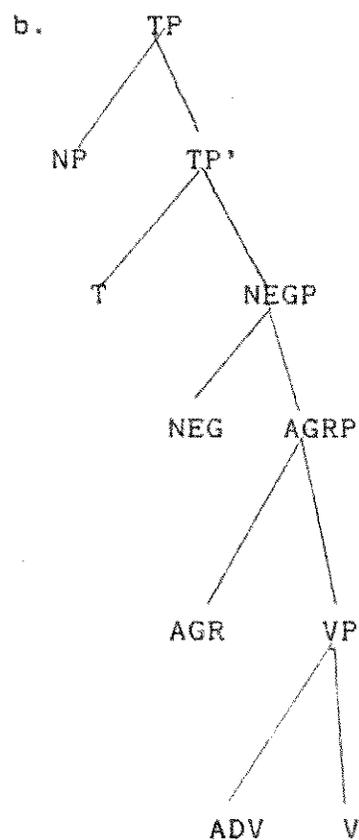
3.1. A REPRESENTAÇÃO ORACIONAL

No Modelo atual da Gramática Gerativa, os afixos existentes na morfologia verbal são vistos como traços presentes nas categorias funcionais de Tempo e Concordância que possuem as suas próprias projeções na sintaxe.

As seguintes representações oracionais foram propostas por Pollock (1989) e Chomsky (1989) ²⁹



(Chomsky, 1989:16)



(Pollock, 1989:397)

Observe-se que Chomsky, ao contrário de Pollock, admite a existência de mais uma categoria funcional na região de INFL:

²⁹ Em ambas as representações é possível gerar o sujeito na posição de especificador de VP.

Agr-oP (objeto).

A postulação de AGRP-(objeto) é justificada pela ocorrência de concordância entre o verbo e o objeto em certas línguas, como é o caso das construções de particípio passado no Francês :

2) Combien de tables Paul a repeintes

3) Paul a repeint(*repeintes) les chaises.

(Chomsky:16/17)

Para que haja concordância com o objeto como em 2, deve existir uma relação de regência entre o NP e AGR(objeto), como afirma Chomsky (pg.18): "...supposing that structural case generally is correlated with agreement and reflects a government relation between the NP and the appropriate AGR element. This subject-verb agreement is associated with nominative case and is determined by the relation of the specifier to the AGR-S(subject) head of AGR-S"(=IP), while verb-object agreement is associated with accusative case, and is determined by the relation of the NP to the AGR-O head of AGR-O", either in specifier position or adjoined to AGR-O."

Assim, em 2, existe concordância com o NP-objeto porque combien de tables foi movido primeiro para a posição de adjunto ao nóculo AGRP-O, onde deixou o seu vestígio numa relação de regência com o núcleo(AGR-O) e depois subiu para a posição de especificador de CP, como em :

2') Combien de tables_i [Paul a [AGRP t_i[AGRP AGR[repeint t_i]]]]

(Chomsky 1989:16)

Em 3, não há concordância com o objeto porque o NP les chaises não foi alçado para a posição de Spec de Agr-oP.

De acordo com o Princípio do Espelho (Baker, 1988), a ordem dos afixos na morfologia verbal reflete o caminho do movimento percorrido pelo verbo para adquirir os afixos de concordância e de tempo. Na representação oracional proposta por Chomsky (1a), a categoria AGRP domina TP(ou FP) porque, segundo o investigador, existem línguas em que o morfema de tempo está mais próximo da raiz verbal do que o morfema de concordância. Tal fato parece indicar que o verbo aterrissou primeiro em FP (= TP) e por último em AGRP. Já na representação defendida por Pollock, 1b, é TP que domina AGRP.

O que acontece, na verdade, é uma parametrização em relação à ordem das categorias funcionais. Existem línguas em que o afixo de concordância fica mais próximo da raiz verbal com o elemento temporal mais externo. Para Hale (cf. Iatridou(1990)) e Takana (1988) ambas as ordens-AGRP>TP /TP>AGRP- são verificadas nas línguas naturais, como demonstram os exemplos abaixo:

CHICHEWA

4) molyerekezi a-ku-funa ine, osati iwe AGRP>TP
devil SM(Agr-s)- PAST(t)-want me not you
'The devil wants me, not you.'

(Takana, 1988:160)

BERBER

- 5) ad-y-segh moha iharkusn oludsha TP>AGRP
will(t)-3ms(Agr-s)_buy M. shoes tomorrow
'Moha will buy shoes tomorrow.'

(Takana, 1988:160)

O verbo pode adquirir os seus afixos através de um dos dois tipos de regras de movimento:

- (i) O alçamento do verbo para INFL.
(ii) A descida de INFL para o verbo (affix-hopping)

De acordo com Pollock, há evidências empíricas nas orações independentes de certas línguas que indicam se houve subida de verbo para INFL ou descida de INFL para V. Uma dessas evidências seria a posição do verbo em relação a certos advérbios gerados em VP. Se um advérbio desse tipo ocorrer em posição pós-verbal, o verbo foi alçado para INFL, como o exemplo 6 do Francês demonstra. Se o advérbio figurar em posição pré-verbal, INFL desceu para o verbo, como no exemplo 7 do Inglês.

- 6) a. Jean embrasse souvent Marie.
b. * Jean souvent embrasse Marie.
- 7) a. John often kisses Mary.
b. * John kisses often Mary.

(Pollock 1989:367)

As línguas naturais utilizam apenas uma dessas regras porque

existe um parâmetro que determina se é o verbo ou se são os elementos em INFL que se movem. Pollock sugere que o parâmetro responsável pelo tipo de movimento adotado pela língua é o do AGR transparente(=forte) / opaco (=fraco).

Em uma língua com concordância verbal rica, o verbo pode subir para INFL porque mesmo em posição de adjunção ao nóculo AGR ou To, ele é capaz de transmitir, via cadeia, as suas propriedades temáticas ao seu vestígio em VP devido à transparência dos afixos.

Em línguas em que a concordância verbal é fraca, a transmissão das propriedades temáticas do predicado é bloqueada pelo caráter opaco do afixo. Nesse caso, INFL desce para o verbo através de uma regra de affix-hopping.

Em Inglês, língua com concordância fraca, apenas os verbos auxiliares have e be podem ser alçados para INFL porque eles não são atribuidores de papel temático e como consequência, não precisam transmitir as suas propriedades temáticas ao vestígio em VP.

A questão da variação da ordem entre advérbio e verbo é discutida por Iatridou (1990) que discorda dos argumentos utilizados por Pollock para comprovar a existência de uma categoria sintática entre TP e VP: AGRP(sujeito).

Iatridou sugere que concordância reflete apenas uma relação estrutural entre especificador e núcleo e não uma posição

sintática específica na área de INFL². Ainda segundo a Autora, o parâmetro que diferencia línguas com subida de verbo daquelas com movimento de afixo, deve ser o de TEMPO forte/fraco. Assim, o Inglês, como não distingue em termos morfológicos o verbo infinitivo do verbo finito no presente, tem TEMPO fraco e, por conseguinte, não admite alçamento de verbo para To. A transmissão das propriedades temáticas do verbo ao seu vestígio seria impedida pelo caráter opaco do afixo temporal.

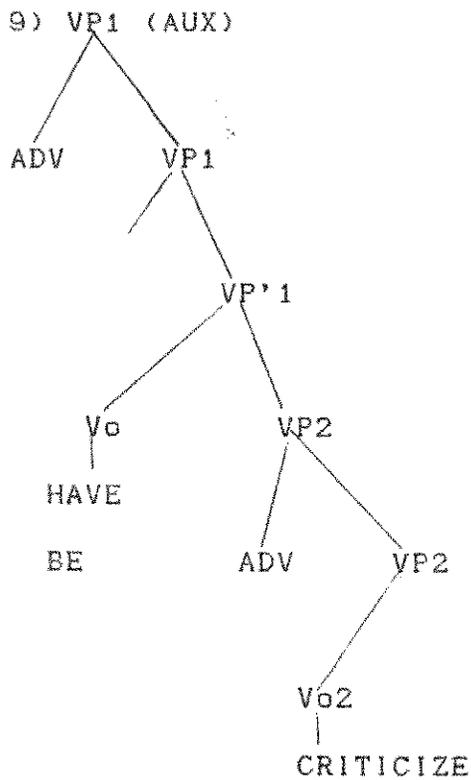
A investigadora oferece análises alternativas para a variação da ordem entre verbo e advérbio, sem que seja necessária a postulação de uma categoria intermediária entre TP e VP nos casos aparentes de movimento de verbo de curta distância para AGRP, como nos exemplos abaixo:

8)a. John is believed to frequently have criticized Bill.

b. John is believed to have frequently criticized Bill.

De acordo com Iatridou, em 8b o verbo auxiliar não foi movido de dentro de VP para AGRP. Na verdade, have permanece na sua posição de base, uma vez que, como os verbos auxiliares possuem as suas próprias projeções máximas, existem outras posições possíveis para a geração de advérbios em VP.

² Kihm (1990) questiona se AGR e T/A podem ter o mesmo estatuto, visto que diferem semanticamente. O valor de verdade de uma proposição é determinado por Tempo/Aspecto, o que sugere que ele tenha escopo sobre a sentença como um todo. "The king of France BE bald" é verdadeira se enunciada na época em que Charles, The Bald era rei. AGR não tem influência na condição de verdade da sentença.



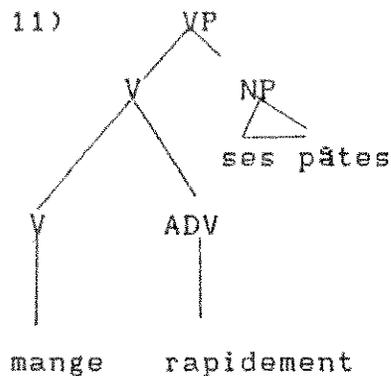
Através da representação acima, a construção 8b pode ser derivada.

Os dados do Inglês mostram que existe dois lugares na representação oracional para a geração de advérbios em VP. Em 10 abaixo as posições de adjunção aos nódulos VP1 e VP2 são duplamente preenchidas por advérbios.

- 10)a. John is believed to frequently have rudely criticized
Bill.
- b. John is believed to rudely have frequently criticized
Bill.

Uma outra análise alternativa para a variação da ordem entre

o verbo e o advérbio mencionada por Iatridou é oferecida por Di Scuillo e Williams (1987) .Segundo os Autores,as estruturas V+ADV ou ADV+V formam uma unidade morfológica cuja representação seria:



(Di Scuillo e Williams 1987:101)

Di Scuillo e Williams baseiam a sua hipótese no fato de que existem palavras em Francês com a estrutura [V ADV].

Kato e Nascimento (1993) sugerem ainda que a variação na ordem entre o verbo e advérbios ou quantificadores em Português é derivada não só de movimento de verbo , mas também da extração desses elementos adverbiais ou quantificadores que são gerados em posições mais baixas na estrutura ,como em adjunção a um advérbio :

- 12)a. Eles chegam todos sempre tarde .
 b. Eles chegam sempre todos tarde.
 c. Eles todos sempre chegam tarde .

(Kato e Nascimento,1993:15)

Em 12 , sempre é gerado como adjunto do sintagma "tarde" e na estrutura -S é alçado para outras projeções máximas , como VP e IP .

Os dados do Asurini também constituem um problema para a hipótese de Pollock de que a ordem verbo e advérbio reflete o tipo de regra de movimento adotado pela língua.

De acordo com tal hipótese, os exemplos do Asurini abaixo parecem revelar que a língua tem uma regra que alça o verbo para INFL (exs. 13 e 15) e outra que desce INFL para o verbo (ex. 14)

13) o-se-kyi-y'ym kowei sawawasahoa

3A-refl.-puxar-neg. depressa boi

'O boi não morreu depressa.'

(Nicholson, 1976b:2)

14) kowei-kowei pe-piraŋ

depressa 2A-tirar pele

'Vocês tiraram pele depressa.'

(Nicholson, 1976b: 5)

15) raka oro-ata meewei

evid. 1excl.A-andar devagar

'Andamos devagar.'

Os questionamentos de Iatridou, Di Scullo e Williams e Kato e Nascimento podem ser estendidos em vista dos fatos observados.

A hipóte de DiScullo e Williams de que V e ADV formam uma unidade morfológica parece mais adequada para o Asurini, posto que só foram observadas estruturas em que nenhum elemento

interfere entre verbo e advérbio ³. Além disso, em Asurini existem palavras cuja estrutura interna é [V ADV]:

16) o-poro-apo -kato -wa'e

3A-gente-fazer-bem -reIt.

'Aquele que faz bem = médico.'

Nas próximas seções examinaremos o comportamento dos afixos de tempo e aspecto .

3.2 OS AFIXOS VERBAIS EM ASURINI

3.2.1 Os afixos pessoais

Como já mencionado neste trabalho, em Asurini, assim como nas outras línguas da família Tupi-Guarani, o verbo é caracterizado pela marcação obrigatória de afixos pessoais referentes aos argumentos verbais nucleares ⁴.

Apenas um marcador de pessoa é realizado foneticamente na morfologia verbal. Nas construções transitivas das orações independentes, a terceira pessoa é sempre zero, quando atuando com a primeira ou segunda pessoas (cf. Leite (1987,1990), Leite e

³ Segundo a nossa análise, como os predicados são orações completas, a fusão morfológica é entre S e ADV e não V e ADV.

⁴ Vide capítulo 5 para uma análise mais detalhada da dos afixos pessoais.

Vieira (1990)).

17) a-soka

1A-matar

'Eu o matei.'

18) se-soka

1P-matar

'Ele me matou.'

Nas orações dependentes, somente os afixos referentes ao sujeito intransitivo e ao objeto do verbo transitivo são expressos .

19) a-san [h-erota]

1 A-vir 3P-trazer-dep.

'Eu vim para trazê-lo.'

20) a-san [pe-se'eja]

1A-vir 1A-falar-dep.

'Eu vim para falar.'

Uma das questões relevantes sobre a língua Asurini é quanto ao estatuto desses afixos pessoais . Há duas possíveis interpretações para os marcadores pessoais. Uma delas é considerá-los como traços de concordância. A outra seria analisá-

los como elementos pronominais argumentais, como sugerido por Jelinek (1985, 1989, 1992) para línguas como o Warlpiri, o Choctaw e o Straits Salish. Voltaremos a este tópico no capítulo 5.

3.2.2 Os marcadores temporais

3.2.2.1 O afixo de futuro

Em Asurini, o sufixo pota/ta⁵ é empregado para traduzir construções do Português no tempo futuro, como em ⁶:pota

⁵ pota ocorre após raízes verbais que terminam em vogal, enquanto que ta, após as que terminam em consoante.

⁶ Nas línguas Tupi-Guarani existe o morfema ne que poderia ser analisado como marcador de tempo futuro. Segundo Barbosa (1956), ne indica uma expectativa do falante em relação à ação e ocorre com todas as pessoas verbais.

(i) o-bebé-ne
3A-voar-ne
'Voará.'

(Barbosa, 1956:66)

Ne é um clítico que se posiciona no final da oração.

(ii) kori ete-ikó xe-r-oryp-a'-pe xe-pyri-ne
hoje 2A-estar 1poss.-rel.-felicidade-em 1-com-ne
'Hoje estarás junto de mim no meu lugar de felicidade.'

(Barbosa, 1956:66)

Em Asurini, todavia, ne só é empregado nas orações de propósito com a 1ª pessoa do singular e a 1ª pessoa exclusiva.

(iii) t-a-soka-ne
prop.-1A-matar-ne
'Para eu matar.'

(iii) *t-o-soka-ne
prop.-3A-matar-ne
'Para ele matar.'

O uso deste clítico em Asurini ficou limitado ao seu

21) a-'o-pota

1A-comer-quere/ir

'Vou comer'

22) o-n-ta

3A-vir-quere/ir

'Ele virá'

A questão que aqui se coloca é saber qual o estatuto de pota(n)/ta(n). Se for flexão verbal, devemos admitir que existe regra de movimento sintático em Asurini.

Demonstraremos, todavia, que tal marcador temporal é um verbo do tipo leve que forma um predicado complexo com o verbo principal.

3.2.2.1 O marcador de futuro como verbo leve

A nosso ver, existem três fatores que constituem evidência contra a hipótese de que pota/ta seja flexão de tempo futuro:

(i) Nas outras línguas da família Tupi-Guarani não há marcação de tempo na morfologia verbal.

O verbo potar ("querer") em Tupinambá pode funcionar como verbo principal, (23), ou como semi-modal, (24).

significado subjacente e por isso, só é verificado com as 1as pessoas.

TUPINAMBÁ

23) a-i-potar nde só

1A-3P-querer 2a ir

'Quero a tua ida' ou 'Quero que vás'

24) a-karu-potar

1A-comer(intr.)-querer

'Quero comer'

(Barbosa, 1956:149/150)

As línguas Tupi-Guarani são do tipo ativo. Uma série de afixos, a série agentiva ou ativa, codifica o sujeito do verbo transitivo e o sujeito do verbo intransitivo ativo. Outra série, a acusativa ou estativa, expressa o objeto do verbo transitivo e o sujeito do verbo intransitivo estativo (cf. Leite (1986), Seki(1990)).

Em Tupinambá, quando o verbo potar atua como principal, o seu sujeito é marcado pela série agentiva:

25) a-i-potar

1A-3P-querer

'Eu o quero.'

Quando potar forma um predicado complexo com outro verbo (V2), a escolha da série de prefixos para expressão do sujeito é determinada pelas propriedades temáticas do verbo principal. Se V2 for estativo, a série estativa é empregada, como em 26. Se V2 for ativo, a série agentiva é escolhida, como em 27.

26) xe-maendua'-potar

1 P-lembrar-querer

'Eu quero me lembrar.'

27) a-sem-botar taba sui

1A-sair-querer aldeia de

'Eu quero sair da aldeia.'

(Barbosa 1951 : 148/9)

Em Asurini pota(n) recebe o prefixo da série agentiva se funcionar como verbo principal, mas se atuar em um predicado complexo, a série de prefixos será determinada por V2.

28) o-potan

3A-querer

'Ele o quer.'

29) Ø-pipi-pota

3P-pouco-querer/ir

'Vai ser pouco.'

20) o-soka-pota

3A.-matar querer/ir

'Ele vai matá-lo.'

(ii) O sufixo de negação em Asurini não ocupa uma posição definida em relação à forma pota/ta. A ordem no complexo verbal não é rígida, podendo ser tanto NEG-FUT ou FUT-NEG, como

demonstram os exemplos abaixo. Tal fato nos levou a questionar o estatuto de pota/ta como sufixo marcador de tempo futuro.

31) a-pyhyŋ-tar-y'ym

1A-pegar-POTA-neg.

'Não vou pegá-lo'

32) a-soka-y'ym- ta

1A-matar-neg.-POTA.

'Não vou matá-lo.'

33) a-ha-potar-y'ym

1A-POTA-neg.

'Eu não vou.'

34) a-karo-y'ym-ta

1A-comer-neg.-POTA

'Não vou comer.'

35) a-kotoŋ-tar-y'ym

1A-cortar-POTA-neg

'Não vou furá-lo.'

Se pota/ta fosse um afixo de tempo futuro apenas, não haveria a possibilidade de inversão na ordem entre ele e o sufixo de negação, posto que pelo Princípio do Espelho (Baker, 1985), a

ordem dos morfemas no complexo verbal reflete o movimento sintático percorrido pelo núcleo para adquirir os seus afixos.

Considerando pota/ta como afixo temporal, teríamos que admitir que em Asurini as categoriais funcionais não têm ordem fixa, já que NEGP dominaria TP nos exemplos 31, 33 e 35, enquanto que TP dominaria NEGP em 32 e 34. A inversão na ordem dos elementos de INFL não é permitida dentro de uma única língua. Além disso, um mesmo verbo ora apresenta a ordem NEG-FUT, ora FUT-NEG. Compare 33 com 36 abaixo.

36) a-ha-y'ym-ta

1A-ir-neg.-fut.

'Não vou.'

Poder-se-ia analisar as formas acima (31- 36) como um reflexo direto de uma regra do tipo alçamento de operador aplicada na morfologia, já que estão envolvidos dois tipos de operadores: o da negação e o de tempo. Nos casos 31, 33 e 35, NEG teria escopo maior que TEMPO, enquanto que em 32, 34 e 36, TEMPO teria escopo sobre NEG. Mas tal possibilidade parece não existir. Segundo Chierchia e Mc Connell-Ginet (1991:pg. 232) "...the elements in INFL are interpreted in a fixed order, with NEG always having wider scope than TENSE....there do not appear to have ambiguities resulting from interaction of the negative and tense morphemes".

Uma construção como 37 abaixo só pode ter as interpretações em a e b, onde NEG > TEMPO e não em c em que TEMPO > NEG.

37) Every man didn't walk.

a) each man never walked.

[[every man]i not PAST[ti walk]]]

b) at any time in the past, not every man walked.

[not PAST] every man] [ti walk]]]

c) * at some time in the past no man walked

[PAST[[[every man]i [not[ti walk]]]]]

(Chierchia e Mc Connel-Ginet 1991:231)

Pesetsky (cf. Di Sciullo e Williams, 1987) afirma que uma regra do tipo Quantifier Raising não pode afetar a ordem dos morfemas. Se potá/ta é interpretado como flexão de futuro, não há como explicar a variação da ordem verificada nos exemplos acima .

(iii) Potá/ta tem a mesma morfofonêmica que a sua contraparte verbal:

38)	- pota(n)	ta(n)
	- potar	tar
	- potat	tat

3.2.2.2.1 Verbos leves

De acordo com Di Sciullo e Rosen (1990), os verbos semi-modais ou restructuring (V1) das línguas românicas, como "querer" e "ir", formam um predicado complexo com o verbo principal (V2)

que se comporta no nível sintático como se houvesse apenas uma única estrutura argumental: a de V2 apenas.

Os seguintes verbos fazem parte da classe dos semi-modais: "querer", "dever", "começar", "ir" e "vir".

Em Italiano, a seleção dos verbos auxiliares essere e avere é determinada pelas propriedades temáticas do verbo principal. Essere é usado com verbos que têm como sujeito um argumento interno, como os ergativos e os passivos, enquanto que avere é empregado com verbos cujo sujeito é um argumento externo, como os transitivos e intransitivos não-ergativos.

Nos predicados complexos formados com os semi-modais, como "querer andar", por exemplo, a escolha do auxiliar é condicionada apenas pelo tipo de sujeito requerido pelo verbo principal.

39) Mario sarebbe proprio voluto andare a casa.

Mario gostaria realmente de ter ido para casa.

(Di Scullio & Rosen, 1990:113)

Em 39, se a seleção do auxiliar dependesse da estrutura argumental do semi-modal, avere teria sido empregado no lugar de essere, uma vez que "querer" não seleciona um argumento interno.

Outro processo sintático do Italiano que depende exclusivamente das propriedades temáticas de V2 é o fenômeno de cliticização do objeto. Um NP quantificado só é pronominalizado na forma do clítico ne ("dele/deles") se for um argumento interno.

40)-* Quanti ne vogliono(V1) telefonare(V2) a Maria?

Quantos deles telefonaram para Maria?

41) Quanti ne vogliono(V1) arrivare(V2) in cima?

Quantos deles chegaram ao topo?

(Di Scuillo e Rosen, 1990: 114)

Através dos exemplos acima, observa-se que o processo de cliticização do NP é sensível apenas ao tipo de estrutura argumental de V2, já que o verbo vogliono parece não exercer influência na gramaticalidade das sentenças. 40 é agramatical porque o sujeito de telefonare é um argumento externo e não pode ser cliticizado na forma de ne, ao passo que 41 é bem formada, pois contém um verbo ergativo cujo sujeito é um argumento interno.

Di Scuillo e Rosen oferecem uma explicação para o comportamento inerte de V1 em relação aos processos sintáticos do Italiano. Segundo as Autoras, existem dois níveis de estrutura pré-sintática:

(i)- A Representação Léxico-Semântica (RLS) contém informação sobre os participantes do evento ou estado expressos pelo predicado. A RLS do verbo "querer" é:

42) QUERER > [(experenciador) deseja (evento)]

maneira, o verbo leve pode obter argumentos especificados para projetar na sintaxe.

44) VERBO LEVE : V1 (u_i, u)

VERBO PRICIPAL: V2 (x_j, y)

PREDICADO COMPLEXO: [V1 V2] (x, y)

É só através das operações de substituição e controle que o verbo leve pode obter argumentos especificados para projetar na sintaxe, uma vez que os seus próprios argumentos não são definidos em termos de papéis semânticos na EA.

Pelo menos em Asurini, pota/ta pode ser traduzido como "querer" ou "ir". Tal indeterminação de significado parece ser uma característica dos verbos do tipo leve. De acordo com Pinker (1989:171): "in fact, there is a class of verbs that act something like a transitional case (similar to closed-class morphemes) : the "light verbs" such as come, go, be, make, bring, take, get and give ... Their meanings are fairly nonspecific and may correspond to simple semantic configurations that are encoded into affixes in other languages."

Analisando as construções complexas em que pota/ta ocorre como formadas por um verbo principal e por um verbo leve, daria, então, para justificar a alternância da ordem nas construções negativas. Quando y'ym se encontra como o último elemento do predicado complexo, o seu escopo recai sobre toda a construção, como em:

45) Não é o caso que eu quisesse matá-lo.

Quando y'ym se posiciona antes de V1, o seu escopo deve ser restrito ao verbo principal apenas, como em:

46) Eu queria não matá-lo.

Apesar de não podermos comprovar a diferença de escopo do operador de negação nos casos expressos em 31-36, achamos que a análise de pota/ta como verbo leve seria uma explicação mais plausível para a inversão dos morfemas nas construções acima do que aquela que o classifica apenas como sufixo indicador de tempo futuro. Além disso, não há evidências nas outras línguas da família Tupi-Guarani que justifiquem a existência de um afixo temporal na morfologia do verbo Asurini ⁷.

Ao que tudo indica, as construções negativas não envolvem subida do verbo para a área de INFL.

3.2.2.3 O marcador de tempo passado

A distinção entre presente e passado não vem codificada no verbo por meio de morfemas flexionais. As orações são ambíguas

⁷ Mesmo que pota seja analisado como sufixo, a nossa hipótese pode ser mantida. Segundo Di Sciullo e Williams (1987), os afixos não-flexionais também possuem estrutura argumental.

em relação ao tempo verbal, como o exemplo abaixo demonstra.

47) o-'o ipira

3A-comer peixe

'Ele come/ está comendo/comeu peixe.'

Para diferenciar essas duas categorizações temporais, são empregados advérbios como "agora" (rame) e "ontem" (ymawe) e partículas evidenciais que explicitam se a ação foi ou não presenciada pelo narrador e se ocorreu em um passado próximo ou remoto.

48) o-karo-rame

1A-comer(intr.)-agora

'Ele está comendo agora.'

49) masa sekwehe o-soka akwawa

cobra evid. 3A-matar índio

[+remoto][+narrador]

'O índio matou a cobra.'

ou

'A cobra matou o índio.'

Para Harrison (1975), os evidenciais seriam marcadores de tempo passado .

Como em Asurini inexistem afixos de tempo passado , os evidenciais poderiam ser interpretados como um reflexo direto

(spell out) da projeção TP (=Temporal Phrase) do mesmo modo que as partículas e marcadores aspecto-temporais são analisadas nas línguas isolantes.

Existem, porém, fatos sobre as estruturas em que os evidenciais ocorrem que não nos permitem classificá-los como categorias funcionais:

(i)-Os evidenciais não são obrigatórios para expressar tempo passado:

50) a-ha se-totyra-pyri
1A-ir 1poss.-tio-com
'Fui com meu tio.'

(ii)-Os evidenciais não ocupam ordem fixa na sentença em que ocorrem:

51) i-wise-oho raka Porake
3P-grande-muito evid. peixe
'O peixe (poraké) era muito grande.'

52) rakokwehe wy]e o-porahai
evid. pessoal 3A-dançar
'O pessoal dançou.'

(Tomkins, 1976:24)

53) Iracema-memyra o'an ypytonimo raka
1.-filho 3-cair noite-em evid.
'O filho de Iracema nasceu à noite.'

(Tomkins, 1976:27)

54) kosoá o-ken sekwehe i-sope h-atya
mulher 3A-dormir 3-para 3 poss.-mulher
'A mulher dormiu com ele (como) esposa.'

(Tomkins, 1976:2)

(iii)-Duas partículas evidenciais podem co-ocorrer na mesma oração.

55) kwe sekwehe i-kwawe'eŋ-a sekwehe i-sope
então evid. 3P-contar-ger. evid. 3-para
'Então, ela contou para ele.'

56) a'e sekwehe ehira sekwehe i-momyro-ho a-ha a-ka i-sope no
então evid. mel evid. 3P-procurar-muito 3-ir 3-estar 3-
para de novo.

'Então, ele foi procurar mel de novo.'

57) kwe sekwehe o-se-kotok-a sekwehe
então evid. 3A-refl.-furar-dep. evid.
'Então, ele se furou.'

58) a'e ramo sekwehe sekwehe i-se-apo-i eino ya
então evid. evid. 3-refl.-fazer-Ind.II assim água
'Então, a água se fez assim.'

(Solly, 1963:No 40)

59) sekwehe h-e'yi sekwehe i-mena
evid. 3-muito evid. 3poss.-marido
'Muitos maridos.'

(Tomkins, 1976:12)

60) raka Nonelwara ara-ha raka meewei ore.
evid. N. lexcl.-ir evid. devagar nós
'Nós e Nonelwara fomos devagar.'

(Nicholson, 1976a :69)

Se os evidenciais são , de fato, uma realização direta da categoria temporal, então, a estrutura oracional do Asurini pode conter dois núcleos temporais. E se tal possibilidade existe, nada impede que a língua gere orações com dois AGRPs(indicando a presença de dois sujeitos), dois NEGPs, dois VPs e assim por diante.

Reforçamos a nossa hipótese de que os evidenciais não devem ser interpretados como marcadores temporais com a sugestão de Kihm (1990) de que nem nas línguas isolantes, as categorias de tempo e aspecto são realizadas por meio de palavras especiais, tais como : partículas e marcadores.

De acordo com Kihm , os elementos aspectuais em Crioulo pertencem à categoria dos verbos e formam com o verbo principal um predicado complexo , uma vez que (p.713) : "spelling out of functional categories is not allowed , only words , simple or inflected, are included in the mental lexicon, and inflection is the sole means through which Vs incorporate a T(emporal)/A(spectual) representation having scope over the whole

sentence".

Dessa maneira, nas línguas isolantes, o predicado aspectual que rege o verbo principal é flexionado (flexão nula) através de algum mecanismo formal que incorpora o valor do Aspecto ao verbo. Segundo Kihm, a distinção paramétrica entre línguas flexionais e isolantes fica reduzida a uma diferença lexical. Nas últimas, existe no léxico uma classe de verbos especiais que expressam o mesmo conteúdo semântico encontrado nos elementos flexionais das primeiras.

Pelo acima exposto, concluímos que os evidenciais não têm o estatuto de marcadores temporais. Existem duas possíveis análises para esses marcadores do Asurini que devem ser examinadas com maior profundidade em pesquisas futuras: uma é considerá-los como advérbios temporais e a outra seria tratá-los como marcadores de foco ("é que") usado para clivagem. O nosso objetivo aqui foi apenas mostrar que em Asurini inexistem marcadores de tempo passado lexicalmente realizados. Assim, os evidenciais não devem ser tratados como elementos funcionais.

3.2.2.4 Os marcadores aspectuais

Em Asurini, vários mecanismos são empregados para a expressão do aspecto verbal:

A reduplicação é usada para indicar ações repetidas, sucessivas ou simultâneas.

61) o-mopo-mopo]

3A-atirar-redup.

'Ele atirou muitas vezes.'

62) ipira o-ke-ke i-pype

peixe 3A-entrar-redup. 3-dentro

'Os peixes entraram simultaneamente dentro dele(do pari).'

Dobson (1988) em sua análise sobre o Kayabi sugere que os sufixos ete ("muito"), oho ("grande") e opam ("acabar"), também encontrados em Asurini, são utilizados como marcadores de aspecto intensivo, aumentativo e perfectivo respectivamente.

63) o-apo-pam kawisa]oa

3A-fazer-terminar mingau pessoal

'O pessoal acabou de fazer mingau.'

'O pessoal fez todo o mingau.'

64) a-potar-ete

1A-querer-muito

'Quero-o muito.'

65) i-'i-oho

3A-dizer-muito

'Gritou.'

Como dois elementos aspectuais podem co-ocorrer no mesmo predicado, julgamos apropriado atribuir a eles funções distintas.

66) ore oro-manaa-paw-ete-pota komanaisi'ia meewei ara-ha
nós 1excl.A-cortar -acabar-muito-pota arroz devagar 1excl.-
ir

'We'll finish cutting all the rice slowly.'

(Nicholson, 1976a:56)

Em 66 , pam exerce a função de aspecto perfectivo e ete serve o papel de quantificador adverbial que tem escopo sobre o argumento interno do verbo : "todo o arroz".

Pam pode também assumir exclusivamente o papel de quantificador apenas, como em:

67) h-orywete-papaw-imo ŋoa i-soka-o

3P-feliz-termina-quando pessoal 3A-matar-dep.

'O pessoal vai ficar muito alegre (porque) matou caititu.'

(Nicholson, 1976:15)

Observamos que em Asurini todos os marcadores aspectuais ocorrem como verbos principais:

68) a. aŋa o-pam

casa 3A-acabar

'Ele acabou a casa.'

b. a-raa-pam ma?esiroa
1A-levar-acabar coisas
'Levei todas as coisas'

69) a. ere-sokwen-ta pa
2A-de novo-pota inter.
'Quer de novo?'

(Nicholson, 1975a)

b. a-pihin sokwen h-ereka oe-t-aŋa no
1A-pintar de novo 3P-estar com 1poss.-casa de novo
'Pintei a minha casa de novo.'

(Nicholson, 1976a:39)

70) a. oro-karo - ypy
1excl. A-comer intrans. - começar/primeiro
'Começaremos a comer'
ou
'Comeremos primeiro'

b. ara-ypy
1a.excl. A-começar
'Começaremos.'

Assim como pota(n)/ta(n) , todos os elementos que ocorrem como aspectuais em Asurini são verbos do tipo leve que formam no léxico um predicado complexo com o verbo principal ⁸.

Concluimos , então, que os marcadores aspectuais em Asurini não são afixos adquiridos pelo verbo na sintaxe através de uma regra de mover- α . Esses elementos têm o estatuto de verbo e são combinados com o verbo principal ainda no léxico. Uma prova disso é que eles podem ser reduplicados.

71) ore-maisiroa i-moakyn-papapa

1 excl. poss.-coisas 3P-caus.-molhar -toda-toda

(pam+a>papa>papapa)

(Nicholson, 1976a:32)

⁸ Observe-se que até os "sufixos" que derivam as formas de futuro e passado do nome nas línguas Tupi-Guarani, como em

(i)- karasa-kwera
batata-pass.

'a que foi batata.'

são predicados estativos , como mostram os exemplos do Tupinabá

(ii) ybá-puera
fruta-pass.

'a que foi fruta.'

(iii) i-puer paie
3P-pass.-pajé

'está velho o pajé.'

(Barbosa, 1956:101-104)

3.2.2.5 As construções perifrásticas

Para alguns investigadores do Asurini, como Nicholson (1978) e Harrison (1975) existe uma pequena classe de verbos que funciona como verbos auxiliares, expressando o aspecto progressivo. Esses predicados também são empregados como verbos principais.

Na função de auxiliares, tais formas verbais ocorrem geralmente em posição pós-verbal. Além de aspecto contínuo, elas indicam a posição física do sujeito ou do objeto da oração onde ocorrem, como, por exemplo: "matou indo/vindo/em pé/sentado."

No quadro abaixo estão ilustradas as formas dos verbos que podem funcionar tanto como principais, quanto como auxiliares em Asurini.

72)	<u>INTRANSITIVO</u>	<u>TRANSITIVO</u>
	<u>principal</u> <u>auxiliar</u>	<u>principal</u> <u>auxiliar</u>
<u>MOVIMENTO</u>		
	aka aka	oereka hereka
	"estar"	"ter, estar com"
	aha aha	oeraha heraha
	"ir"	"levar, ir com" on
	on ota	oeron herota
	"vir"	"trazer, vir com"

POSIÇÃO

om	opa	-	heropa
"deitar "			"deitar com "
oi	oina	-	heroína
"sentar"			"sentar com"
o'om	o'oma	-	hero'oma
"estar em pé "			"estar em pé com".

73) Sakamirame o-n (verbo principal)

3A-vir

'Sakamirame veio'

74) rakokwehe ore-reha-o o-ta mirika (auxiliar)

evid. lexcl.pc.-trazer-dep. 3A-vir mulher

'A mulher nos trouxe (vindo)'

(Tomkins, 1976:24)

75)yhara-sia-re raka o-ina (verbo principal)

canoa -proa-em evid. 3A-sentar

'Ele estava sentado na proa da canoa'

76) hatya sekwehe o-ma'e o-ina hehe (auxiliar)

mulher dele evid. 3A-olhar 3A-sentar ele-para

'A mulher dele estava olhando para ele, sentada'

O auxiliar e o gerúndio(= verbo dependente) assumem a mesma

forma , com a diferença que o primeiro sempre termina com a vogal - a típica dos nomes .

77) <u>auxiliar</u>	<u>gerúndio</u>	
oe-ha	oe-ha-o	"Eu vou."
e-ka	e-ka-o	"Você está."
h-ereka	h-ereka-o	"Está com ele/tem-no".

Outra característica do chamado verbo auxiliar em Asurini é que ele não ocorre na forma negativa . Só o verbo principal é que fica marcado com o sufixo de negação.

78) o-sa'aa-y'ym a-ka
3A-chorar-neg. 3A-estar
'Ele não está chorando'

Discutiremos a seguir algumas possíveis análises para as formas auxiliares do Asurini.

3.2.2.5.1 O estatuto das formas auxiliares

Nas construções perifrásticas do Asurini, observa-se que tanto o verbo principal, quanto o verbo auxiliar , carregam traços de concordância.

79) pohaŋa o-'o o-pa

remédio 3A.-tomar 3A-deitado

'Tomou remédio (deitado).'

80) Norai o-pyhan topawa o-ina

3A-tecer rede 3A-sentar

'Norai teceu rede(sentada).'

81) meewei sa-ha sere-ka yhara -pype

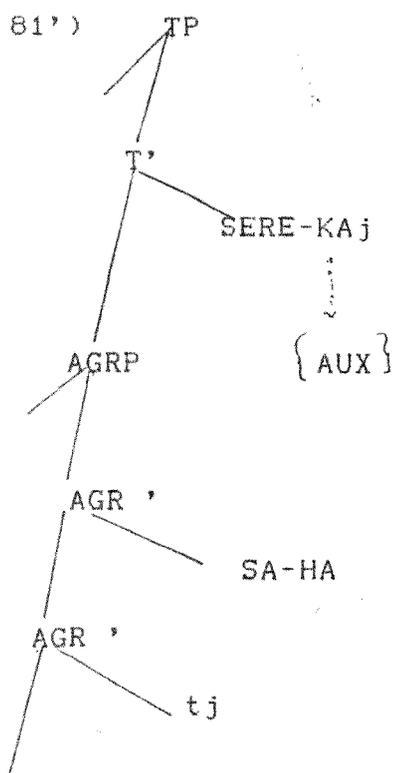
devagar 1incl.A-ir 1incl.A-estar canoa-em

'Fomos na canoa devagar.'

O problema com os fatos do Asurini seria justificar a ocorrência dos traços de concordância na morfologia verbal.

De acordo com as propostas mais recentes da Gramática Gerativa, para que ambos os verbos adquiram os traços de concordância no exemplo 81, eles devem ser movidos para o nódulo AGR⁹. Como ilustra a estrutura abaixo, o verbo auxiliar sobe de AGR para To, devido à Teoria da Quantificação que exige que todo operador, no caso Tempo, ligue uma variável, no caso o vestígio de AUX em AGR. Depois, o verbo principal é alçado para AGR, o que resulta na representação:

⁹ Para fins da discussão acima, assumimos que o Asurini tenha uma morfologia verbal rica (afixos de concordância) e por isso, o verbo deve ser alçado para a área de INFL.

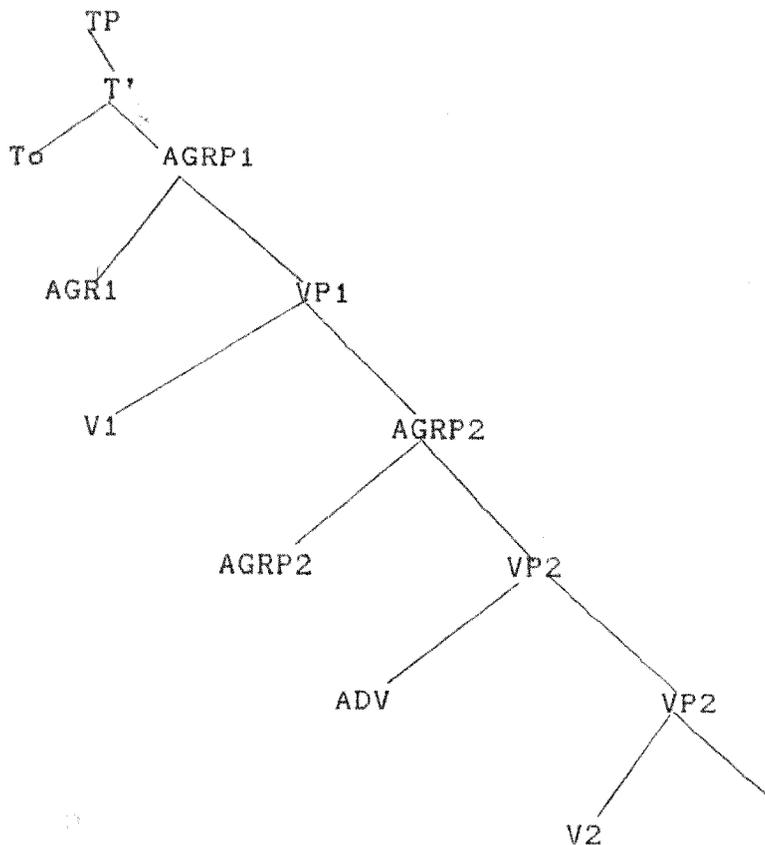


Em 81, todavia, o Princípio das Categorias Vazias (PCV) é violado. O vestígio do auxiliar não se encontra apropriadamente regido por seu antecedente, já que o verbo principal intervém entre eles e bloqueia a relação de regência. Saha, de acordo com a condição da minimalidade é um antecedente em potencial para o vestígio de AUX. Dessa maneira, a construção em 81 não pode ter sido derivada por uma regra de alçamento do verbo para INFL.

A fim de dar conta de dados do Francês (82) semelhantes aos do Asurini em que o verbo principal e o auxiliar parecem ter aterrissado no mesmo nóculo, Pollock (1989) sugere outro tipo de estrutura oracional com duas categorias AGRP (82').

82) Pierre a vu à peine Marie.

82' -



Segundo Pollock ,em 82' o verbo aspectual a é gerado em V1 e de lá se move para AGR1 e depois para To. O verbo principal, lu, é gerado em V2 de onde sobe para AGR2 ,atravessando o nóculo do advérbio, o que resulta na ordem expressa em 82.

O problema com a representação acima é que ela contém dois nóculos AGRP com traços do sujeito. Se existe apenas um argumento sujeito na oração, não se justifica a postulação desses dois nóculos, como afirma Iatridou (p. 564): "according to Noam Chomsky (personal communication), structure (48) (=82') itself indicates that Pollock is mistaken about naming his proposed maximal projection "subject-AGRP" (that is, "carrying the argument features for the subject"). What in fact would it mean for two

such nodes to exist in a sentence with only one subject?"

Para Chomsky (cf. Iatridou), a ordem verificada em 82 seria derivada do movimento de vu para AGRP-(objeto).

Aparentemente a existência de uma categoria como AGR (objeto) justificaria a existência de dados em Asurini em que o auxiliar carrega traços do objeto:

83) Sakamiramé o-pin ywyrapara h-ereka

S. 3A-descascar arco 3P-estar com
'Sakamiramé está descascando o arco.'

O problema com a estrutura 83, todavia, é que é o verbo aspectual que carrega as marcas de concordância do objeto e não o verbo principal, que, como seleciona o objeto, deveria estar mais intimamente associado ao AGR-O. Além disso, existem outros exemplos do Asurini, onde ambos os verbos parecem "concordar" com o objeto.

84) Iogawete h-erot-a h-ereka saocia oapei

I. 3P-trazer-dep. 3P-estar com jabuti costas
"Iogawete está trazendo o jabuti nas costas."

(Nicholson, 1976b:6)

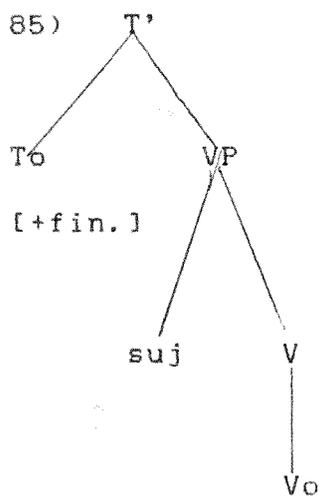
84 apresenta a mesma prolemática que 81. Seriam necessários dois nódulos AGRP-O para derivar tais estruturas.

Mesmo se admitirmos a possibilidade de que AGR-objeto contém dois núcleos adjungidos a ele, não há como dar conta da

construção 84, visto que a ordem hereka (Aux)+ herota(V) também é possível. Sendo assim, existem evidências na língua de que V e Aux não ocupam posições definidas na representação arbórea.

A ordem Aux+V indica que o verbo principal é hierarquicamente mais alto do que o aspectual, já que é movido para o nóculo AGR antes do auxiliar: [AGR aux[AGR V [AGR afixo]]]. Na ordem V+AUX é o verbo aspectual que é alçado primeiro, seguido do principal: [AGR V [AGR AUX [AGR afixo]]].

Como já mencionamos, Iatridou discorda da existência de uma posição sintática para AGRP porque concordância envolve uma relação estrutural entre especificador e núcleo. Sendo o sujeito gerado na base na posição [Spec, VP], só haverá concordância entre ele e o verbo se TEMPO [+finito] reger o VP que os contém, como em :



Se alguma projeção máxima, como um verbo auxiliar, intervier entre Tempo e V, a relação necessária para concordância entre

especificador e núcleo será bloqueada.

Na sentença "John has laughed", laugh não concorda com o sujeito, posto que have intervém entre TEMPO e V. Para que haja concordância verbal, o sujeito nessa estrutura deve ser movido para [Spec,TP] e o verbo auxiliar, para To. Desse modo, eles entrarão em uma relação estrutural de especificador e núcleo que estará no domínio de regência de TEMPO.

Se concordância exige uma relação estrutural entre núcleo e especificador com TEMPO[+finito] os regendo, e se, segundo Iatridou, nenhuma projeção máxima poderá intervir entre VP e Tempo, como justificar as marcas morfológicas de concordância verificadas no verbo principal e no auxiliar, como nos exemplos acima citados e os que se seguem?

86) o-ma'e sehe o-'oma hehe

3A-olhar evid. 3A-em pé ele-para

'Ele olhou para o outro estando sentado.'

(Nicholson, 1976a:50)

87) o-apy]] o-ina

3A-sentar 3A-sentar

'Ele sentou sentado.'

Parece impossível derivar as marcas de "concordância" nos verbos através da teoria aqui adotada. Se tais afixos pessoais são adquiridos via movimento, devemos admitir que em Asurini : (i) o

Princípio das Categorias Vazias pode ser violado (ex.81); e (ii) dois núcleos AGR-objeto (ex.84) ou dois AGR-sujeito (exs.79,80, 86 e 87) podem ser gerados na mesma oração.

A nosso ver, essas formas verbais que co-ocorrem com o predicado principal não são verbos auxiliares, mas construções de outra natureza, como mostraremos mais adiante.

3.2.2.5.2 Os predicados do tipo "individual" e "stage"

Outro argumento que corrobora a nossa hipótese de que tais formas verbais não podem ser classificadas como verbos auxiliares, vem das construções perifrásticas envolvendo predicados do tipo individual-level.

Como já discutido no capítulo 2, Kratzer (1989) distingue em termos semânticos dois tipos de predicado: (i) stage-level predicates que se referem às propriedades temporárias do indivíduo e que possuem uma posição de argumento extra em forma de variável que pode ser ligado por expressões locativas e temporais; e (ii) individual-level predicates que se referem às propriedades permanentes dos indivíduos e que não possuem tal argumento extra.

Diesing (1992) sugere que os verbos stage-level estão associados a um tipo de INFL ergativo que não pode atribuir papel temático ao sujeito oracional. É o verbo que confere papel temático ao sujeito gerado em [Spec,VP] e que pode ser alçado para [Spec,IP] para ter caso conferido, deixando um vestígio em

seu lugar. Na Forma Lógica , se ele permanece na sua posição de base , ele tem uma interpretação indefinida , mas se for movido para IP, recebe uma leitura genérica ou definida.

Os predicados individual-level estão associados a um tipo de INFL que atribui ao sujeito o papel temático "tem a propriedade x" . Assim, o sujeito desses verbos é gerado na posição [Spec, IP] de onde controla PRO em [Spec, VP]. Na Forma Lógica o NP em IP tem uma leitura genérica ou definida.

A interpretação semântica dos NPs está, então, ligada à posição em que eles ocorrem na estrutura arbórea.

Em Asurini, observou-se os seguintes dados envolvendo individual-level predicates em construções perifrásticas:

88) na-se-raty-ihi we rakokwehe oe-ka
neg.-1P-mulher-neg ainda evid. 1A-estar
'Eu não era casado ainda'

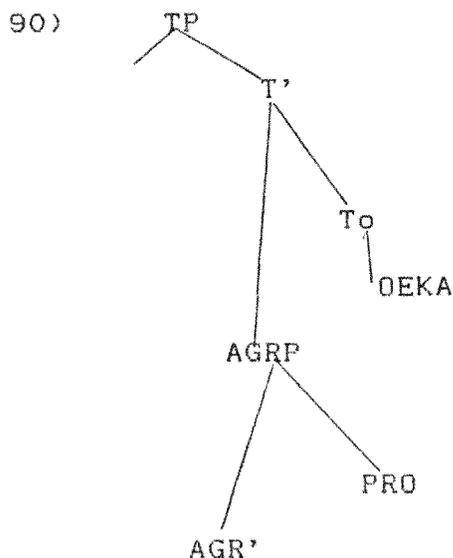
(Solly, 1966)

89) o-kwawe'eŋ seeŋa a-ka
3A- saber língua 3A-estar
'Ele sabe a língua'

Se analisarmos ka como verbo aspectual nas estruturas acima, surgem dois problemas: (i) os predicados individual-level não são associados ao aspecto progressivo, pois não possuem uma variável espaço-temporal ou evento, como demonstra a

agramaticalidade de: * Maria está sendo alta/* Os livros estão pertencendo aos alunos ;e (ii) de acordo com Diesing, PRO em [Spec,VP] controlado pelo sujeito do predicado individual-level em [Spec,IP], é movido para [Spec,AGRP] para evitar regência de V ¹⁰.

Em 88, se oeka é interpretado como verbo auxiliar contendo marcas de concordância, ele deve ter sido alçado para o núcleo de TP. PRO em [Spec,VP], por sua vez, deve ser movido para [Spec, AGRP] para fugir da regência de V. Nessa configuração, porém, o auxiliar em To passa a reger PRO, visto que AGRP, sendo um complemento de Tempo não é barreira para regência, de acordo com Pollock. Assim, 88 não pode ter sido derivada da representação abaixo.



¹⁰ Diesing adota a estrutura oracional proposta por Pollock(1989).

As análises aqui discutidas apontam para uma única conclusão: as formas aspectuais em Asurini não devem ser tratadas como verbos auxiliares, já que não existem meios para a derivação das marcas de concordância na morfologia verbal. Além disso, se esses verbos fossem auxiliares, eles não poderiam co-ocorrer com predicados do tipo individual-level. Esses fatos nos levam a postular a hipótese de que em Asurini, o verbo principal e a forma auxiliar encontram-se em orações distintas.

Nas seções seguintes, discutiremos outras possíveis análises para as construções perifrásticas.

3.2.2.5.3 Verbos Seriais

Em Asurini, as orações em que ocorrem as formas verbais auxiliares se assemelham às construções envolvendo verbos seriais em outras línguas.

Uma construção serial contém uma sequência de verbos que parecem pertencer a uma única oração. Observe os exemplos de Yoruba, Sranan e Asurini:

YORUBA

91) ó mú íwé wá

ele levar livro vir

'Ele trouxe o livro.'

SRANAN

92) Kofi naki Amba kiri

Kofi bater Ambar matar

'Kofi bateu em Ambar até a morte.'

(Baker, 1987: 513/516).

ASURINI

93) o-mokato-y'ym-ame akawawa a-ka

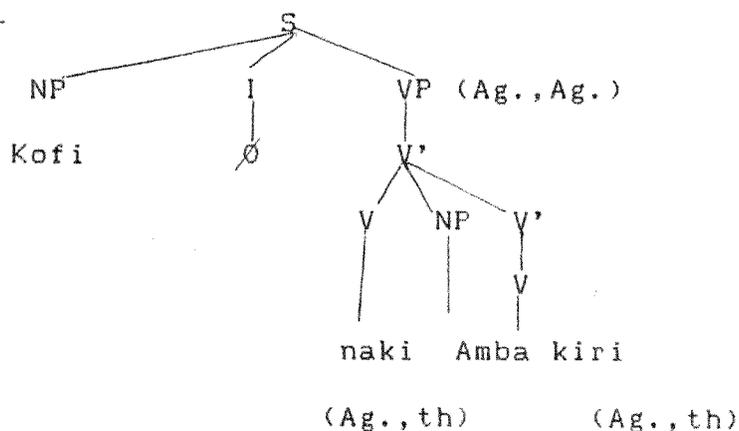
3A-curar-neg.-agora indio 3A-estar

'Ele não está curando índios agora'

(Tomkins, 1976)

Baker (1989) propõe um parâmetro que distingue as línguas que permitem construções seriais daquelas que não permitem. É o Generalized Serialization Parameter, segundo o qual as línguas de verbos seriais licenciam VPs com núcleo duplo, isto é, V' contém, além de V, outro V' encaixado, como na representação abaixo:

94) '-



Em 94, ambos os verbos são núcleos do VP e atribuem papel temático ao NP-objeto. Amba recebe θ diretamente de naki e indiretamente de kiri, pois a projeção máxima deste último é irmã do NP.

Como os verbos seriais compartilham um único objeto estrutural, existem restrições quanto à co-ocorrência entre eles. Somente aqueles que selecionam um argumento interno podem participar das construções seriais, isto é, os transitivos e ergativos. Os intransitivos são excluídos, como demonstra a agramaticidade do exemplo Yoruba abaixo.

YORUBA

95)* Mo sè eran jeun

Eu cozinhar carne comer(int.)

'Eu cozinhei carne e comi'

(Baker 1989: 531)

Em Asurini, todavia, os verbos intransitivos podem figurar nas construções perifrásticas.

96)a. o-karo η oa o-ina

3 A- comer(intr.) homem 3A-sentar

b. o-karo o-ina η oa

'Os homens comeram sentados.'

(Harrison, 1966)

Em 96a V1 e V2 não compartilham um objeto estrutural. O NP

poa que ocorre entre eles é um argumento externo no papel de agente. O parâmetro proposto por Baker para a existência de construções seriais não dá conta dos dados do Asurini envolvendo as formas "auxiliares".

Existe ainda outra proposta para os verbos seriais que será discutida a seguir:

De acordo com Campbell (1989), a representação lexical de um núcleo não-funcional contém não só informação sobre a sua grade temática (theta-grid), isto é, sobre os elementos semanticamente selecionados pelo núcleo, mas também informação sobre a categoria lexical desses argumentos (c-selection).

A entrada lexical de um verbo como "matar" especifica que o seu complemento tem o papel semântico de paciente e o seu sujeito, o papel semântico de agente. A sua representação também trará a especificação das categorias sintagmáticas dos seus argumentos.

97) matar [-N,+V] / -NP

<agente, paciente>

Alguns proponentes da Gramática Gerativa, como Chomsky (1986a), decidiram eliminar a seleção categorial da representação lexical, por julgarem-na redundante. Segundo Chomsky (1986a:86/87): "Is it also necessary to specify in the lexical properties of categorial selection (c-selection), for example, that hit takes an NP complement (hit john)? the latter specifica-

tion seems redundant; if hit s-selects a patient, then this element will be an NP. If c-selection is redundant, in general, then the lexicon can be restricted to s-(emantic) selection.

Let us assume that if a verb (or other head) s-selects a semantic category C, then it c-selects a syntactic category that is the "canonical structural realization of C" (CSR(C)). Take CSR (patient) and CSR (goal) to be NP, then hit c-selects NP".

Campbell, todavia, através da investigação do comportamento de certos verbos em diversas línguas conclui que a seleção categorial não é uma propriedade derivada da seleção semântica, mas sim uma propriedade independente, posto que existem núcleos que ou só projetam informação lexical sobre as categorias sintagmáticas que selecionam ou só projetam a sua grade temática. Através desses fatos, Campbell elabora uma teoria de representação lexical que reconhece quatro tipos de predicado verbal:

(i) [+grade total] [+seleção-c]

Neste tipo estão incluídos os verbos regulares que projetam ambas as informações lexicais, como é o caso do verbo "matar".

(ii) [-grade total] [+seleção-c]

Esse tipo de predicado é interpretado como verbo leve. Esse é o caso de give, take e have .

98) Fred gave anchovies a try

(Campbell, 1989:3)

Segundo Campbell, give no exemplo acima não projeta a sua grade temática, posto que a interpretação semântica da sentença é determinada pelo NP a try. 98 tem o sentido:

99) Fred tried anchovies

Give seleciona um complemento com o papel de goal e esse não é o papel conferido ao nominal anchovies em 99. O sujeito do verbo give em seu uso regular assume o papel de fonte, ao passo que em 99, Fred exerce a função de agente. Dessa maneira, o Autor sugere que o verbo give nesses casos é um verbo leve, no sentido de que não atribui nenhum papel temático aos NPs da oração em que ocorre.

Por outro lado, give seleciona dois NPs-complemento que são realizados na estrutura 99 por anchovies e a try. Este último não tem papel temático atribuído. Assim, para que possa ser interpretado na Forma Lógica, é necessário que a try seja um elemento atribuidor de papel de teta. Em 99, a try funciona como predicado e por isso, o sujeito e o objeto recebem a interpretação de agente e paciente respectivamente, e não de fonte e goal, como seria o caso se give fosse o predicado responsável pelo mecanismo de atribuição de papel teta.

(iii) - [+grade teta] [-seleção-c]

Neste grupo de predicados estão incluídos os verbos seriais verificados em línguas africanas orientais como Akan.

AKAN

100) Yaw tó boól nó bo kófi

Y. throws ball the hits k.

'Yaw throws the ball at Kofi'

(Campbell 1989: 331)

Em geral, os verbos em série são flexionados para as mesmas categorias (ex. 100) através de uma regra que copia os traços de INFL para o verbo (principal V1) em VP que os transmite para o VP (que contém V2) que rege. Segundo Campbell, há vários tipos de construções seriais. Em uma delas, denominada de s-series, como em 100, os verbos que compõem a estrutura serial devem possuir grades temáticas idênticas. V1 não projeta as suas propriedades de seleção-categorial e por isso, toma como complemento V2. Através de um mecanismo de percolação, ambos os predicados atribuem papel temático ao sujeito da construção complexa.

A análise dos verbos seriais proposta por Campbell não é apropriada para dar conta das construções perifrásticas do Asurini pelos seguintes fatos:

(a) V1 e V2 não precisam compartilhar das mesmas propriedades teta. Verbos transitivos ocorrem com intransitivos.

(b) V1 projeta a sua projeção categorial, ao contrário de V1 nas

construções seriais. Observe-se que no exemplo abaixo, a estrutura argumental projetada na sintaxe é a de V1¹¹, já que V2 é ergativo que só seleciona um argumento interno, enquanto que a construção contém dois argumentos .

101) o-momyro imena a-ha

3A-procurar marido 3A-ir

'Foi procurar o marido.'

(c) Os traços verificados no auxiliar em Asurini não podem ser derivados por um mecanismo de cópia , visto que nem sempre são os mesmos verificados no verbo principal.

102) oro-sai h-ereka Velda

1 excl.-achar graça 3 P-estar Velda

' Velda e nós achamos graça .'

(Nicholson, 1976a)

103) oro-momyro raka oe-ka

1excl.-procurar evid. 1 sg.A-estar

'Procuramos onde eu estava.'

(Nicholson, 1976a)

Em 102 , o verbo principal é intransitivo e contém traços de 1 pessoa exclusiva, ao passo que o auxiliar está marcado com

¹¹ Para fins de argumentação ,estamos propondo aqui que os NPs em Asurini podem ter função argumental.

traços de 3 pessoa objeto.

No exemplo 103 , as marcas no verbo são de 1ª exclusiva e o auxiliar contém traços de 1ª pessoa do singular.

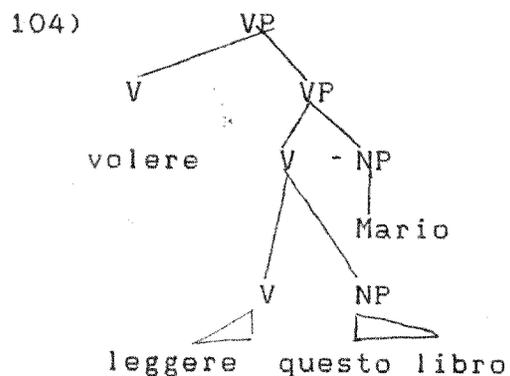
Pelo acima exposto , percebe-se que as marcas de número e pessoa nos auxiliares não podem ser derivadas por um mecanismo de que copia traços de V1 para V2.

Assim, concluímos que as construções perifrásticas do Asurini não são construções seriais.

3.2.2.5.4 Os auxiliares como verbos leves"

Em várias línguas , verbos como "ir" ,"vir" são do tipo leve, quando ocorrem em predicados complexos. Estes mesmos predicados aparecem nas construções perifrásticas em Asurini.

De acordo com Di Scullo e Rosen, como os verbos leves têm um argumento evento na Representação Léxico -Semântica (RLS), eles selecionam um complemento-VP para projetar na sintaxe. Na estrutura-P , os núcleos do predicado complexo V1 e V2 são coindexados através do mecanismo de co-superscripting para indicar que o verbo leve tem um argumento evento que é representado como VP na sintaxe. Essa coindexação torna a estrutura VV um domínio quase opaco, que impede a ocorrência de itens lexicais referenciais entre eles. Apenas advérbios , adposições e anafóricos podem figurar entre os dois núcleos.



(Di Sciullo e Rosen:115)

Como visto em Asurini, todavia, qualquer expressão referencial pode intervir entre o verbo principal e o "auxiliar". Então, concluímos que as construções perifrásticas não são formadas por verbos do tipo leve.

3.2.2.5.5 Mini-oracões

As formas auxiliares se assemelham a mini-oracões, como:

105)-Maria dormiu [sentada]

Existem, porém, problemas com a postulação de mini-oracões (do tipo complemento) no Asurini. Observe as construções abaixo:

106) a. a-esaŋ [i-sekyi-ramo oe-toa]

1A-ver 3P-morrer-RAMO 1poss.-pai

b. a-esaŋ [oe-toa i-sekyi-ramo]

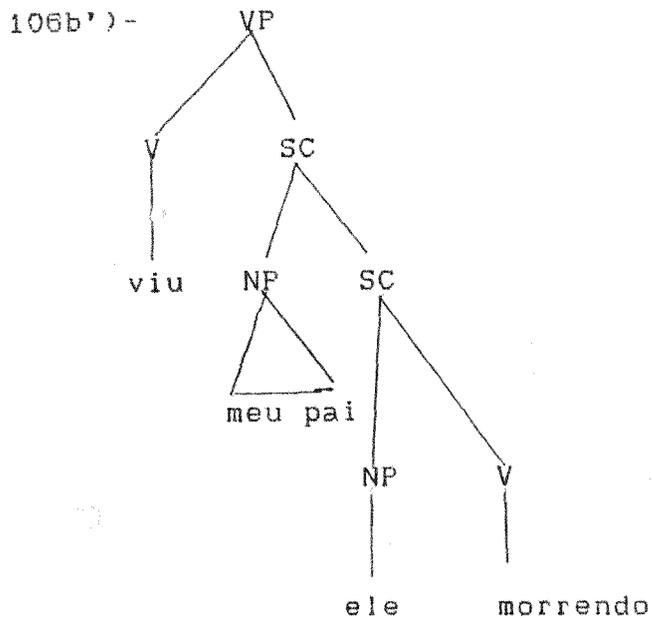
c. a-esaŋ [i-sekyi-ramo]

'Vi [meu pai morrendo]'

Em 106^a poder-se-ia sugerir, seguindo a análise de Kato (1989) para as mini-orações em Português, que o verbo principal incorporou o verbo ergativo ("morrer") e que o sujeito (argumento interno de "morrer") permaneceu na sua posição de base.

Um dos problemas com a estrutura acima reside na marca de pessoa no verbo da sentença complemento em c. i não deve ser analisado como traço de concordância porque INFL está ausente nas mini-orações. Se não é concordância, essa marca pronominal só pode ser interpretada como clítico com função argumental. Nesse caso, o nominal sujeito nas versões a e b funciona como um adjunto.

O problema está justamente na geração desses NPs. A representação da estrutura de 106b seria:



Como o verbo "ver" seleciona uma mini-oração complemento e

o sujeito deste complemento é o clítico de 3 pessoa, a única posição para gerar o NP("meu pai ") é em adjunção ao nóculo SC. Mas movimento por adjunção só é permitido para uma projeção máxima não-argumental (cf. Chomsky, 1986b). Dessa maneira, a representação de 106b não pode ser 106b' e as construções acima não devem ser interpretadas como mini-orações-complemento.

De acordo com a nossa análise, a tradução literal para 106 é: " eu o vi / o meu pai, ele morrendo" em que a oração introduzida por ramo exerce o papel de adjunto, estando coindexada ao argumento interno do verbo principal. O NP é um adjunto do clítico i.

A nosso ver inexistem em Asurini estruturas que sejam regidas pelo verbo principal, já que este só é capaz de reger os afixos/clíticos, segundo a nossa hipótese central.

Além desse fato, se os "auxiliares" forem interpretados como mini-orações, eles seriam do tipo adjunto, uma vez que nenhum deles é selecionado pelo verbo nas estruturas em que ocorrem. Sendo adjunções, essas formas verbais não deveriam sofrer movimento sintático porque não estariam regidas lexicalmente. Em Asurini, todavia, os auxiliares podem ser prepostos sem que altere a gramaticalidade da sentença:

107a. Mahira o-esan a-ha wasyra

M. 3A-ver 3A-ir filha

b. Mahira a-ha wasyra h-esaka

3P-ver-dep.

'Mahira viu/ foi ver a filha'

Se aha pode ser movido, isso indica que as construções perifrásticas não são mini-orações adjuntas.

3.2.2.5.6 Orações adjuntas

Os predicados auxiliares, apesar de nominalizados na morfologia, já que terminam no sufixo -a que identifica os nomes da língua, são [+V] na sintaxe. Na verdade, existem evidências de que eles não se encontram na mesma oração que o verbo principal e de que têm uma estrutura argumental independente, como demonstraremos a seguir.

Certos processos gramaticais em Asurini, dependem da noção de um sujeito. São eles:

(i)- Gerúndio: O verbo inicial de uma série de orações engatilha a forma de gerúndio (=dependente) nos verbos subsequentes, se houver correferencialidade entre os seus sujeitos.

108) o-soka tapi'irah-eraha-o [i-'o-wo]]

3A-matar anta 3P-levar-dep. 3P-comer-ger.

'Matou anta, levou e comeu'

109) a-san [oe-se'e]a]

1A-vir 1A-falar-ger

'Vim para falar'

Em Asurini, se o "auxiliar" preceder o verbo principal, este último é marcado com a forma de gerúndio. Observe as seguintes estruturas:

- 110) a. ipira o-soka a-ha Cajuanawa
peixe 3A-matar 3A-ir
- b. ipira a-ha i-soka-o Cajuanawa
3P-matar-ger.
- c. * ipira a-ha o-soka Cajuanawa
'Cajuanawa matou/ foi matar peixe'

- 111) a. Sahya o-seopin a-ha ywate
lua 3A-subir 3A-ir alto
- b. Sahya a-ha o-seopit-a ywate
3A-subir-ger.
- c. * Sahya a-ha o-seopin ywate
'A lua subiu/ foi subindo lá no alto'

Nos exemplos acima, quando o auxiliar ocupa posição pré-verbal, ele engatilha a morfologia de gerúndio no verbo principal, como qualquer outro verbo regular da língua. Este processo é obrigatório, como a agramaticalidade das sentenças c indicam.

(ii)- Indicativo II. Como foi demonstrado no capítulo 2, quando algum advérbio ou oração adverbial ocorre em posição inicial nas sentenças, o verbo adquire uma morfologia adverbial (sufixo

i), denominada de Indicativo II (cf. Rodrigues, 1953), se o seu sujeito for de 3ª pessoa, como em 112b.

112) a. o-eron ipira i-sope
3A-trazer peixe 3-para
'Trouxe peixe para ela'

b. i-sope h-eror-i ipira
3-para 3P-trazer-Ind.II-peixe

Foram observados em Asurini, dados que mostram que o auxiliar também pode assumir a forma de Indicativo II.

113) Mara pa h-ereka-i pe-momon ehira
como inter. 3A-estar com/ter-Ind.II 2pl.A-procurar mel
'Como vocês procuram o mel (que vocês) têm?'

114) a. akwawa raka o-wahem o-ta ore-ope
índio evid. 3ag.-chegar 3ag.-vir nos-para
'O índio chegou vindo para nós.'

b. osepesowe raka i-tor-i akwawa o-wahem-a
um evid. 3P-vir-Ind.II índio 3A-chegar-dep.
'Apenas um índio chegou vindo'

(Solly, 1963)

Como o fenômeno do Indicativo II só afeta verbos cujo sujeito

é de 3ª pessoa , e o sujeito do verbo principal em 113 é de 2ª pessoa, parece claro que o " auxiliar" hereka tem uma estrutura argumental independente. Em 114b o auxiliar que ocorre logo após o advérbio recebe a marcação de Indicativo II e também engatilha a morfologia de gerúndio no verbo principal.

Concluimos desses fatos que as formas auxiliares encontram-se em uma oração distinta daquela que contém o verbo principal.

Resta-nos agora investigar que tipo de oração seriam as formas auxiliares.

A nossa hipótese inicial é de que tais verbos funcionam como orações adjuntas com interpretação temporal, o que resulta na idéia de aspecto progressivo, como a tradução do exemplo abaixo pode demonstrar ¹².

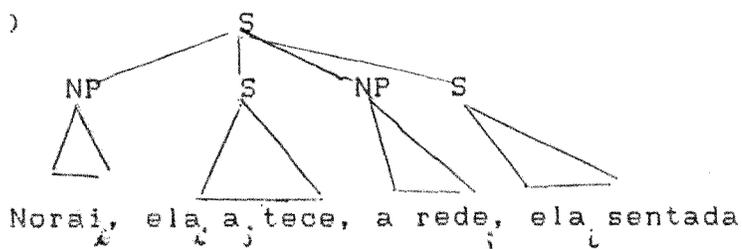
115) Norai o-pihin topawa o-ina

N. 3A-tecer rede 3A-sentar

'Norai teceu rede (enquanto) estava sentada'

A representação de 115 parece ser 115'

115')



¹² Não há itens lexicais que correspondam a conjunções do tipo "enquanto" em Asurini.

A nosso ver, Asurini é uma língua do tipo pronome argumental cujos NPs e predicados "auxiliares" funcionam como adjuntos, pois podem ocupar qualquer posição na estrutura em que ocorrem e são facultativos ¹³.

No capítulo que se segue, examinaremos as estruturas interrogativas, relativas e de incorporação em Asurini. Nas línguas de argumento pronominal, de acordo com Jelinek (1992), essas construções não envolvem regras de movimento sintático, já que inexistem posições-A fora do complexo verbal. Se Asurini for, de fato, uma língua em que a projeção argumental é realizada através dos afixos/clíticos, não haverá construções envolvendo regras de mover-*qu* ou de mover-N.

¹³ Para expressar o aspecto progressivo não é necessária a presença dos "auxiliares" em Asurini.

CAPÍTULO 4

A AUSÊNCIA DE REGRAS DE MOVER- α

Este capítulo tem como objetivo averiguar se na língua Asurini do Trocará as construções interrogativas, relativas e de incorporação (nominal e verbal) são derivadas via regras de mover- α .

Se ficar comprovada a inexistência de regras de movimento envolvendo essas estruturas, teremos evidência a favor da hipótese de Jelinek de que os NPs da língua são gerados na base como adjuntos .

4.1 AS CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS

A não-ocorrência de palavras-qu in situ e a existência de estruturas com extração de constituintes de NPs que aparentemente violam o Princípio das Categorias Vazias , nos levaram a questionar se as construções interrogativas em Asurini são derivadas por regras de mover-qu nos moldes conhecidos.

Com base na teoria de extração de constituintes de NPs elaborada por Giorgi e Longobardi (1991) e na hipótese de Baker (1990) sobre movimento de sintagmas-qu em línguas com NPs adjuntos , analisaremos as estruturas interrogativas e não-interrogativas do Asurini em que o especificador e o núcleo do NP se encontram em uma relação de expressão descontínua.

Para explicar a inexistência de palavras-qu in situ adotaremos a hipótese de Rizzi (1990) sobre a geração do interrogativo pourquoi na base.

4.1.1 Os dados

Em Asurini deriva-se estruturas interrogativas através da partícula pa. No caso de perguntas polares (sim/não), pa coloca-se logo após o constituinte questionado.

1) Karoa o-ata a-ha pa

K. 3A-andar 3-ir inter.

'Karoa foi caçar?'

(Nicholson, 1978:16)

2) n-a-ha-ihi pa ne-mena ka'a-pe

neg.-3A-ir-neg. inter. 2poss.-marido mato-em

'Nao foi o seu marido caçar no mato?'

(Nicholson, 1978:16)

3) ere-sa] pa Takamona

2sg.A-ver inter. T.

'Você viu o Takamona?'

- 4) ne-memyra o-ken pa
2poss.-filho 3A-dormir inter.
'Seu filho dorme?'

(Nicholson, 1978:13)

Por não ocupar posição fixa na oração, pa parece ter o estatuto de clítico e assim, deve ser gerado fora do sintagma complementizador ¹.

Em Asurini, as expressões-qu do tipo "quem", "o quê", "qual" e "onde" correspondem aos indefinidos "alguém", "algo", "uma/outra" e "algum lugar" respectivamente ².

- 5) ise awa-ramo
Eu alguém-RAMO
'Tornei-me gente.'

- 6) a-soka-y'ym ma'e
1A-matar-neg. algo
'Não matei nada.'

¹ Brandon e Seki (1984) argumentam que inexistente uma categoria como Comp (ou mais especificamente [Spec,CP]) nas línguas Tupi-Guarani.

² Sobre a correlação entre indefinidos e interrogativos nas línguas Tupi-Guarani, ver Brandon e Seki (1984)).

7) a-soka amoa-⁴

1A-matar uma/outra

'Matei uma/outra'

8) mo rimo h-eka-i

lugar provável 3A-estar-Ind.II

'Ele está em algum lugar.'

(Solly, 1966:No)

Nas construções do Asurini com sintagmas-qu , pa segue imediatamente o elemento questionado ⁵.

9) Awa pa

quem inter.

'Quem?' ou 'Quem é (ele)?'

⁴ O prefixo a- que ocorre na palavra amoa ("uma/outra") parece expressar a idéia de que o objeto referido não está à vista do falante e do ouvinte , assim como o morfema a que ocorre prefixado aos demonstrativos em Tupinambá (cf. Barbosa, 1956:54).

⁵ Para a coleta das construções interrogativas aqui apresentadas foi utilizado o questionário elaborado por Monserrat, Facó Soares e Clemente (1980).

10) Ma'e pa

o que inter.

'O que?' ou 'O que é (isto)?'

11) Moa pa

qual inter.

'Qual ?' ou 'Qual é (ele) ?'

12) Mo pa

onde inter.

'Onde/Cadê?' ou 'Onde está (ele)?'

13) Awa pa o-kotoŋ ne-r-yroa

Quem inter. 3A-furar 2sg.poss.-rel.-roupa

'Quem costurou o seu vestido?'

14) Awa pa eokwe o-n

Quem inter. lá 3A-ir

'Quem vem lá?'

15) Ma'e pa Pitiŋa o-apo a-ka

o que inter. P. 3A-fazer 3A-estar

'O que Pitiŋa está fazendo?'

- 16) Ma'e pa o-soka Takamona
o que inter. 3A-matar T.
'O que Takamona matou?'
ou
'O que matou Takamona?'
- 17) Moa pa ere-potan
qual inter. 2sg.A-querer
'Qual você quer?'
- 18) Mo pa Sakamiramé h-eka-i
Onde inter. S. 3A-estar-Ind.II
'Onde está Sakamiramé? '
- 19) Mara pa i-tym-i mani'akoa
Como inter. 3P-plantar-Ind.II mandioca
'Como se planta mandioca?'
- 20) Mara nime pa i-porahai-tar-i Murussupia
Quando inter. 3A-dançar-pota-Ind.II M.
'Quando Murussupia vai dançar?'
- 21) Moa pa ere-apo-ypy ywyrapara
Qual inter. 2sg.A-fazer-primeiro arco
'Qual o arco que você fez primeiro?'

21) Moa pa ere-apo-ypy ywyrapara

Qual inter. 2sg.A-fazer-primeiro arco

'Qual o arco que você fez primeiro?'

À primeira vista, a ocorrência obrigatória de sintagmas-*qu* no início da sentença parece assinalar a existência de uma regra de movimento sintático capaz de extrair um elemento *XP* de sua posição de base e alçá-lo para a posição de [Spec,CP].

Monstraremos, todavia, que as estruturas interrogativas acima não envolvem movimento sintático. Examinaremos primeiramente o exemplo em 21 em que a posição do quantificador "qual" não pode ter sido derivada por uma regra de extração de constituintes de NPs .

4.1.2 A extração de constituintes de NPs

O deslocamento de elementos de dentro de sintagmas nominais é um fenômeno verificado em várias línguas naturais como nas línguas românicas.

Baseando-se na generalização de Cinque (1980), Autores como Rizzi (1990) e Giorgio e Longobardi (1991) argumentam que apenas os constituintes de NPs que podem ocupar a posição de [Spec,NP] é que sofrem movimento.

Em Italiano , o sintagma genitivo di+NP pode ser extraído, como em 24 ,posto que, quando pronominalizado, assume a forma de possessivo e assim, está autorizado a ocorrer na posição de

sujeito de NP .

22) La telefonata di Gianni

The call of Gianni

23) La sua telefonata

His call

24) Gianni _i, di cui_i intercetterò [la t_i telefonata t_i] ...

Gianni of whom I will intercept the call

(Giorgi e Longobardi 1990:59/60)

A exigência de que a extração ocorra da posição de sujeito de NP é justificada pelo Princípio das Categorias Vazias (PCV).

4.1.2.1 O Princípio das Categorias Vazias

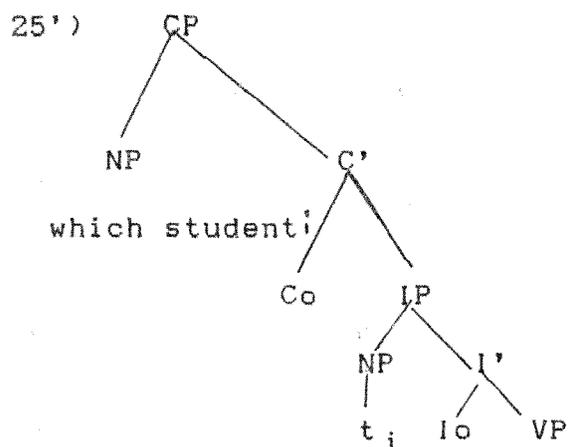
Segundo uma das formulações mais recentes do PCV (cf. Rizzi, 1990 - Cap. 3), uma categoria vazia não-pronominal só é licenciada se estiver regida apropriadamente por um núcleo lexical ou funcional, isto é, se estiver c-comandada por Xo (V,N,A,P ou To, AGRo) em sua projeção imediata: X'.

A agramaticalidade da sentença 25 abaixo é resultado da violação do PCV. A categoria vazia deixada na posição do sujeito em [Spec, IP] não é c-comandada por um núcleo, pois se encontra acima da projeção imediata de Io, e assim, não está regida

apropriadamente para ser licenciada.

25). * Which student_i do you think [that [t_i could solve the problem]

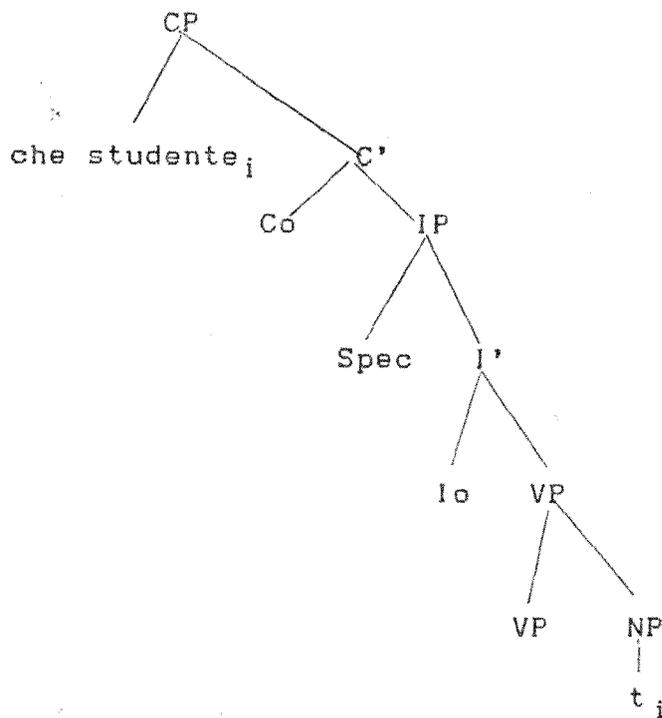
(Rizzi, 1990:73)



Em línguas de sujeito nulo, como o Italiano, a extração do sujeito ocorre da posição pós-verbal. Nessa configuração, o elemento vazio encontra-se ou em adjunção ao nó VP ou em [Spec, VP] onde é regido apropriadamente por I₀ em I'.

26) Che studente_i credi[che[potrà risolvere il problema t_i]]

26')



Uma categoria vazia não-pronominal também deve ser identificada por seu antecedente da seguinte maneira (Rizzi1990:92):

X antecedent-governs

- (i) X and Y are nondistinct.
- (ii) X c-commands Y
- (iii) X no barrier intervenes
- (iv) Relativized Minimality is respected⁷

No exemplo abaixo, a relação entre o vestígio t_i e o seu antecedente how é bloqueada, posto que outro elemento

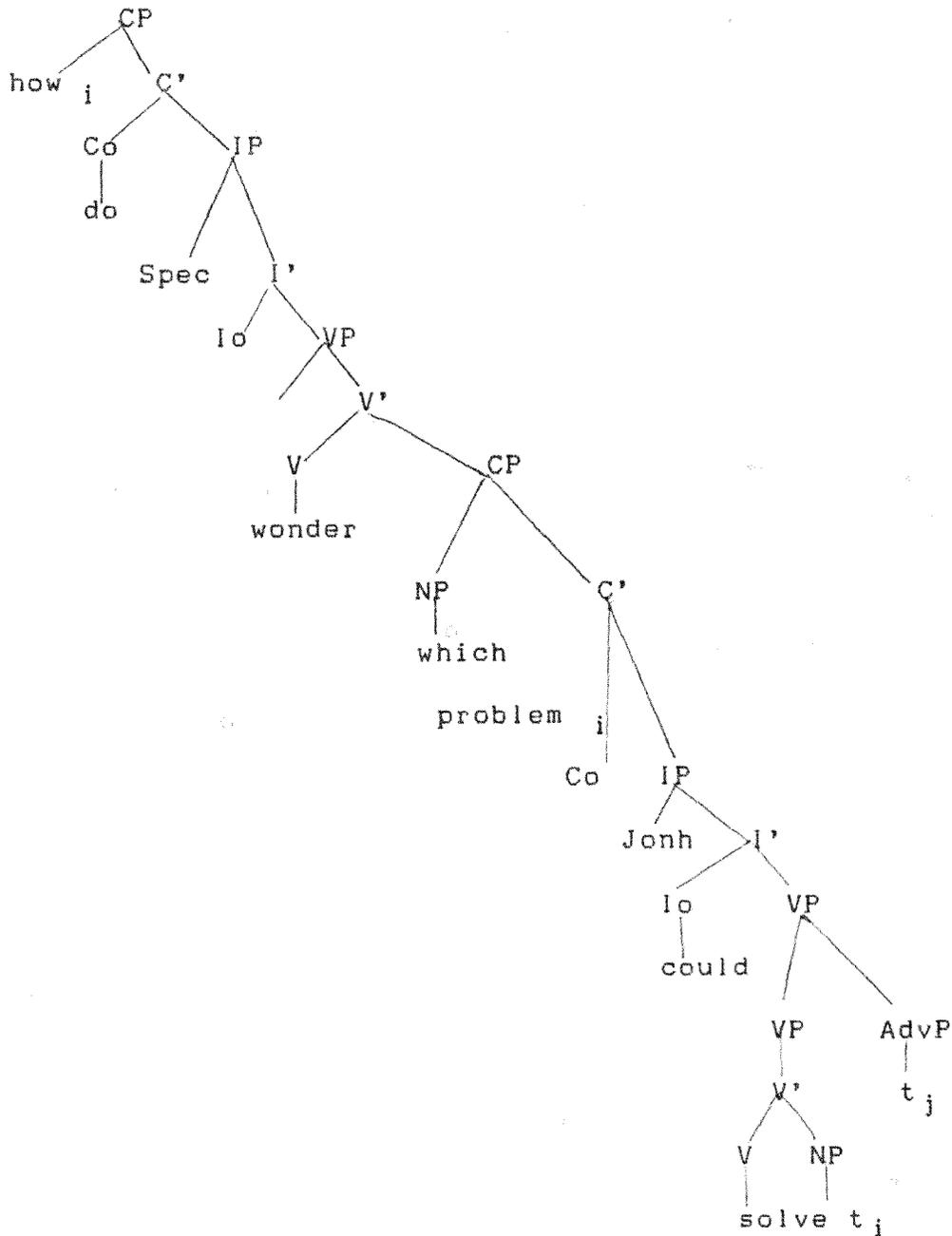
⁷ O princípio da Minimalidade diz respeito às condições locais de regência. Assim, numa configuração como X...Z...Y X não pode reger Y, se Z c-comandar Y e Z e X forem da mesma natureza, isto é, se ambos forem ou núcleos ou especificadores-A ou especificadores A-barra. Nesse caso Z conta como um regente em potencial para Y.

interrogativo intervém entre eles. Which problem conta como um antecedente em potencial para ti porque além de c-comandá-lo é um especificador A-barra da mesma natureza que how. Nesse caso a Minimalidade Relativizada não é respeitada.

27) * How _i do you wonder which problem _j John could solve t _j ti

(Rizzi, 1990:4)

27')



28) * Non so come _i giustificichino [_{np} quelli[che l'hanno
riparato t_i]]

'I don't know how they justify those who fixed it.'

(Cinque, 1991:25)

Em 28, a extração de come ocorreu de uma oração relativa que não é selecionada (L-marked) pelo NP. Nessa configuração, a oração relativa constitui uma ilha para a regência entre o antecedente e seu vestígio t_i.

4.1.2.2. A regência dos nomes

Segundo Kayne (1984) (cf. Rizzi (1990) e Giorgi e Longobardi (1991)), os nomes não são regentes apropriados porque só regem os constituintes que selecionam e marcam tematicamente. Os verbos, por outro lado, são regentes estruturais de elementos aos quais não estão relacionados semanticamente. A diferença entre N e V é demonstrada nos exemplos abaixo:

29) a. Mary_i appears [t_iintelligent]

b.* Mary's_i appearance [t_iintelligent]

(Giorgi e Longobardi, 1991:93)

A agramaticalidade de 29 é uma consequência da violação da Condição da Visibilidade e do Princípio das Categorias Vazias. Como os nomes só atribuem caso de modo inerente aos constituintes que selecionam, o sintagma nominal movido da oração encaixada -Mary - que não é complemento de appearance não pode ter caso genitivo conferido. Além desse fato, o vestígio

deixado pela regra de mover-NP não se encontra regido apropriadamente em tal configuração, posto que os nominais não são regentes estruturais.

Os nomes só são capazes de reger o vestígio de seu complemento se este tiver um antecedente local, isto é, na mesma projeção que o contém, como em :

30) Gianni _i, del quale _i ho ammirato [il t_i regalo t_i]

Gianni, of whom I admired the present.

(Rizzi, 1990:106)

Na configuração acima, o movimento do complemento de regalo para a posição [Spec, NP] - t" - transforma o núcleo nominal em um regente apropriado para o seu vestígio-t'. É por essa razão que todo o constituinte para ser extraído de um NP deve passar pela posição de sujeito ⁶.

Compare 30 com 31 abaixo cuja agramaticalidade resulta da extração de um constituinte não-genitivo que, por não poder ocorrer na posição de especificador, não deve ser extraído.

31)* Gianni _i, per il quale _i ho ammirato [il regalo t_i]

Gianni, for whom I admired the present.

(Rizzi, 1990:106)

A extração de especificadores só é permitida a partir de

⁶ Segundo Rizzi (1990:108-109): "the extracted element must pass through the Spec of the NP in order to trigger abstract agreement on the head, which turns the nominal element into an appropriate head governor for the trace. It then follows that nongenitive elements, which cannot pass through the Spec position because of their Case properties, or genitive elements in structures in which the spec position is already filled, cannot be extracted from NP, as their traces could not be properly head-governed."

sintagmas nominais-complemento . A diferença entre os exemplos abaixo é que no primeiro, o especificador foi movido de um NP-sujeito (localizado em adjunção ao VP à direita, ou gerado na base como [Spec, VP]) que não é o argumento interno do verbo. Nesse caso o NP - um cúmplice di NP - torna-se uma barreira para regência do especificador⁷ .Em 32, todavia, o sujeito é complemento do verbo ergativo que não impede que um núcleo externo reja a posição de seu especificador.

32) ?* Di quale assassino ha telefonato un cúmplice ?

Of which murderer has telephoned an accomplice?

33) Di quale assassino è scomparso un cúmplice?

Of which murderer has disappeared an accomplice?

(Giorgi e Longobardi 1990:81)

O movimento de constituintes de NP não é restrito aos sintagmas genitivos. Observe-se que em Francês , o sintagma quantificador combien também pode ser extraído :

34) Combien _i as-tu recontré t_i de garcons ?

(Giorgi e Longobardi 1990: 102)

No Italiano e no Inglês esse tipo de extração é bloqueado:

⁷ Segundo Giorgi e Longobardi (1991:79) :
(i) α governs δ (=spec) across an X_{max} boundary only if δ is contained within an internal argument of α .

35) * How many _i did you meet t_i boys ?

36) * Quanti _i hai incontrato t_i ragazzi?

(Giorgi e Longobardi 1990:102)

De acordo com Giorgi e Longobardi, a diferença entre 34 de um lado e 35 e 36 de outro, é justificada pela Teoria do Caso. Em línguas como o Inglês e o Italiano, o caso conferido ao sintagma nominal percola para o núcleo e este, por sua vez, transmite aos elementos em posição de especificador (artigos, sintagmas quantificadores e sintagmas adjetivais). É através da relação estrutural de regência entre especificador e núcleo que os traços de caso e concordância são conferidos. Note-se que nessas línguas, o sintagma quantificador concorda obrigatoriamente com o núcleo: many boys / * many boy - quanti ragazzi / * quanti ragazzo.

Como em 32 e 33, os especificadores são regidos por N a fim de obterem caso e concordância, o verbo não serve a função de regente externo para o vestígio em [Spec, NP] devido ao Uniqueness Constraint on Government (Giorgi e Longobardi, 1990:101), segundo o qual uma posição estrutural não pode ser regida por dois núcleos lexicais ao mesmo tempo. Assim, qualquer processo de extração da posição de [Spec, NP] será bloqueado, já que inexiste em tal configuração um regente apropriado para o vestígio deixado pelo movimento de Spec.

Ainda de acordo com os Autores, em Francês, o caso transmitido ao NP pode ser realizado na posição de

especificador. Em 34, o quantificador combien é marcado diretamente para caso pelo regente externo : o verbo. Como o especificador não é regido pelo núcleo nominal do NP para a transmissão de caso e de traços de concordância , ele pode ser extraído , posto que o seu vestígio estará regido apropriadamente pelo verbo.

Percolação de caso para Spec só é possível em línguas que dispõem de outros mecanismos para marcar o núcleo com caso morfológico , assim como o Francês. Como sugerem Giorgi e Longobardi (1991:103), o núcleo do sintagma nominal também precisa ser marcado para caso fim de tornar-se visível na estrutura fonológica : "suppose also that , in addition to LF visibility requirements , a head noun , like articles and Adjectives , always needs a case for its morphological realization (PF visibility); it follows that direct case - percolation to the spec is allowed only in languages and constructions exhibiting another way of case-marking the head. French does have such a means of case -marking the head noun through the genitivation rule which inserts de between QP and the rest of the NP. The other languages considered lack this possibility , hence their QPs cannot but agree with the head , under government by the latter, and are thus unavailable for external government and extraction."

4.1.2.3 A extração de constituintes de NP em Asurini

Na construção interrogativa 21 repetida abaixo, o elemento interrogativo parece ter sido extraído da posição de especificador de NP.

37)=21 moa _i pa ere-apo-ypy [t_i ywyrapara]
qual inter. 2 sg. A-fazer-primeiro arco
'Qual arco que você fez primeiro'

Segundo a teoria de Giorgi e Longobardi, a extração de QPs (= quantifier phrases) de dentro de um sintagma nominal só é permitida em línguas que possuem algum outro mecanismo que confira caso morfológico ao núcleo.

Em 37 o núcleo ywyrapara não apresenta nenhuma marcação de caso morfológico ⁸. Desse fato conclui-se, então, ou que a teoria de Giorgi e Longobardi é ineficiente para dar conta dos fatos do Asurini, ou que o núcleo lexical em Asurini pode violar a Condição de Visibilidade na estrutura fonológica.

O fenômeno de extração de palavras interrogativas de dentro de NPs foi também observado em outra língua da família Tupi-Guarani, Kaiwá.

⁸ Assumimos aqui para efeitos de argumentação que os sintagmas nominais das línguas investigadas estejam em posição argumental.

KAIWÁ

38) kiva'e ete ma po o-gwereco arã kunha

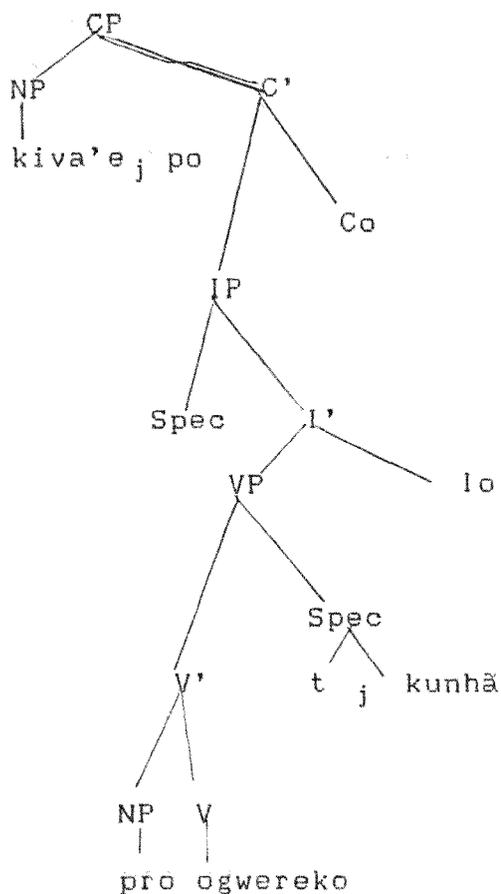
o=qual inten.-pont. inter. ela-casar fut. mulher

'Qual a mulher (que) vai querer se casar com ele?

(Taylor, 1984: 143)

Como a extração da posição de sujeito só é permitida da posição pós-verbal, o sintagma kiva'e kunhã deve estar localizado em [Spec,VP] à direita, como em⁹:

38')



⁹ Nas línguas da família Tupi-Guarani, a posição de núcleo é à direita.

Na construção acima, a extração do especificador do NP não-complemento, deveria ser bloqueada, posto que nenhum outro núcleo externo é capaz de reger o vestígio na posição de especificador do NP-sujeito. Este último constitui uma barreira para regência, segundo Giorgi e Longobardi.

Os dados aqui apresentados parecem, então, não terem sido derivados por uma regra de extração de constituintes nos moldes aqui apresentados.

4.1.3 A hipótese de Baker para a extração de especificadores de NPs em línguas não-configuracionais

Estruturas semelhantes àsquelas em 37 e 38 são também verificadas em Mohawk (Baker, 1990).

MOHAWK

39) kanikayv wa-hse-nut-e'ne kweskwes

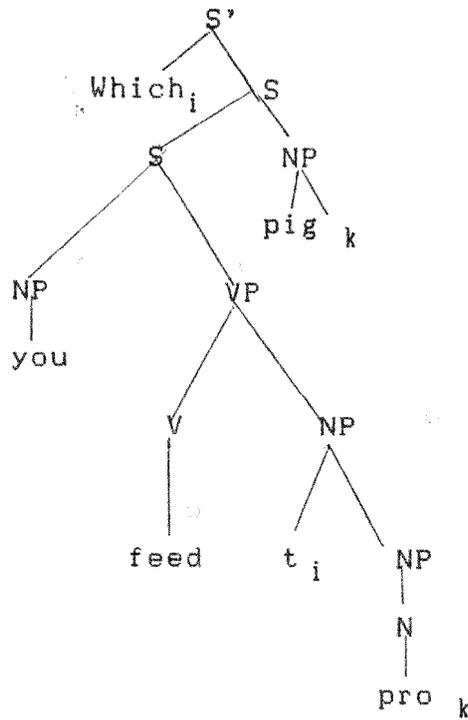
qual fato-2sS-alimento-pont. NE porco

'Qual porco você alimentou?'

(Baker, 1990 :15)

Baker, como vimos no capítulo 1, argumenta que os argumentos verbais em línguas como o Mohawk são realizados na forma de pronomes nulos, ao passo que os NPs, por serem não-argumentais, encontram-se em adjunção ao nóduo S, como na representação 39' abaixo:

39')



(Baker 1990:15)

De acordo com a análise apresentada pelo Autor, a expressão-qu em 39 é extraída da posição de especificador do NP argumental que contém o pronominal vazio. Se tivesse sido extraída do NP-adjunto - pig -, a Condição de Subjacência seria violada. Which atravessaria duas barreiras : o NP em adjunção ao nóculo S e o S que o domina, que conta como barreira por herança por dominar uma categoria bloqueadora.

O movimento de constituintes do NP-sujeito é também verificado em Mohawk ¹⁰:

40) ka nikayu wa'-ka-nvs-a-k-e' ne kweskwes

which fact-3sS - corn -punc NE pig

' Which pig ate the corn?'

¹⁰ A partícula ne em Mohawk é introdutora de adjuntos, segundo Baker.

A extração de ka nikayv em 40 ocorre da posição de [Spec, NP] onde o núcleo é um pro coindexado com o NP em adjunção -kweskwes. Mas nesse caso, o movimento do quantificador deveria ser bloqueado porque o NP-sujeito não permite que um núcleo externo reja o vestígio em seu Spec.

Os dados do Asurini, Kaiwá e Mohawk parecem refutar a hipótese de Giorgi e Longobardi de que a extração de constituintes de NP só pode ocorrer da posição de argumentos internos do verbos como demonstra o contraste entre os exemplos 32 e 33 na seção acima.

Poder-se-ia explicar a extração dos constituintes do sintagma nominal sujeito através da proposta de Diesing (1991) sobre a existência de tópico bifurcado em Alemão, como em:

- 41) Ameisen ; haben ja einen Postbeamten [^{NP} viele t_i] gebissen
ants hve prt a postman many bitten
'As for ants, many have bitten a postman.'

Segundo a Autora, o alçamento do verbo auxiliar have para o núcleo de INFL faz com que este marque lexicalmente o VP. Assim, o NP em [Spec, VP], também é lexicalmente marcado e deixa de ser barreira para regência externa dos vestígios contidos nele ¹¹.

No exemplo do Kaiwá em 38, se o verbo foi alçado para o

¹¹ A marcação lexical do [Spec, VP] é possível através de :
Spec-Head Agreement:

"If a head L-marks a maximal projection, it L-marks the specifier of the projection."

(Diesing, 1991:67)

núcleo de INFL, o sujeito à sua direita encontra-se em [Spec,IP], já que a língua é núcleo final. Estando em [Spec,IP], o sujeito não pode ser lexicalmente marcado e assim, continua sendo uma barreira para a regência dos vestígios existentes em seu interior. Desse modo, o sintagma-qu não deve ter sido extraído da posição de [Spec,NP] porque se tivesse, o PCV seria violado.

Nem a hipótese de Giorgi e Longobordadi, nem a de Diesing podem explicar a construção 38 do Kaiwá.

Quanto ao exemplo 37 do Asurini, não podemos falar em extração da posição de Spec de NP, visto que moa não é um especificador. Como mostramos no capítulo 2, inexistem itens lexicais que possam ser identificados como uma classe de determinantes em Asurini. Moa só pode ser interpretado como um NP coindexado com ywyrapara.

4.1.3.1. O deslocamento de constituintes de NPs em construções não-interrogativas.

Construções como 37 são também observadas em estruturas não-interrogativas, envolvendo elementos que são traduzidos por nossos demonstrativos e quantificadores universais e cardinais.

42) mia a-potan sesohoa
estê 1A-querer 'jeju'
'Quero estes jejus.'

(Tomkins, 1976:7)

43) amote (se)he ne-r-eron somiapapyŋa
outro evid. 2sing.A-rel-trazer barco
'Outro barco te trouxe.'

(Nicholson, 1976a:42)

44) amote raka o-soka i-sohi wyŋe Tapi'ira
outro evid. 3A-matar 3-de pessoal anta
'Outro pessoal matou a anta (levando-a) dele.'

(Solly, 1966: No 27)

45) amote raka o-soka Tapi'ira wyŋe
outro evid. 3A-matar anta pessoal
'Outro pessoal matou a anta.'

(Solly, 1966:No 27)

46) amote raka a-ha ywa-kysi-t-ara
outro evid. 3A-ir carpinteiro
'Outro carpinteiro foi.'

(Solly, 1966: No 33)

Os exemplos acima são denominados de expressão descontínua .
Este tipo de construção não é restrito aos elementos que
correspondem à categoria de determinantes em outras línguas, mas
é também observado em estruturas envolvendo sintagmas nominais
comuns como em:

47) inoponara raka o'-oma i-nopo Tapikurua
o bateador evid. 3A-em pé 3P-bater-dep T.
'the beater, Tapikuru, was standing beating.'

(Nicholson, 1976a: 95)

- 48) kamiraŋa raka o-eron i-se'eŋa-kwarap-ara
K. evid. 3A-trazer 3 poss-língua-saber-nom.
'He took kamiraŋa, the language knowing one.'
(Solly, 1966:No 30)

Os sintagmas descontínuos acima têm o mesmo estatuto sintático e semântico que as construções envolvendo os "determinantes" em 42 - 46.

Note-se também que o elemento "determinante" e o núcleo nominal podem ocorrer adjacentes nas ordens: DetN ou NDet.

- 49) akwawa amote a-ha-pota
índio outro 3A-ir-querer/ir.
'Outro índio vai.'
- 50) Toria amote raka i-pirahy pane
civilizado outro evid. 3P-zangado infelizmento
'Outro civilizado estava zangado infelizmente.'
(Nicholson, 1976: 28)

- 51) toria amote-pe
civilizado outro para
'para outro civilizado'

52) amote somyapy]a-pype

outro barco em

'em outro barco.'

Para explicar a variação da ordem dos exemplos acima, poderíamos adotar a proposta de Kato e Nascimento(1993) de que existe uma regra de deslocamento de NP aplicada dentro do próprio sintagma, como os exemplos do Português abaixo demonstram.

53) a. Eu vi [todas as crianças].

b. Eu vi [as crianças; [todas t_i]

(Kato e Nascimento, 1993:8)

Nos casos de deslocamento de sintagmas nominais sujeito com descontinuidade, como em 43-46, seria plausível sugerir que o NP é deslocado, talvez para a posição [Spec,IP] que estaria localizado à direita em Asurini. Assim, todos os dados referentes à variação na ordem entre determinante e nome estariam explicados.

As várias soluções apresentadas até agora não dão conta dos seguintes exemplos envolvendo descontinuidade de sintagmas dentro de PPs, como em :

54) amote ne-r-eron toria somyapapy]a-pype

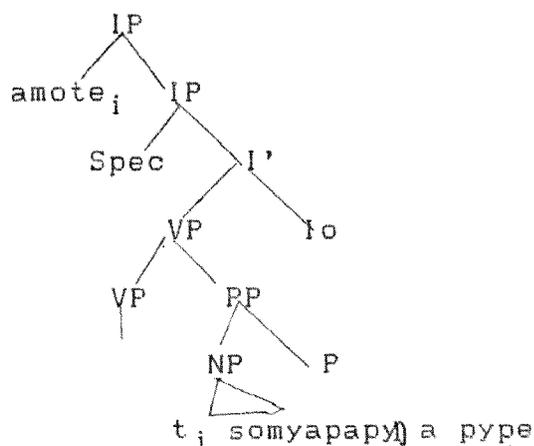
outro 2. sing.P-rel-trazer civilizado barco-em

'O brasileiro te trouxe em outro barco.'

(Nicholson, 1976a:42)

Em 54, amote não pode ter sido extraído por uma regra de movimento. O sintagma posicionado somyapapy]a -pype não é selecionado por nenhum item lexical e por isso, constitui uma barreira para regência entre o antecedente e seu vestígio em Spec do NP- complemento da posposição.

54') *



55) amote-pype a-ha-pota, somiapapy]a

outro-em 1A-ir-querer/ir barco

'Vou em outro barco'

(Nicholson, 1976:28)

No exemplo acima, amote e somiapapy]a não devem estar em uma relação de NP complexo, pois se estivessem, teríamos de admitir que o núcleo do sintagma foi extraído e movido para uma

posição de adjunto (XP), violando assim, a exigência do movimento de núcleo para núcleo (Head-Movement Constraint).

Tais fatos parecem indicar que as construções aqui apresentadas não envolvem movimento sintático. Os elementos "deslocados" só podem ter sido gerados na posição em que ocorrem na estrutura superficial.

Como inexistem itens lexicais em Asurini que possam ser classificados como pertencentes à categoria de determinante, analisamos as palavras quantificadoras e demonstrativas nessas construções como NPs ¹². Essas palavras flexionam ¹³ como nominais comuns. Compare 55b com 56.

56) a. ara-ka amote ya-ropi
lexcl.A-estar outra água-por
'Estávamos pelo outro rio.'

¹² O demonstrativo é um advérbio que seria melhor traduzido como "lá", "aqui". Quando ocorre sufixado com o morfema nominalizador -a, o demonstrativo vira um nome:

- (i) - eomi "lá"
- eomi-a "aquela"
- mi-a "esta"

A palavra interrogativa adverbial mo "onde" também é transformada em nominal através do sufixo -a

- (ii) mo "onde"
a-mo-a "uma"
mo-a "qual"

¹³ A flexão neste caso seria a ocorrência do sufixo -oho que nos exemplos acima funciona como morfema aumentativo.

- b. amote-ho-a ya-ropi rakokwehe ara-ka ore
outra-grande-nom água-por evid. 1excl.A-estar nós
'Estávamos pelo rio, o outro(rio) grande.'

- 57) y-ho-a-ropi, amoa
água-grande-por outra
'Outra (casa) pelo rio grande'

(Nicholson, 1976a:48)

Os dados aqui apresentados indicam que o elemento "determinante" e o nominal são, na verdade, sintagmas em aposição como a tradução de 56b indica.

O sintagma apositivo pode ocorrer contíguo ao sintagma nominal que ele modifica, em uma relação de justaposição, como nos exemplos 44-51 e 58. A diferença na tradução entre as ordens Det N e N Det seria:

- 58) a. toria amote-pe
civilizado outro em
'ao outro, o brasileiro.'

- b. amote toria-pe
'ao brasileiro, o outro.'

No caso das construções descontínuas, teríamos um sintagma nominal complexo (formado por dois NPs justapostos) preenchendo dois papéis pragmáticos distintos ¹⁴.

¹⁴Esse tipo de descontinuidade é também observado em outras línguas do tipo pronome argumental, como as línguas Australianas Warlpiri (Hale, 1983, 1990a e 1990b) e Gooniyandi (Mc

Como a ordem é livre em Asurini, os NPs em aposição não precisam estar adjacentes. Eles são licenciados via uma regra de correferência que liga NPs a NPs e NPs simples ou complexos aos clíticos:

58) amote ; -pype a-hapota, somiapapy ai

outro - em 3A-ir-querer/ir barco

'Vou no outro ; , o barco ;'

(Nicholson, 1976b:28)

Gregor, 1989). Mas nessas línguas, os sintagmas descontínuos são marcados como o mesmo caso morfológico a fim de serem identificados.

WARLPIRI

(i) kurdu yalumpu-rlu ka-jana maliki - patu jiti-rni
child that - ERG PRES - 3po dog - PL tease - NPST
'That child is teasing the dog.'

(ii) yalumpu-rlu ka-jana maliki-patu jiti-rni kurdu-ng ku
that-ERG PRES-3po dog-PL tease-NPS child-ERG
'That child is teasing the dogs.'

(Hale, 1990a:6)

De acordo com Bittner e Hale (1990b), inexistente em Warlpiri uma categoria de determinantes. Os demonstrativos e quantificadores são, na verdade, nomes. Então, em (i) tem-se dois sintagmas nominais descontínuos como nos exemplos do Asurini envolvendo a palavra amote.

Em Asurini, os sintagmas nominais descontínuos não são marcados para caso morfológico e por isso, em alguns contextos não há meios para associar os NPs numa relação de aposição.

Observe-se que no exemplo do Asurini abaixo, o nominal amote pode estar associado a qualquer um dos NPs disponíveis na oração.

(iii) amote ne-r-eron toria somiapapy]a-pype
outro 2P-rel-trazer civilizado barco-em

a- Outro brasileiro te trouxe no barco

(Nicholson, 1976c:38)

b. O brasileiro te trouxe no outro barco.

(Nicholson, 1976a:42)

As diferentes traduções da mesma sentença observadas por Nicholson (1976a e c) sugerem que é possível haver ambiguidade na coindexação entre um sintagma e seu adjunto.

Essa mesma análise pode ser estendida ao caso de extração do sintagma quantificador no exemplo 37 repetido abaixo:

59) moa ; pa ere-0 fapo-ypy ywyrapara ;
qual inter. 2sg.A-3P-fazer-primeiro arco
'Qual o arco que você fez primeiro?'

Ywyrapara exerce o papel de aposto de moa e forma com este um NP complexo que adquire força de operador através da partícula interrogativa pa.

Como os sintagmas nominais adjuntos nas línguas de argumento pronominal têm a função de fixar a categoria dos afixos/clíticos, o NP Moa pa ... ywyrapara tem a capacidade de transformar em variável, o clítico com ele coindexado. Assim, é obtida a interpretação da sentença 59. Essa função dos NPs adjuntos é observada em outras línguas do tipo argumento pronominal, como o Warlpiri. Segundo Hale (1990b: 33-34):

"... an overt pronoun or name, linked to a position in the core argument structure, has the effect of "fixing" or "setting" the NP category of the core argument ... this category-setting relation, which evidently holds between overt argument-linked NP expressions and the core argument positions with which they are coindexed, is extremely important in the interpretation of relation which makes it possible to form conventional content questions ... If adjuncts did not bear the suggested relation to their corresponding core argument positions, then it is difficult

to imagine how questions could be formed, since the required operator-variable relation could not arise. But if a content question word "sets" the NP category of a coindexed argument as that of a variable, then the appropriate structure is present."

De acordo com a nossa hipótese, os clíticos (realizados ou nulos) na morfologia verbal têm o estatuto de variável quando coindexados com uma palavra indefinida seguida pelo operador pa¹⁵.

Na próxima seção discutiremos outra evidência contra a ocorrência de movimento sintático nas estruturas interrogativas

4.1.4 A ausência de palavras-qu "in situ"

Na maioria das línguas em que a regra de mover-qu é aplicada na estrutura-S, o sintagma-qu pode ser deixado

in situ¹⁶, como os exemplos do Francês demonstram:

60) Il a [parlé de quoi]

61) Il a [parlé comment]

(Rizzi, 1990:47)

¹⁵ Variável e Operador são assim definidos:
"Variable =_{def} [np e] in A-position locally A-bar-bound and operator-bound.
Operator=_{def} bare quantifiers, wh-phrases, and null NPs in Spec CP."

(Cinque, 1991:72-73)

A discussão sobre o estatuto de variável dos afixos/clíticos verbais em Asurini encontra-se no capítulo 5.

¹⁶ Agradecemos a Yonne Leite a indicação desta evidência.

Em Asurini, todavia, a ocorrência de elementos interrogativos in situ resulta em agramaticalidade ¹⁷.

62) * ere-saj] awa pa

2sg.A-ver quem inter.

'Você viu quem?'

63) * o-mana awa-pe pa

3A-dar quem-para inter.

'Ele deu para quem?'

Essa mesma restrição é verificada em Francês com a palavra interrogativa pourquoi que também nunca ocorre in situ.

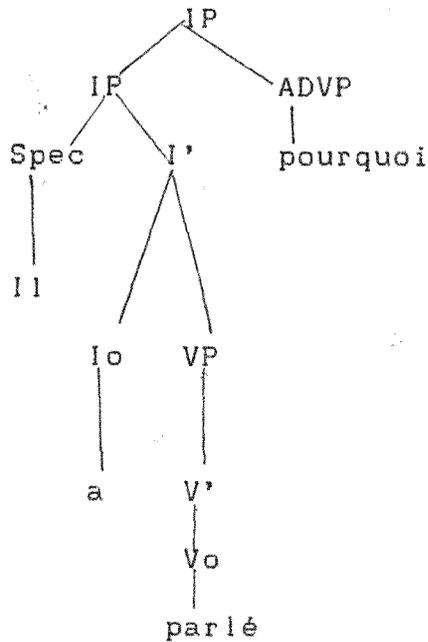
64) * ? Il a [parlé] pourquoi.

(Rizzi, 1990:47)

De acordo com Rizzi (1990), pourquoi, por ser um advérbio sentencial, deve ser gerado como adjunto ao nóculo IP, como na representação abaixo:

¹⁷ Vide Brandon e Seki (1984) para uma análise sobre as construções interrogativas nas línguas Tupi.

64')



Em tal configuração, pourquoi não pode ser movido para Spec de CP na Forma Lógica, pois o seu vestígio não seria regido apropriadamente por Io em sua projeção imediata: I'. Assim, o Princípio das Categorias Vazias bloqueia a geração de uma sentença como 64.

Rizzi sugere que nas estruturas interrogativas, pourquoi é gerado na base em [Spec, CP] e por isso, não liga nenhuma variável na oração. Para que pourquoi seja interpretado, é necessário apenas que a sentença que modifica esteja em seu comando.

A hipótese de Rizzi sobre a ausência de movimento nas estruturas com pourquoi pode explicar a não-ocorrência de sintagmas-in situ em Asurini: NPs, PPs e AdvPs não ocorrem em sua posição de base nas estruturas interrogativas porque

ocupam posições não-regidas . Esses sintagmas são gerados nas estruturas não-interrogativas em adjunção ao nóculo IP .

PPs e AdvPs apresentam, todavia, um comportamento distinto dos NPs nas estruturas interrogativas, como veremos a seguir.

4.1.4.1. A ausência de movimento sintático nas construções do Indicativo II

Como já mencionado no capítulo 2, em Asurini, assim como em outras línguas da família Tupi-Guarani, quando um elemento circunstancial (benefactivo, locativo, instrumento, expressões temporais) é "topicalizado", o verbo principal assume uma morfologia especial (sufixo-i e prefixos pessoais da série inativa = pronomes pacientes) se o seu sujeito for de 3a pessoa. Esse fenômeno é denominado de Indicativo II (Rodrigues, 1953), ou de Oblique Topicalized construction (Payne, 1991).

65) o'ywa po sekwehe i-se-kotoŋ-i mytona
flecha-com evid. 3P-reflex-furar-Ind.II mutuca
'A mutuca furou-se com a flecha.'

66) heta i-soka-i o'ywa-po
muito 3P-matar-Ind II flecha com
'Matou muitos com a flecha.'

67) i-akyŋa-re i-ka-i inata

3 poss.-cabeça-em 3P-quebrar- Ind II babaçu

'Quebrou o babaçu na cabeça dele.'

68) a'e ramo h-eka-i ywate sahya

então 3A-ficar-Ind II em cima lua

'Então, a lua ficou lá em cima.'

69) a'e ramo sekwehe orowoa i-sywo-i o-se-ope sene-r-amoitoo

então evid. urubu 3P-flecha-Ind II 3 poss-refl-para 1excl
poss-rel. parente.

'Então, nossos parentes flecharam o urubu para eles mesmos.
(em seu benefício).'

70) mime rimo Tapi'ira i-ata-i

secretly maybe tapir 3A-walk-Ind II

'A tapir sneaks by.'

(Harrison, 1963)

Nem sempre, porém, a forma de Indicativo II é engatilhada.

71) y-pe o-maman ma'ee'aa ipira-pe

água-em 3A-jogar comida peixe-para

'Ele jogou comida para os peixes na água.'

É possível também que a morfologia verbal seja afetada sem

que haja nenhum elemento foneticamente realizado em posição de tópico.

72)a. "o-pam-tar-oho rimo i-pira ore-r-ewiri" i-'i

3A-acabar-querer/ir-muito talvez peixe 1 excl.-rel-atrás

3A-dizer

'Muitos peixes vão morrer atrás de nós.'

b. i-pam-tar-oho-i ipira

3A-acabar-querer/ir-muito-Ind.II peixe

'vão morrer muitos peixes.'

(Tomkins, 1966:4)

Em 72b inexistente um elemento na oração que possa engatilhar a forma oblíqua no verbo. Nenhum circunstancial ocupa a posição de tópico. O sentido da sentença é , todavia, "(atrás de nós) muitos peixes vão morrer " em que subentende-se a ocorrência do sintagma oblíquo em posição topicalizada ¹⁸.

Não temos aqui a mínima pretensão de tentar explicar o fenômeno do Indicativo II. Para nós, essa seria uma tarefa quase impossível de ser realizada¹⁹ pelos seguintes motivos:

¹⁸ Segundo Barbosa (1956:214) ,em Tupinambá:"vem também a conjugação subordinada (=Indicativo II), quando a preposição, gerúndio, etc., já expressos num período, se subentendem no seguinte."

¹⁹ Sobre a ocorrência do Indicativo II no Asurini, Nicholson (1975b:2) comenta: It is impossible to give a reason as to why the particular cases cited below (=topicalização) should need a special verb form (Indicativo II)".

(i) Essa forma verbal só ocorre com verbos cujo o sujeito é de 3a pessoa ²⁰.

(ii) O uso do Indicativo II é opcional.

(iii) há casos em que o Indicativo II é engatilhado, (72b), mesmo sem que ocorra um tópico explícito na sentença.

O nosso objetivo nesta seção é chamar a atenção para certos fatos que talvez tragam alguma luz sobre a natureza destas construções.

O Indicativo II é obrigatório quando um elemento circunstancial é interrogado.

73) Mo pa i-ha-i
onde inter. 3A-ir-Ind. II
'Onde ele foi?'

74)= 19 Mara pa i-tym-i mani'akoa
como inter. 3P-plantar-Ind. II mandioca
'Como se planta mandioca?'

75)=20 Mara nime pa i-porahai-tar-i Murussupia
Quando inter. 3A-dançar-ir-Ind. II M.
'Quando Murusupia vai dançar?'

²⁰ Em outras línguas, como o Tupinambá, a forma de Indicativo II ocorre também com verbos cujo o sujeito é 1a. pessoa, mas não com sujeito de 2a. pessoa (cf. Barbosa, 1956).

Observou-se que em Asurini, a forma verbal do Indicativo II é bloqueada em construções negativas²¹.

76) a. Karaaw-amo i-tor-i wyŋe
tarde-ramo 3A-vir-Ind.II pessoal
'O pessoal veio de tarde.'
(Tomkins, 1976:21)

b. Kaarow-amo o-r-y'ym-ta
tarde-ramo 3A-vir-neg.-ir
'De tarde não virão.'
(Nicholson, 1976:19)

77) a. a'e ramo i-ka-i inata
então, 3P-quebrar-Ind,II babaçu
'Então, quebrou o babaçu.'

b. a'e ramo n-o-ka-ihí
então neg.- 3A-quebrar-neg.
'So it didn't break.'
(Solly, 1963:19)

78) a. Takamona o-y-'o-ho
T. 3A-água-beber-muito
'Takamona bebeu muito'.

²¹ Segundo Dobson (1988:48) em Kayabi, o elemento negativo não ocorre no verbo quando este está na forma de Indicativo II.

- a'e ramo i-wewen-i
então 3P-vomitou-Ind.II

'Então, vomitou.'

b. na-i-tyaray-ihi
neg.-3P-fome-neg.

'Ele não está com fome.'

- a'e ramo n-a'o-ihi
Então neg.-3A-comer-neg

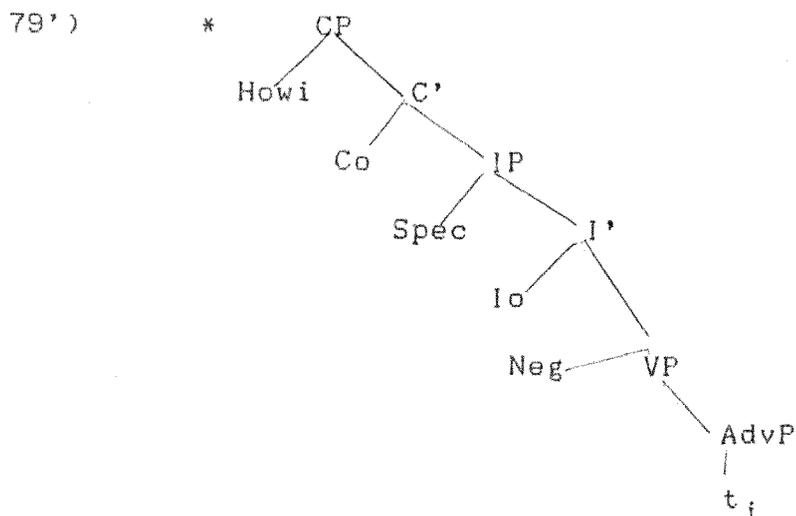
'E por isso, ele não come.'

O fato de que a forma de Indicativo II é bloqueada nos exemplos 76b, 77b e 78b nos leva a suspeitar de que a negação seja algum tipo de ilha em Asurini. Observe-se que em Inglês, o advérbio não pode ser interrogado em contexto de negação.

79) * How_i didn't you behave t_i

(Cinque, 1991:29)

Segundo Rizzi (1990), na construção acima, o advérbio not impede que how governe o seu vestígio em VP, posto que conta como um antecedente em potencial para t_i, de acordo com a Relativized Minimality. A negação é um especificador A-barra que



A relação entre a negação , o tópico e a forma de Indicativo II é semelhante à relação entre a negação , o advérbio interrogado e o vestígio na estrutura acima .Só que em Asurini, esse tipo de construção parece não envolver movimento sintático pelos seguintes fatos:

(i) Em Inglês ,o advérbio não pode ser movido em contextos negativos.Em Asurini, todavia, o circunstancial permanece em posição de tópico quando o verbo está na forma negativa.

(ii) Alguns dos elementos que engatilham a forma de Indicativo II só aparecem em posição inicial na oração. Esse é o caso da conjunção a'e ramo ("então", "por isso") e do advérbio, Ai ("sim").

²² Para alguns investigadores, como Pollock (1989), Neg. é núcleo de sua própria projeção máxima na área de INFL.

80) ai a i-mamar-i a-ka ore-rehe akwawa

sim aqui 3P-jogar-IndII 3A-estar lexcl.-em índio

'Sim, os índios estão jogando pedras em nós'

(Tomkins, 1976:30)

(iii) Se ocorresse movimento sintático na língua, haveria distinção entre posições regidas e não-regidas. Em Asurini, adjuntos e complementos posposicionados apresentam o mesmo comportamento sintático em relação ao Indicativo II, como mostram os exemplos abaixo.

81) h-ehe i-ma'e-i

3-para 3P-olhar-Ind II

'Olhou para ele.'

82) osei'we i-soka-i

ontem 3P-matar-Ind II

'Ontem, ele o matou'

Segundo Koopman e Sportiche(1988), em Vata, língua africana da família Kru, a extração de adjuntos posposicionados é permitida, posto que tais elementos se encontram em posição regida. Extração de adjuntos não-posposicionados, todavia, só pode ocorrer se verbo assumir uma forma especial cuja função é tornar o verbo um regente apropriado para o vestígio do adjunto movido. Essas formas ampliam o domínio de regência do predicado. A morfologia do Indicativo II não tem a mesma função que a forma

oblíqua do verbo em Vata como demonstram os exemplos em 80 e 81, pois tanto complementos, quanto adjuntos apresentam o mesmo comportamento nesses contextos.

O sufixo -i não pode ser, tampouco, uma variável sintática foneticamente realizada, já que ocorre em contextos em que não houve movimento (a'e ramo). Esse sufixo parece exercer a função de um clítico coindexado ao elemento em tópico, uma vez que o efeito de ilha, no caso a negação, é uma propriedade de cadeias entre antecedentes em posições A-barra e vestígios ou clíticos (cf. Cinque, 1991).

Tal fato parece revelar que os elementos que engatilham a morfologia do Indicativo II estejam em posição de Spec, já que Neg é o único elemento que impede a coindexação entre eles e o clítico -i na morfologia verbal. Outra evidência que reforça a hipótese de que os tópicos estão em posição de Spec de alguma categoria é que os circunstanciais, quando interrogados, exigem a presença da morfologia oblíqua no verbo.

Acreditamos também que, quando o circunstancial em posição inicial da oração não modifica a morfologia do verbo, ele se encontra em uma outra posição distinta daquela ocupada pelos elementos que exigem o Indicativo II, como os interrogativos adjuntos. É provável que esses constituintes estejam em adjunção ao nóculo IP, e não em Spec (de CP?), como os elementos interrogativos.

4.2 CONSTRUÇÕES RELATIVAS

4.2.1-Orações relativas derivadas por movimento

As orações relativas são construções nominalizadas que funcionam como expressões referenciais.

Em 1c abaixo, o sintagma nominal complexo formado por NP+CP exerce a mesma função sintática e semântica que o NP simples em 1b.

1)a. -Quem mais foi convidado para a festa?

b. -O Pedro.

ou

c. -O rapaz que encontrei ontem.

Semanticamente, o elemento relativizador age como um operador iota estabelecendo uma relação de ligação entre a oração e um dos seus constituintes, como em :

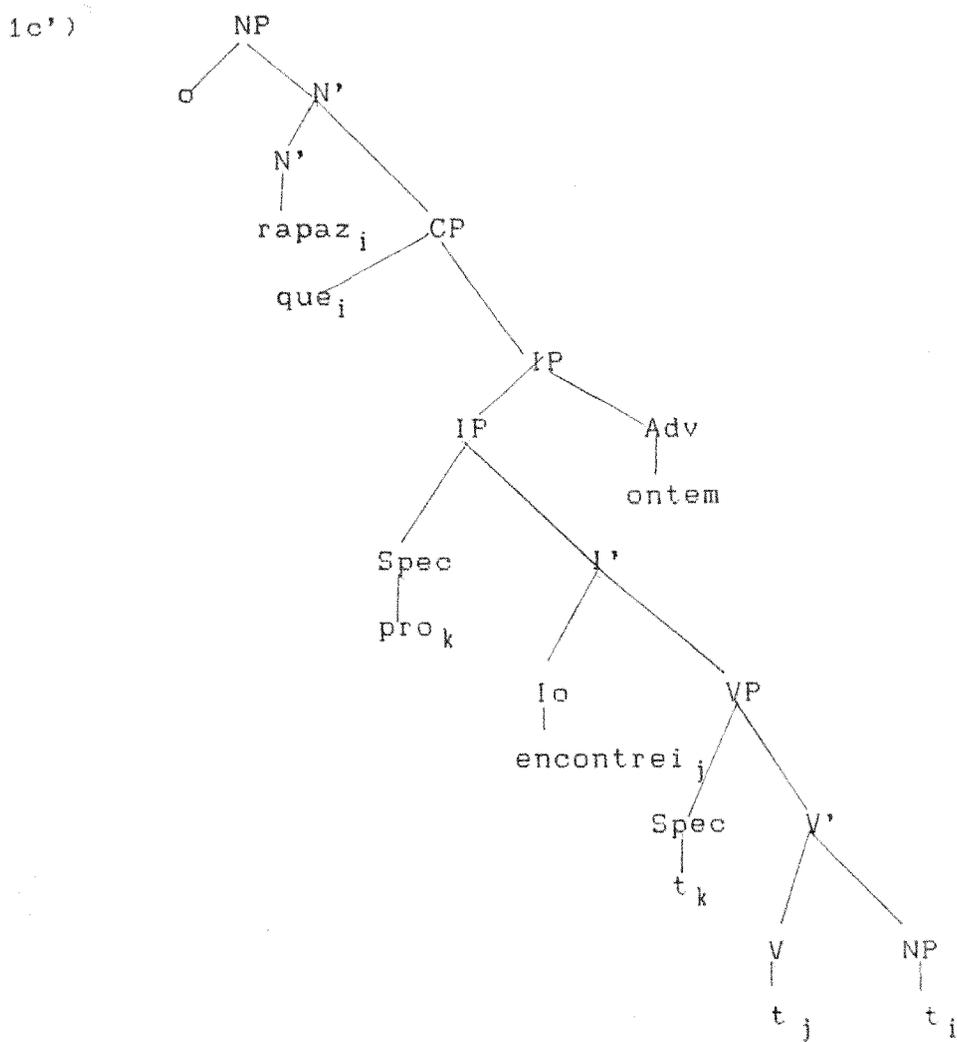
$\iota x (Fx,y)$ aquele tal que - o matou

$\iota y (Fx,y)$ aquele tal que ele matou -

Sintaticamente, a formação de uma oração relativa envolve ou uma lacuna (gap) deixada pelo processo de extração do pronome relativo ou um pronome resumptivo. As línguas de argumento lexical fazem uso da primeira estratégia, ao passo que as de argumento pronominal adotam apenas a segunda.

No modelo de Princípios e Parâmetros da Teoria Gerativa (Chomsky, 1986a), assume-se que as construções relativas sejam derivadas da mesma forma que as interrogativas, isto é, via uma regra de mover-qu.

Como a representação arbórea em 1c' indica, um dos constituintes da oração relativizada é extraído de sua posição de base para [Spec, CP], deixando em seu lugar original um vestígio a ele coindexado. A lacuna vazia é interpretada como uma variável ligada (c-comandada e coindexada) ao seu antecedente em Comp.



O pronome relativo deslocado é a manifestação sintática do operador *iota*.

Conforme exigência do Princípio das Categorias Vazias (PCV), em 1c' o vestígio do objeto relativizado encontra-se regido apropriadamente pelo vestígio do verbo que o marca tematicamente.

4.2.2 Relativas sem movimento

As construções relativas de um grande número de línguas não envolvem movimento sintático e apresentam características próprias que as diferenciam das estruturas relativas derivadas por meio de regras de mover-que: o núcleo nominal está geralmente ausente (headless relative clauses), mas quando presente, encontra-se em posição interna (internal-headed relatives), como demonstram os dados do Navajo e do Yaqui abaixo:

NAVAJO

Oração simples

2) shi-0-zts'os

1P-3A- kiss

'He kissed me.'

Relativa sem núcleo

3) shi-0-zts'os-yee

1P-3A-kiss-relt.

'The one such that he kissed the girl.'

Relativa com núcleo interno

4) 'ashkii shi-0-zts'os-yee

boy 1P-3A-kiss-relt.

'The boy + the one such that he kissed the girl.'

(Willie, 1989: 414)

YAQUI

Relativa sem núcleo

5) 'u 'am=cukta-ne-me

Det. 1pl.acc=cut-fut-3 nom.

'the one who will cut me.'

Relativa com núcleo interno

6) 'u 'o'ow enci vica-ka-me

Det man you:acc see-Perf-3 Nom

'The man who saw you.'

(Jelinek, 1990:144)

Segundo Jelinek (1990) e Willie (1989), esse tipo de oração relativa só é permitido em línguas de argumento pronominal. Observe-se que nos exemplos acima, o morfema relativizador parece ter incorporado o núcleo pronominal ("aquele que") e age como um operador iôta ligando um pronome resumptivo na morfologia verbal. Em 3 e 4, yee liga o pronome agentivo de 3 pessoa, 0.E em 5 e 6, o determinante/relativizador, 'u, liga o agente de 3 pessoa, me.

Ainda de acordo com as Autoras, nas línguas sem movimento sintático, o NP interno coindexado com o relativizador não exerce o papel de núcleo, mas funciona como um adjunto de um dos argumentos pronominais da oração relativizada.

NAVAJO

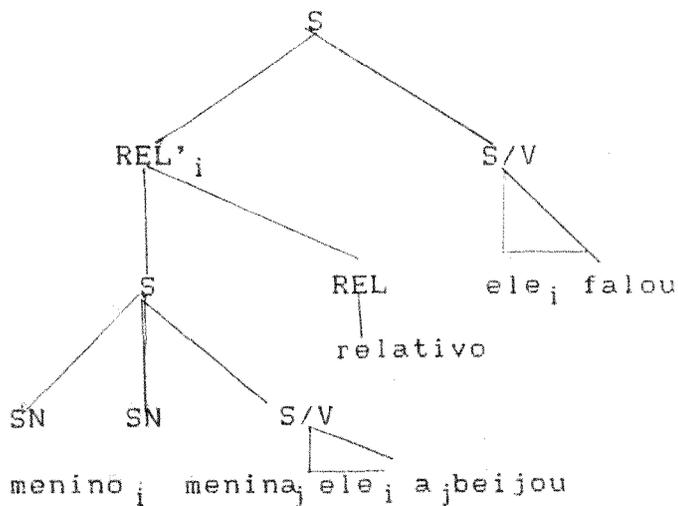
7) ['ashkii_i 'at'ééd yi_izts'os-yéel_i yálti
 boy girl 3-kissed:reIt 3sS-speak
 'The boy who kissed the girl is speaking.'

(Willie p.419)

Lit: 'O menino_i, aquele tal que_i ele_i beijou ela_j, a menina_j,
 ele_i está falando.'

No exemplo acima, o nominal adjunto 'askii está coindexado ao pronome yi na oração relativa que por sua vez, também tem o estatuto de adjunto e precisa estar coindexada com um dos argumentos da oração principal para que possa ser licenciada, como demonstra a representação abaixo

7')



De acordo com Jelinek (1990:139), "this multiple coindexing is the analogue in Navajo of the Wh-movement and bound traces that are features of relatives with lexical heads in a language such as English".

Conclui-se ,então, que os únicos constituintes necessários nas relativas das línguas de argumento pronominal são o verbo e o enclítico relativizador. Tal fato serviu de inspiração para o título do artigo de Willie sobre as relativas em Navajo : "why there is nothing missing in Navajo relative clauses ."

4.2.3. As construções relativas em Asurini

Identificar uma oração relativa em Asurini parece não ser também uma tarefa das mais fáceis. As gramáticas existentes sobre a língua nunca mencionam a ocorrência de tais estruturas. Harrison (1975) chega a afirmar que: "A(surini) parece não ter forma correspondente às cláusulas relativas contidas numa sentença, como aquelas que ocorrem em P(ortuguês). Assim, uma sentença do tipo

O homem que vende ostras é meu tio

tem que estruturar-se em A(surini) desta forma:

Um homem vende ostras. Ele é meu tio."

(Harrison , 1975:133)

Nos dados coletados por nós em pesquisa de campo ²³, constatamos que para expressar as orações relativas do Português, o falante Asurini ora emprega orações dependentes comuns (exs 8 10), ora emprega certas formas verbais nominalizadas (exs 11-13).

8) A cesta que Murusupia fez ontem é bonita.

Murusupia o-apo i-mo-aro-(wo) manakoa

M. 3A-fazer 3P-caus.-bonito-ger. cesta

Lit.: 'Murusupia fez e embelezou uma cesta.'

9) O homem que foi pescar é meu irmão

se-kywira a-ha ipira i-pyhyk-a

1 poss.-irmão 3A-ir peixe 3P-pegar-ger.

Lit.: 'Meu irmão foi pegar peixe.'

10) Porake matou o cachorro que mordeu o seu filho.

Porake o-soka sawara w-ayra i-'o-ramo

P. 3A-matar cachorro 3reflex.-filho 3P-comer-ramo

Lit.: 'Porake matou o cachorro quando ele mordeu o seu filho.'

²³ Para a coleta de dados referentes às orações relativas utilizamos o questionário elaborado por Monserrat, Facó Soares e Clemente de Souza (1980).

11) A cobra que me mordeu era grande.

Masa se-'oo [i-wise-ho-wa'e]

cobra 1P-morder 3P-grande-muito-wa'e

Lit: A cobra que era muito grande me mordeu.'

12) O homem que conta história está doente.

[Akoma'e moroŋeta-kwa'wen-ara] h-ahy

homem conversa-saber-ara 3P-doente/com dor

Lit: O homem que sabe (contar) história está doente.'

13) A rede que Akwapitina está dormindo é velha.

[Akwapitina-r-opawa i-symyn-wa'e -pype] i-keri a-ka

A. relacional-rede 3P-velha -wa'e-em 3A-dormir 3A-estar

Lit: Ele está dormindo na rede de Akwapitina que é velha.'

Os exemplos 8-10² parecem corroborar a hipótese de Harrison sobre a ausência de estruturas relativas em Asurini. Mas a existência de construções como 11 -13 revelam que a língua dispõe de formas especiais para expressar as orações relativizadas do Português .

As nominalizações das línguas da família Tupi-Guarani, denominadas de participio (Barbosa, 1956) ou de nomes deverbais (1953), podem ser empregadas para expressar estruturas relativas.

² As formas verbais dependentes em 1 e 2 são denominadas de "gerúndio" por investigadores das línguas Tupi-Guarani (cf. Barbosa) e podem ser traduzidas como orações de propósito, coordenadas ou gerundivas.

Em Asurini, constatou-se o uso dos seguintes nominalizadores em contextos correspondentes às relativas do Português³.

(i) Wa'e

Wa'e ocorre em relativas de sujeito intransitivo (Vide exemplos 11 e 13 acima).

- 14) Akwawa [i-pase-wa'e] o-mo-kato a-ka rakokwehe pane
índio 3P-pajé-relt. 3A-caus.-bem 3A-estar evid. em vão
'Há muito tempo, o pajé, um índio, curava o pessoal.'

(Tomkins, 1976:28)

Lit.: Há muito tempo, o índio que era pajé curava o pessoal.'

- 15) Einokawa'e [h-ahy-wa'e] o-pyten a-ka
E. it-hurt-ones he-sucks he-here-stays
'Einokawa'e treats hurt ones here.'

(Solly, 1966:No 17)

Lit.: Einokawa'e cura aqueles que estão doentes.'

³ A forma "relativa" de objeto - pyr - que é de largo uso em outras línguas da família Tupi-Guarani não foi observada em Asurini.

O prefixo -emi- também empregado nas outras línguas para expressar relativas de objeto só ocorreu duas vezes nos textos analisados.

As nominalizações em wa'e, -ar, -war são, contudo bastante produtivas.

16) i-wise-wa'e
3P-grande-relt.
'Aquele que é grande.'

17) i-ma'e - wa'e
3P-coisa-relt.
Aquele que tem coisas
ou
Aquele que é rico.

18) o-tyaro-wa'e
3A- crescer-relt.
'Aquele que é crescido'.

(ii) Ar(a)

O sufixo -ar é empregado para expressar relativas de sujeito-agente.

19)=12 [Akoma'e moroⁿeta -kwahap-ara] h-ahy
homem história -saber- agente 3P-doente
'O homem que sabe(contar) histórias está doente.'

20) [Pohaⁿa-manaa-t-ara] o-mo-kato wyne a-ka
remédio-dar-t-agente 3A-caus.-bem pessoal 3-estar
'A pessoa que dava remédios curava o pessoal.'

(Tomkins, 1976:28)

21) [ywa-kysi-t-ara] raka o-apo o-ta
madeira-cortar-t-agente evid. 3A-fazer 3A-vir-ger.
'A carpenter came and made it.'

(Solly, 1966:33)

(iii) Aw(a)

Verifica-se o uso da forma awa em construções que correspondem às relativas de elementos circunstanciais. Awa também designa o próprio processo verbal.

22) o-esa] -y'ym cehe [h-eraa-t-awa]
3A-ver -neg. evid. 3P-levar-awa
'He didn't see it being walked away.'

(Solly, 1966:22)

23) ipira-pyyk-awa
peixe-pegar-awa
'aquilo com que se pega peixe = rede'

24) i-seopita-awa
3-subir-awa
'A subida dele.'

(iv) War(a)

O sufixo wara é acrescentado aos sintagmas posposicionais dando o sentido de "habitante de ", "proveniente de"

24) Tucurui-pe-wara

T. -de- wara

'Os habitantes de Tucurui.'

A questão que se coloca em relação às nominalizações acima é saber se podemos conferir a todas elas o estatuto de sentenças relativas.

4.2.4. Composição e derivação

Os fatos da língua Asurini indicam que as nominalizações formadas por -ar, -aw são palavras derivadas apenas que não contêm nenhum operador ligando uma variável na sentença relativizada.

Em Asurini a estrutura N-V observada nas nominalizações com -aw, -ar é inexistente em outros contextos. Todo o predicado verbal da língua deve conter algum afixo/clítico pronominal (foneticamente realizado) referente a um dos argumentos verbais, como demonstram a agramaticalidade das sentenças abaixo em que o verbo está desprovido de elementos pronominais :

25) ipira - pyyk - ara
peixe - pegar - ara
'aquele que pega peixe'
(=pescador)

26) a.* akoma'e ipira pyhyn
homem peixe pegar

b. akoma'e ipira o-pyhyn
3A-
'O homem pegou peixe'

27) a. * akoma'e ipira - pyhyk-a
homem peixe - pegar - ger.

b. akoma'e ipira i-pyhyk-a
3P
'O homem pegou peixe'

Por diferir da estrutura verbal permitida na língua, essas construções nominalizadas se assemelham a compostos sintéticos, como thirst-quencher e truck-driver cuja ordem em Inglês desvia da ordem canônica que é VO.

Segundo Lieber (1992), que acredita na ocorrência dos mesmos princípios regendo a sintaxe e a morfologia, o posicionamento

do complemento do verbo à esquerda nos compostos sintéticos do inglês é motivado pela Teoria do Caso. Como apenas projeções máximas podem ter caso atribuído, e o N não é uma projeção máxima, ele tem de ser deslocado para o nóculo contendo o verbo e o sufixo er para que possa escapar da violação da Condição da Visibilidade .

Assumimos aqui que as formas N-V +ara/awa em Asurini sejam também compostos sintéticos, posto que o complemento do verbo nessas estruturas não tem função referencial .Ele é sempre interpretado como genérico, assim como todos os nomes que entram em processo de composição (" guarda-roupa " vs "guarda- * a roupa.").

O fato de que essas nominalizações são empregadas na criação de novos termos introduzidos na língua reforça a nossa hipótese de elas sejam apenas palavras compostas.

28) a. konomitōa- mo'e- t-ara

criança-ensinar-t-or

'Ensinador de criança = professor'

b. konomitōa-mo'e-t-awa

criança-ensinar-t-local

'local de ensinar criança =escola'

29) a. ipira-pyyk-ara

peixe-pegar-or

'pegador de peixe= pescador'

b. ipira-pyyk-awa

peixe-pegar-inst.

'pegador de peixe=rede'

30) a. pape-mo-syk-ara

papel-caus.-escrever-or

'escrevedor de papel=professor'

b. pape-mo-syyk-awa

papel-caus.-escrever-inst.

'com o que se escreve no papel=lápis'

31) a. tyroa-kotok-ara

roupa-furar-or

'costuradora de pano= costureira.'

b. tyroa-kotok-awa

roupa-furar-inst.

'(instrumento) com que se fura pano = máquina de costura.'

O sufixo -ar é apenas um formador de nomes agentivos, como -er e -(d)or em Inglês e Português respectivamente. Esse tipo de

afixo modifica a estrutura argumental da base com a qual co-ocorre, pois liga ou absorve o seu argumento externo, como propõem Di Sciullo e Williams (1987) e Lieber (1992). Tal operação ocorre no léxico, modificando a grade temática do verbo.

Geralmente esses nomes nunca co-ocorrem com outro NP com o mesmo referente, mas quando isso acontece, como no exemplo 12, o composto funciona como um apositivo: "o homem, o contador de histórias, está doente."

O sufixo -aw que se refere aos elementos circunstanciais do predicado ou ao próprio processo verbal parece ligar ou absorver a ocorrência de uma variável do argumento Evento.

Davidson (1967)(cf. Kratzer, 1989 e Grimshaw, 1991) sugere que os predicados verbais têm uma posição argumental extra para eventos, locativos, temporais etc. ao qual ele denomina de argumento-Evento.

O argumento-evento é uma espécie de estrutura argumental secundária não-associada à grade temática do predicado e que licencia adjuntos.

A estrutura das palavras em -aw nada se assemelha a uma sentença relativa, pois não contém nenhum NP ou elemento pronominal na morfologia verbal que possa ser ligado ao relativizador.

Da mesma forma que -ar, -aw é apenas um sufixo derivacional que ocorre também em palavras compostas.

O sufixo "vel" formador de adjetivos, por exemplo, tem a propriedade de externalizar o argumento interno do verbo

bloqueando a ocorrência de um agente.

32) a. Ela lavou o tecido.

b. O tecido é lavável(*por ela).

Nas línguas da família Tupi-Guarani, a morfema -pyr, analisado como marcador de relativas de objeto, parece ter a mesma função que o sufixo "vel", uma vez que a sua presença impede a expressão do agente.

TUPINAMBÁ

33) s-ausub-pyr-ama

3-amar-pyr-fut.

'O que será amável(* por mim)'

(Barbosa, 1956:269)

Barbosa (1956) nota a relação existente entre pyr e o sufixo do Português "vel" (p.269): "O sufixo pyra, sobretudo no futuro, corresponde, por vezes, às terminações portuguesas "vel" ou "ndo"." Mais adiante o Autor prossegue (p.270): o sufixo " pyra supre, em parte, a falta de voz passiva."

A falsa impressão de que pyra forme uma construção passiva está relacionada ao fato de que tal morfema, assim como o morfema da passiva absorvem o argumento externo. A diferença entre as duas estruturas reside no fato de que pyra não subcategoriza um NP-agente da mesma maneira que o afixo da

passiva o faz (cf. Jaeggli, 1986). Dessa maneira, qualquer realização do agente é bloqueada nas construções em que pyr está presente.

Pelo que foi demonstrado, as nominalizações em -ar, -aw e pyr não devem ser analisadas como as estruturas relativas das línguas de argumento pronominal. Nelas inexistem uma variável ou pronome resumptivo que possam ser ligados ao elemento relativizador.

O comportamento desses morfemas comprova a tese de Di Sciullo e Williams (1987) e Lieber (1992) de que os afixos derivacionais podem modificar a estrutura argumental da base, ao ligar ou absorver um de seus argumentos.

A existência de um afixo como -aw comprova a existência de um argumento-Evento, assim como proposto por Davidson.

4.2.5 O estatuto de estrutura relativa das nominalizações em

wa'e

As construções com wa'e apresentam um comportamento distinto das outras nominalizações da língua. O elemento que parece estar coindexado ao sufixo relativizador está sempre presente na forma de afixo verbal, o que torna possível relacionar a sua estrutura com as das orações relativas verificadas nas línguas de argumento pronominal.

A nossa hipótese de que as nominalizações com wa'e podem ser interpretadas como relativas é corroborada por Rodrigues

(1953:147) que identifica entre as várias nominalizações observadas em Tupinambá, o estatuto de estrutura relativa de bae: "Com o sufixo -bae acrescentado à 3a. c. do Indicativo I (nos verbos transitivos com objeto da 3a. c.), forma-se um nome relativo, que equivale à oração relativa com sujeito da 3a. c."

TUPINAMBÁ

34) o-î-pysyk-bae

3A - 3P- apanhar - relt.

'O que apanha'.

(Barbosa, 1956:254)

35) o-î-xuú-bae

3A-3P-morder-relt.

'O que o morde'

(Rodrigues, 1953: 147)

A construção nominalizada com wa'e / bae manifesta as mesmas características das estruturas relativas nas línguas de argumento pronominal. Nos exemplos 15-18 e 34-35, verifica-se que inexistente um núcleo nominal na oração relativa. Em 11 e 36 abaixo, o elemento que parece funcionar como núcleo se encontra no interior da relativa.

TUPINAMBA

36) abá iagã r-eté o-îuká -bae

homem onça 3A (3P)-matar relt.

'a pessoa que mata a onça.'

(Rodrigues, 1953: 148)

Em Oiampi, observa-se que ma'e ocorre após todos os os constituintes da oração terem sido combinados na sintaxe.

37) e-nupã ma'e

1P-bater relt.

'Aquele que me bateu.'

38) o-ata ma'e

3A-andar relt.

'Aquele que anda.'

39) i-kasi ma'e

3P-forte relt.

'Aquele que é forte'

40) a-nupa ma'e

1A-bater relt.

'Aquele em que bati.'

41) a-me'e i-yupe ma'e

1A-dar 3-para-dat relt.

'Aquele para quem eu o dei.'

(Jensen, 1984 :111-112)

A formã ma'e em Oiampi exerce a função de relativizador de agente , sujeito, paciente e benefactivo.Nesse último caso

sugerimos que o elemento que serve a função de variável é o pronome clítico de 3 pessoa no caso dativo .

Essas estruturas também correspondem a orações completas em Tupinambá e Asurini.

TUPINAMBA

42) a. i-maenduar

3P- lembrar

'Ele se lembra'

b. i-maenduar -bae

3P- lembrar-relt.

'O que se lembra'

(Barbosa, 1956:254)

43) a. o-s-epiak

3A - 3P- ver

'Ele o vê.'

b. o-s-epiak -bae

3A- 3P- ver - rel

'O que o vê'

(Barbosa, 1953:254)

ASURINI

44) a. i-aro

3P-bonito

'Ele é bonito.'

b. i-aro-wa'e

3P-bonito-rel

'Aquele que é bonito'

45) a. i-akym

3P-molhado

'Ele está molhado.'

b. i-akym-oho

3P-molhado-muito

'Ele está muito molhado.'

c. i-akym-oho-wa'e

3P-molhado-muito-rel

'Aquele que está muito molhado.'

46) o-tyarɔ

3A-crescido

'Ele está crescido'

b. o-tyaro-wa'e

3A-crescido-rel

'Aquele que está crescendo.'

Alguns investigadores de línguas com relativas de núcleo interno como Navajo (Speas, 1986) e Warlpiri (Hale, 1990) sugerem que na Forma Lógica, o elemento relativizado é movido, deixando um vestígio na sua posição de base, uma vez que para eles existem posições argumentais na sintaxe.

O problema em aceitar esta hipótese em relação aos dados de línguas Tupi-Guarani, diz respeito à posição de aterrissagem deste elemento relativizado.

Nas línguas Tupi-Guarani, os relativizadores não estão localizados em nenhum sintagma complementizador. Observe-se que no exemplo abaixo, o marcador de passado ocorre logo após o nominalizador.

47) o-kykano - wai - kwera

3- aleijado-wa'e - passado

'Aquele que era aleijado.'

(Nicholson, 1978:64)

TUPINAMBÁ

48) o-ar-bae-pûera

3A-nascer-bae-pass

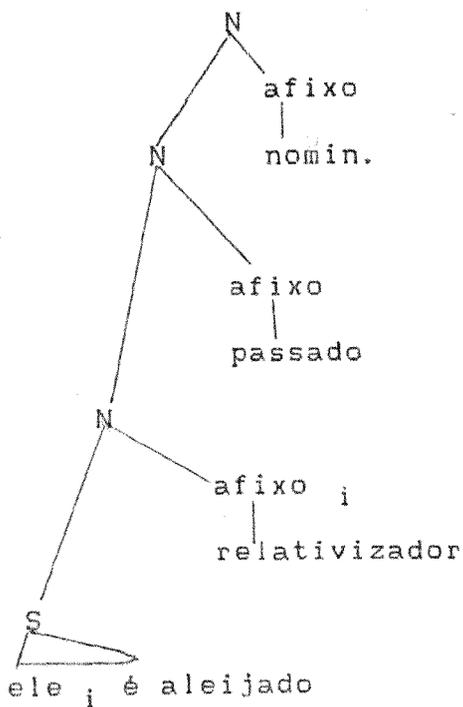
'Aquele que nasceu'

(Barbosa, 1956:255)

As estruturas acima constituem uma única palavra onde o elemento relativizador se encontra mais próximo da raiz do que o morfema de passado. Dessa maneira, não há posição para a aterrissagem do elemento relativizado na Forma Lógica.

Seguindo a proposta de Lieber (1992) de que o processo de formação de palavras ocorre na sintaxe e de que os princípios da Gramática (com apenas algumas modificações para o nível abaixo da palavra) se aplicam tanto para os elementos no nível acima da palavra (X₀-X'-X''), quanto para os localizados no nível abaixo da palavra, postulamos a seguinte representação para as relativas com wa'e:

49)



Como a sentença "ele é aleijado" está sob o escopo do elemento relativizador, as condições necessárias para a ligação entre wa'e e o clítico na morfologia verbal são satisfeitas em

Afixos podem servir a função de operadores no nível da palavra. Pesetsky (cf. Di Sciullo e Williams (1987) e Lieber (1992)), devido ao paradoxo da segmentação (bracketing paradox) de palavras como unhappier, postula a existência de uma regra do tipo de alçamento de quantificadores que se aplica na morfologia.

A estrutura fonológica de unhappier tem a representação [un[happier]], posto que o sufixo comparativo -er só ocorre com adjetivos de até duas sílabas (* unhappy + er). Já a segmentação semântica desta palavra é [unhappy + er] porque ela significa more unhappy, ao invés de not more happy. Esse paradoxo levou Pesetsky a sugerir que entre a estrutura -S e a Forma Lógica ocorre uma regra que desloca o sufixo -er para fora do nóculo que contém o adjetivo, e assim, a leitura more unhappy é obtida, visto que er após ser movido, tem escopo sobre o nóculo que contém un + happy.

Pelo acima exposto, concluímos que é possível interpretar as nominalizações do tipo wa'e como estruturas relativizadas porque nada impede que o relativizador possa ser ligado ao argumento pronominal no complexo verbal. Como afirma Lieber, as mesmas regras, princípios e mecanismos gramaticais verificadas na sintaxe ocorrem na morfologia.

4.2.6 A composição de palavras e a teoria lexicalista

Os dados apresentados nesta seção revelam que o processo de nominalização com bae/ma'e/ wa'e nas línguas da família Tupi-Guarani parece ocorrer após todos os constituintes terem sido combinados, provavelmente na sintaxe⁴.

Tal fato traz problemas para a hipótese lexicalista (Chomsky, 1970), segundo a qual o processo de formação de palavras - morfologia derivacional, flexional e composição - ocorre no léxico e que as regras sintáticas não podem afetar a estrutura morfológica das palavras (Di Sciullo e Williams, 1987).

Outros pesquisadores admitem uma ligação mais direta entre sintaxe e morfologia. Baker (1985) argumenta que certos

⁴ O morfema emi das línguas Tupi-Guarani que é também empregado em predicados verbais para expressar as orações relativas de objeto em várias línguas da família não deve ser analisado como um elemento relativizador.

- Emi afeta a estrutura argumental do predicado, pois externaliza o argumento interno no sentido de Williams (1987). O objeto direto torna-se a referência do próprio nome.

TAPIRAPÉ

- (i) ie ã-pyyk p̃na ne-r-emi-ãpa-kwera
eu 1sg.-pegar arco 2poss-rel-emi-fazer-pass
'Eu comprei o anzol que você fez'
(Leite, 1978)

Uma melhor tradução para "a relativa" acima seria: "o anzol feito por mim".

Esse morfema não pode ser interpretado como um relativizador porque pode recorrer na mesma palavra, o que não seria possível se fosse um elemento funcional.

- (ii) xe-r-emi-mo-emi-mborará
1 sg-rel-emi-caus-emi-sofrer
'Aquele que eu fiz sofrer'
(Barbosa, 1956: 276)

processos de composição e derivação que afetam as funções gramaticais dos argumentos verbais devem ocorrer na sintaxe, pois a ordem dos afixos (que são, segundo o autor, constituintes X₀) reflete diretamente o caminho percorrido pelo verbo na sintaxe para adquiri-los (Mirror Principle).

Borer (1988) (cf. Carstairs - McCarthy, 1992 e Lieber, 1992) assume a existência de um componente lexical com seus próprios princípios que ocorre em paralelo com a sintaxe. Este componente lexical pode afetar palavras já presentes na sintaxe, mas a aplicação de regras morfológicas na estrutura-S é condicionada pelo Princípio de Projeção que proíbe que as categorias lexicais sejam alteradas (* V->N), ou que a estrutura argumental dos predicados seja modificada.

A hipótese de Borer não dá conta do processo de relativização com wa'e/ma'e/bae observado nas línguas da família Tupi-Guarani que transforma uma oração completa em nome.

Segundo Lieber, o processo de formação de palavras ocorre na sintaxe. A Autora para formular a sua teoria baseou-se em dados de várias línguas em que os sintagmas lexicais podem servir como entradas para os processos de derivação e de composição, como, por exemplo, o nominalizador tal do Tagalog que se afixa a um sintagma verbal completo em que o NP está inclusive marcado para caso acusativo, como demonstra o exemplo abaixo:

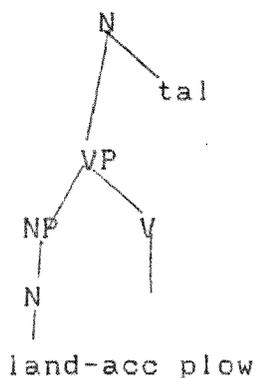
50) a. nilatt-ai uRu
land-Acc plow

b. nilatt-ai uRu-tal
 land-Acc plow-nom.
 'plowing the land.'

(Lieber, 1992:18)

A representação da sentença em 50 é dada por Lieber como uma composição de elementos nos níveis acima e abaixo da palavra :

50')



Pinar (1991), através dos fatos observados no processo de nominalização em Slave (Atapasca), também sugere que deve haver uma maior ligação entre a morfologia e a sintaxe.

Em Slave, é possível nominalizar uma sentença completa.

51) godanito k'e whe'o-i
 door on 3 is-rel
 'doorknob' (that which on the door is)

52) tsawe nay ehdi-i
 fur 3 buys-rel
 'trader' (the one who buys fur')

53) deshitee behe 'ek'era'ets'erhsi

floor 3with one washes-rel

'mop' (that with which the floor one washes).

(Pinar, 1991:2-3)

Essas orações relativizadas, apesar de apresentarem uma configuração sintagmática interna, se comportam como núcleos lexicais pois podem servir de input para a formação de compostos.

54) a. ? edehtl'eh'

3 writes 0(=rel)

'paper' (that which one writes)

b. nen + ? edehtl'eh+e

land + 3 writes'-poss.

- nen'edehtl'ehé

'map'

(Pinar, 1991:5)

Pinar argumenta que quando o processo de nominalização ocorre nesses casos, todos os constituintes já estão inseridos na sintaxe. E tal suposição parece correta, pois para que as relações de ligação entre o elemento relativizador e o pronome resumptivo sejam estabelecidas, é necessário que todos os elementos da oração estejam presentes na sintaxe.

Nos dados do Asurini verificou-se que as nominalizações que

constituem orações em wa'e podem servir de input para as regras de composição.

55) a .h-ahy

3P-doente

'Ele está doente'

b. h-ahy-wa'e

3P-doente-relt.

'Aquele que está doente.'

c. [[h-ahy-wa'e] mo-kato-t-ara]

3P-doente-rel caus-bem-t-agente

'De ser a pessoa que cura.'

(Tomkins, 1976:)

Lit. : médico. (o curador daqueles que têm dor)

Em 55c a oração relativa nominalizada funciona como N, visto que serve como complemento de um composto sintético.

Nesta seção discutimos a existência de construções relativas no Asurini. Demonstramos que só as nominalizações formadas com wa'e são possíveis candidatas ao estatuto de orações relativizadas.

Cumpré observar que os afixos verbais nas estruturas relativizadas, assim como nas orações independentes, variam conforme o modo verbal a ser expresso. Se a ação é realizada pelo

sujeito, o afixo empregado é o ativo. Se a ação reflete a capacidade do sujeito de executar a ação, o afixo será inativo. Tal fato constitui mais uma evidência para analisarmos essas estruturas como orações relativizadas e não apenas como palavras compostas.

56) a. i-poro-mo'e-wa'e

3P-gente-ensinar-rel

'Aquele que tem capacidade de ensinar.'

b. o-poro-mo'e-wa'e

3A-gente-ensinar-rel

'Aquele que ensina'

TUPINAMBÁ

57) a. abá o-nheeng-bae

homem 3A-falar-rel

'O homem que falou/fala.'

b. abá i-nheeng-bae

homem 3P-falar-rel

'O homem que pode/sabe falar'

(Barbosa, 1956:257)

Como as estruturas derivadas por wa'e apresentam as mesmas características que as orações relativas das línguas de pronome argumental - sem núcleo ou com núcleo interno -, interpretamos tal fato como evidência a favor da nossa hipótese de que em Asurini, os NPs são adjuntos e os afixos/clíticos pronominais são os argumentos do predicado verbal.

O fato de que só ocorrem relativas de sujeito intransitivo em Asurini ⁵ parece não constituir um problema para a nossa análise. É possível que nos estágios mais remotos das línguas da família Tupi-Guarani, qualquer constituinte da sentença pudesse ser relativizado através do morfema wa'e, como ocorre ainda no estágio atual da língua Oiampi.

Em Tupinambá tanto o sujeito transitivo, quanto o intransitivo podem ser relativizados nas estruturas com bae. Existem suspeitas de que o objeto também era relativizado nessas construções em Tupinambá, como comenta Barbosa (1956:257): "Assegura Restivo 155 que o sufixo -bae era muito usado na função de complemento objetivo, podem então levar os prefixos verbais das três pessoas: a-y-quaa'-bae [Tupi * a-i-kuá'-bae] "o que eu sei"; a-mbo-é-bae [Tupi * a-i-mbo-é-bae] "aquele que eu ensinei." Nos documentos Tupis não parece haver nada semelhante."

⁵ Julgamos apropriado relacionar o uso opcional das formas relativas em Asurini ao processo de simplificação (=morte) pelo qual a língua está passando. De acordo com Hill (cf. Jelinek, 1990: 146). "The decline in frequency of relativization in situations of language shift and language death demonstrates that relativization has special pragmatic properties. Speakers use more relative clauses in situations where they are concerned with power, and less relative clauses when they are concerned with solidarity."

Os fatos observados nas línguas Tupi-Guarani serviram também de evidência a favor da teoria morfológica proposta por Lieber, segundo a qual o processo de formação de palavras ocorre na sintaxe.

4.3. A INCORPORAÇÃO DE CATEGORIAS LEXICAIS

Nesta seção serão examinadas as estruturas de incorporação nominal e verbal em Asurini e em outras línguas da família Tupi-Guarani.

O nosso objetivo é averiguar qual das seguintes hipóteses sobre o processo de incorporação dá conta dos fatos das línguas investigadas:

(i) A incorporação nominal é um processo sintático, posto que nas línguas com sintagmas nominais adjuntos, esses podem ocorrer em posição argumental na estrutura-P. Só na estrutura-S é que os NPs foneticamente realizados estão excluídos de posições A¹. Como o alocamento do núcleo se dá entre a estrutura-P e a estrutura-S e as categorias vazias estão autorizadas a ocuparem posições argumentais em todos os níveis, nada impede que as estruturas com incorporação sejam derivadas via regra de movimento sintático nessas línguas. Essa é a hipótese defendida por Baker (1990).

(ii) A incorporação nominal é um fenômeno lexical nas línguas com sintagmas nominais adjuntos, posto que os argumentos verbais são projetados na sintaxe através dos afixos/clíticos e assim,

¹Vide capítulo 1 para discussão sobre o assunto.

inexistem posições-A fora do complexo verbal. Essa hipótese é proposta por Jelinek (1989).

4.3.1. A incorporação nominal

Existe na literatura divergências quanto à natureza lexical ou sintática da incorporação nominal, fenômeno este descrito como a adição de uma raiz nominal a uma raiz verbal, o que resulta em um predicado verbal complexo.

Para Mithun (1986) e Di Sciullo e Williams (1987), a incorporação nominal é o resultado de um processo morfológico de formação de palavras em todos os tipos de língua.

Baker (1985,1990), por outro lado, baseando-se na teoria de Regência e Vinculação da Gramática Gerativa, formula a sua própria teoria de Incorporação, segundo a qual as estruturas incorporadas são derivadas pela aplicação de uma regra sintática de mover-X₀ que extrai itens lexicais de sintagmas e os move para um verbo regente.

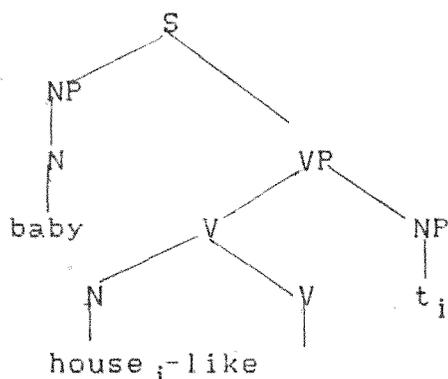
Segundo o Autor, os princípios da Gramática Universal regulam o processo da incorporação lexical. O Princípio das Categorias Vazias, por exemplo, é responsável pela aplicação limitada das regras que geram as estruturas incorporadas.

Um núcleo lexical só pode ser alçado para um verbo que rege apropriadamente (c-comande sem a interferência de uma barreira) a projeção máxima que contém o seu vestígio. Além disso, segundo Baker (1985:107): "(as) 0-roles are assigned only to maximal

projections ... traces of X-o's can never be lexically governed therefore, they must be governed by their antecedents."

Os núcleos de sintagmas-complemento (objetos e sujeitos de verbos ergativos) regem os seus vestígios quando incorporados.

1)

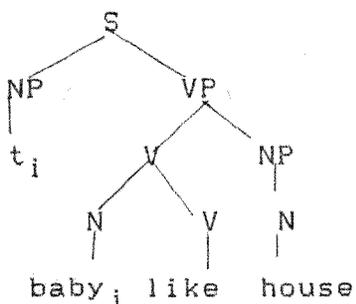


(Baker, 1985:107)

O Princípio das Categorias Vazias bloqueia, todavia, a incorporação dos núcleos de sintagmas-sujeito (não-ergativo) e de sintagmas-adjunto. No primeiro caso, o antecedente contido no interior do complexo verbal não rege o seu vestígio. No segundo, o sintagma adjunto, sendo uma barreira, impede que o antecedente governe o seu vestígio 3.

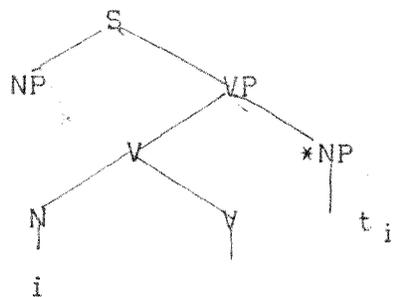
2)

*



(Baker, 1985:107)

3)



(Baker, 1985:110)

Um exemplo hipotético para a incorporação de um núcleo contido em um sintagma adjunto seria ²:

- 4) * The baby [agr-time_i-laugh [five t_j]
* The baby laughed-times five

(Baker, 1985)

Nas próximas seções, examinaremos os dados referentes ao processo de incorporação nominal nas línguas Asurini, Tapirapé e Tupinambá a fim de verificar se são derivados ou não por uma regra de movimento sintático como proposto por Baker.

4.3.1.1 A incorporação nominal em algumas línguas da família

Tupi-Guarani

Leite (1993) discute a questão da natureza do processo de incorporação nominal na língua Tapirapé. Com base na

² Weir (1990:350) mostra, todavia, que em Nadeb(Maku), adjuntos podem ser incorporados:

- (i) a. a-óót ta ib pxãa
FORM-cry 3SG father reason
'He is crying for his father.'
b. ta ib ta-pxãa óót
3SG father 3SG-reason cry
'He is for-crying his father'

classificação elaborada por Mithun (1984) para os diferentes modos de incorporação, a Autora reconhece os seguintes tipos em Tapirapé, também verificados em Tupinambá e Asurini:

(i)- A composição lexical.

Segundo Leite (1990), o Tapirapé utiliza um subtipo de composição lexical: o da composição morfológica que se caracteriza por conter os processos fonológicos regulares de interior de palavra e por ter a valência do verbo alterada. O nome perde o seu estatuto argumental e o verbo torna-se intransitivo.

O nominal neste tipo de composição serve a função de qualificador limitando o escopo do predicado.

TAPIRAPÉ

5) a. ã-kotok we-pa
1a sg.-furar 1sg.-mão
'Furei minha mão.'

b. ã-xe-pa - kotok
1a sg.-refl.-mão-furar
'Furei minha mão.'

(Leite, 1993:1)

6) a-xe-aky-manarak

1sg.-refl.-cabeça-pentear

'Eu pentiei parte de cima da minha cabeça'

(Leite.1990:3)

Esse tipo de incorporação é também observado em Tupinambá e Aurini.

TUPINAMBÁ

7) a. pe-nho-tym akanga

2pl.-3-enterrar cabeça

b. pe-akã'-tym

2pl.-cabeça-enterrar

'Enterrastes as cabeças'

(Barbosa, 1956:68)

ASURINI

8) o-se-py-mowai

3-refl.-pé-cortar

'Cortei meu pé.'

(ii) A manipulação do caso

Leite reconhece outro tipo de incorporação em Tapirapé denominado por Mithun de "a manipulação do caso".

O nominal incorporado perde o seu estatuto de argumento e um outro sintagma nominal pode vir a ocupar a posição de objeto.

TAPIRAPÉ

- 9) ã-pir-ak-akan tātā i-xope
1sg.-pele-tirar-caus. banana 3-dat
'Eu mandei ele tirar a casca da banana.'
(Leite, 1993:5)

TUPINAMBÁ

- 10) a-ĩ-akang-ok mboĩ
1sg-3-cabeça-cortar cobra
'Corto a cabeça (da) cobra.'
(Barbosa, 1956:206)

ASURINI

- 11) Mahira inata o-akypa-haw-amo
M. babaçu 3P-cabeça-furar-RAMO
'A babaçu furou a cabeça de Mahira.'
(Tomkins, 1976:12)

(iii) - A manipulação da estrutura discursiva.

De acordo com Leite, a incorporação nominal é também empregada em Tapirapé para reduzir a saliência de um determinado participante na estrutura narrativa.

Quando um elemento não constitui informação relevante na narrativa, ele é desfocalizado através do processo de incorporação.

4.3.1.2 A manipulação do caso e a teoria da incorporação de Baker.

O tipo de incorporação descrito em (ii) corresponde à construção denominada por Baker (1985) de alçamento de possuidor (possessor raising) que se caracteriza por ter um nominal incorporado (o elemento possuído) ao verbo e um outro NP (o possuidor) na posição de objeto.

Quando não ocorre incorporação, o verbo rege o seu argumento interno : o NP complexo formado por um núcleo nominal que rege um sintagma nominal e lhe atribui o papel teta de possuidor.

No exemplo do Mohawk abaixo, o predicado exibe concordância (3N= 3 pessoa neutra) com o NP -John's house - pois este é o seu objeto. House por sua vez, concorda (3M= 3 pessoa masculina) com o seu complemento John .

MOHAWK

- 12) ka - rakv ne sawatis hrao-nuhs-a ?
3N - white John 3M - house-suf.
'John's house is white.'

(Baker, 1985: 130)

Após a incorporação do núcleo nominal, todavia, o verbo passa a concordar como o NP-possuidor. Observe-se que no exemplo abaixo, os traços de pessoa na morfologia verbal identificam John como o objeto (3M= 3 pessoa masculina).

MOHAWK

13) hrao - nuhs - rakv ne sawatis

3M - house-white John

'John's house is white.'

(Baker, 1985:130)

Se não houver incorporação, o verbo não é capaz de reger o possuidor, uma vez que o NP que o contém não sendo complemento do verbo, bloqueia regência externa.

A relação de concordância entre o complexo verbal (N+V) e o possuidor só é possível depois que núcleo nominal é movido para o verbo. De acordo com o Government Transparency Corollary proposto por Baker, o verbo nesse caso, herda os índices temáticos do núcleo nominal e a categoria complexa [V+N] passa a reger todos os constituintes que o elemento incorporado regia em sua posição de base.

Assim, quando o núcleo é alçado para o verbo, o NP-possuidor recebe caso do complexo [V+N].

O fenômeno da concordância com o possuidor constitui evidência empírica para a hipótese de Baker de que o nominal que ocorre incorporado no verbo foi movido de um sintagma maior que contém o NP possuidor.

Nas construções de alçamento de possuidor das línguas da família Tupi-Guarani não se tem evidências que comprovem a tese de movimento sintático defendida por Baker, pelos seguintes motivos:

(i)- Os marcadores de pessoa que ocorrem na morfologia verbal não

refletem concordância com o NP-possuidor. Observe os exemplos abaixo extraídos da Tupinambá:

TUPINAMBÁ

14)a. ere-s-epiak-pe morubixaba-r-ayra

2A-3P-ver-inter. chefe-rel-filho

'Você viu o filho do chefe?'

b. ere-t-ayr-epiak-pe morubixaba

2A-3 poss.- filho-ver-inter. chefe

'Você viu o filho do chefe?'

(Barbosa, 1956:206)

Em Tupinambá, o verbo transitivo fica marcado com o clítico de 3ª pessoa objeto, s ou i como no exemplo 14a. No caso de incorporação nominal, todavia, como em 14b, o clítico usado não reflete "concordância" com o NP-possuidor. t- nunca funciona como objeto direto nas construções transitivas das orações independentes do Tupinambá³, como argumenta Barbosa (1956:298). Esse elemento pronominal é usado nesse contexto como um dativo de posse. Assim, 14b seria melhor traduzida como:

14b') O chefe_i, você viu o seu_i filho?

O dativo de posse em outros contextos tem a mesma forma que os clíticos objetivos.

³ t-é um afixo índice de classe superior. Sempre tem como referente um nominal [+humano].

TUPINAMBÁ

15)a. a-f-kutuk
1A-3P-furar

'Eu o furo.'

b.a-nambi-kutuk

1A-orelhas-furar

'Eu furo orelhas.'

c.a-f-nambi-kutuk xe-r-e-imbaba

1A-3P-orelha-furar 1 poss.-rel-criação

'Furo as orelhas da minha criação.'

(Barbosa, 1956:205)

Segundo a nossa análise, a tradução literal do exemplo 15c é:
15b') A minha criação_i eu lhe_i furo as orelhas.

Esse tipo de construção com dativo de posse é muito comum em Espanhol:

16) Le_i duele la cabeza a Juan_i

17) Le_i lavaron las manos a Luis_i

(Everett, 1993:51)

Existe, porém, uma diferença entre as estruturas com "alçamento de possuidor" nas línguas Tupi-Guarani e as estruturas com dativo de posse no Espanhol. Nesta última, a ocorrência da preposição a é obrigatória para que o objeto tenha caso atribuído. Nas outras, o NP possuidor não ocorre com marcador de

caso morfológico. A nosso ver, o NP-possuidor é apenas um adjunto, um tópico (ou antitópico) que é licenciado por ser correferente com o clítico de posse⁴.

Que os clíticos licenciam NPs adjuntos nessas línguas pode ser constatado através dos seguintes exemplos do Asurini:

18) a. akwawa-memyra sekwehe wai

índia-filho evid. rabo

'O filho da índia tinha rabo.'

b. akwawa_i sekwehe i_i-memyra wai

índia evid. 3 poss.-filho rabo

'A índia_i, o filho dela_i tinha rabo.'

(Nicholson, 1976a:83)

Em 18a "índia" é complemento do nominal "filho". Mas em 18b, o NP-possuidor, como não funciona como complemento do nome, só pode ser interpretado como um adjunto licenciado pelo clítico possessivo i.

Este caso se assemelha ao das construções com "alçamento de possuidor". Nelas, o NP-objeto é também um adjunto licenciado pelo possessivo. Sem o clítico, o NP-possuidor nunca ocorre.

No exemplo 11 do Asurini repetido abaixo como 19, tem-se mais uma prova de que o NP-possuidor não se encontra na posição de objeto de onde o núcleo nominal foi alçado.

⁴ O estatuto dos afixos/clíticos verbais dessas línguas será discutido no capítulo 5.

19)=11 Mahira inata o-akyj-haw-amo

M. babaçu 3-cabeça-furar-ramo

'O babaçu furou a cabeça de Mahira.'

(Tomkins, 1976:1)

Em Asurini, quando há correferencialidade entre o sujeito da oração principal e o objeto da oração encaixada, esta última ocorre na forma ramo e o objeto é marcado com os clíticos possessivos correferenciais como em:

20) oe-nopo-ramo a-ha-pota

1sg.P corref.-bater 1A-ir-querer/ir

'Se me baterem, vou embora.'

21) o-nopo-ramo i-ha-potar-i

3P corref.-bater 3A-ir-querer/ir Ind.II

'Se baterem nele_i, ele_i vai embora.'

Se algum NP ocorre na oração encaixada, ele é interpretado como o sujeito-agente e nunca como o objeto.

22) Akoma'e o-nopo-ramo ihapotari

homem

a. Se o homem_j bater nele_i, ele_i vai embora.

b.* Se baterem no homem_j, ele_i vai embora.

Um NP-objeto não é licenciado nesse tipo de construção. O clítico é interpretado como o argumento no papel de tema/paciente e não licencia um NP-adjunto porque não tem referência própria. É como um anafórico cuja referência está associada ao sujeito da oração principal.

Em 19, todavia, o clítico o na morfologia verbal não

funciona como objeto. Se funcionasse, não poderia licenciar um NP-adjunto. O objeto é o nominal "cabeça" já que a construção é transitiva e o clítico -o exerce o papel de dativo de posse. Dessa maneira, a tradução de 19 será:

19') Mahira_i, o babaçu_j, lhe_i furou a cabeça (ramo)_j

Em 19' ambos os NPs são adjuntos. O "possuidor" Mahira é licenciado pelo clítico -o e inata, pelo morfema de não-correferencialidade - ramo⁵.

Concluimos, então, que nas línguas aqui investigadas, as construções com "alçamento de possuidor" não constituem evidência para a natureza sintática da incorporação nominal.

(ii) Outro argumento oferecido por Baker para comprovar que existe movimento de núcleo de sintagma nominal nas estruturas de incorporação é que o elemento determinante ocorre sozinho na posição de objeto.

23) wisi bi-seuan - mu - ban
Two 1s S- man - see - past
'I saw two men.'

(Baker, 1985: 126)

Construções semelhantes àquela em 23 são observadas em Tupinambá:

⁵ Para o licenciamento de NPs em Asurini, vide capítulo 5.

TUPINAMBÁ

- 24) a. a - s-asab kó y
 1sg.-3-passar este rio
 'Passei este rio'
- b. kó a - y - asab
 este 1sg. -rio - passar
 'Passei este rio.'
- 25) a. a-s-asab y mokõi
 1sg.-3-passar rio dois
 'Passei dois rios.'
- b. a-y-asab mokõi
 1sg.-rio-passar dois
 'Passei dois rios.'

(Barbosa, 1985:207)

As estruturas acima não servem de evidência para a hipótese de movimento, posto que os elementos que correspondem aos demonstrativos e quantificadores em Tupinambá e Asurini, e muito provavelmente em outras línguas da mesma família, como em Tapirapé, não correspondem à classe de determinantes. Eles são, na verdade, advérbios ou nominais que não formam com o nome um constituinte complexo (Vide capítulo 2 para a descrição do

sistema de "determinantes" em Asurini).

(iii) Segundo Baker (1985), como o processo de incorporação é sintático, é impossível incorporar o núcleo do possuidor.

26) * I baby_i-house_jlike [[that t_i]t_j]

(Baker, 1985:475)

O Autor não discute a agramaticalidade de 26. Nessa estrutura, o complexo verbal permanece regendo os vestígios contidos no sintagma nominal-complemento. Baker apenas menciona que talvez o Princípio das Categorias Vazias seja responsável pela não ocorrência de 26. É possível que em tal configuração, baby bloqueie a relação de regência por antecedente entre house e seu vestígio.

Construções como 26 foram observadas em Tapirapé e Tupinambá

TAPIRAPÉ

26) a. ã-xe-pir - apy

1a sg.-refl.-pele-queimar

'Queimei minha pele'

b. ã-xe-api-pir-âpy

1a sg.-refl.-cabeça-pele-queimar

'Eu queimei a cabeça da minha cabeça.'

(apin+a 'cabeça')

(pir+a 'pele')

(Leite, 1993:5)

Em 27b tanto o elemento possuído, como o possuidor são incorporados. De acordo com Leite (1993), a ocorrência desse exemplo mostra que o processo de incorporação nominal no Tapirapé deve ser analisado como um mecanismo derivado por uma regra lexical e não sintática, como proposto por Baker.

Observamos também em Tupinambá uma estrutura em que um NP complexo aparece incorporado ao verbo.

TUPINAMBÁ

28) a. pe-fo-ok nhandu r - aba
2pl.-3-arranca ema-rel-pena
'Arrancai as penas da ema.'

b. pe - nhandu - r - ab - ok
2pl. ema - rel - pena - arrancar
'Arrancai as penas da ema.'

(Barbosa, 1956:207)

O exemplo acima não é um caso de incorporação de uma categoria Xo. Comparando 28a e b, percebe-se que um NP complexo aparece incorporado ao verbo. Tal estrutura não pode ter sido derivada por movimento sintático, visto que não haveria uma posição de aterrissagem para o sintagma nominal na morfologia verbal. Pela hipótese de Preservação de Estrutura um sintagma só pode ser adjungido a um outro sintagma e não a uma categoria Xo.

A nosso ver, a construção acima pode ter sido derivada por

uma regra de formação de palavras aplicada na sintaxe em que sintagmas servem de entrada para processos de composição e derivação.

4.3.2. A incorporação verbal

Baker (1985) também assume que os causativos morfológicos são derivados por uma regra de movimento sintático.

Da mesma forma que as incorporações nominais, as incorporações verbais são limitados pelo Princípio das Categorias Vazias. Assim, o movimento de um núcleo verbal só pode ocorrer de uma oração complemento, e nunca de uma oração-adjunta.

Devido às diferentes marcações de caso verificadas nas construções causativas de línguas distintas, Baker identifica dois tipos de regras responsáveis pela derivação de tais estruturas:

(i) Movimento de V para Comp.

Este tipo de regra é permitido em línguas em que o verbo pode conferir caso acusativo a mais de um NP, sendo um deles ou através de regência excepcional, ou de modo inerente. Assim, tanto o agente da oração encaixada, quanto o paciente não são marcados com caso morfológico.

CHICHEWA (dialeto de Malawi)

29) Catherine a-na-kolol-ets-a mwana wake chimanga

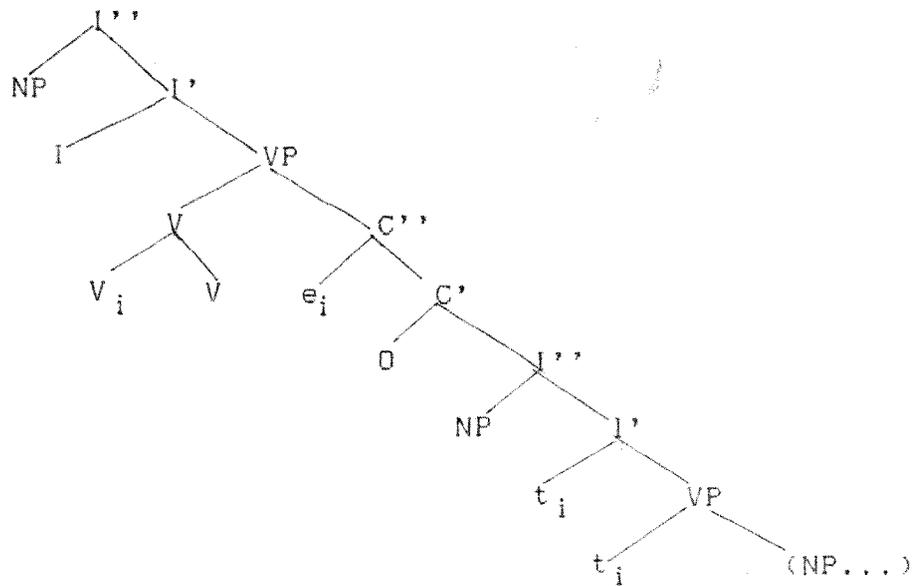
C. SP-pst-harvest-caus-asp child her corn

'Catherine made her child harvest the corn.'

(Baker, 1985:238)

Em Chichewa (Malawi), o NP-agente da oração subordinada tem comportamento morfológico e sintático de objeto direto. Ele pode concordar com o complexo verbal e ser passivizado. O NP-paciente é inerte em relação aos processos sintáticos. Tais fatos levaram Baker a postular a seguinte regra de movimento:

30)



(Baker, 1985:245)

Na representação 30, o verbo é alçado de núcleo para núcleo até ser incorporado ao verbo da oração matriz. O NP em [Spec, IP] passa a ser regido excepcionalmente pelo complexo verbal, recebendo caso acusativo. O NP objeto, deixado em sua posição de base na oração encaixada, recebe caso de modo inerente.

(ii) Movimento de VP para Comp.

Esta regra ocorre em línguas onde o verbo só é capaz de conferir um único caso acusativo. O NP-objeto é alçado juntamente com o verbo para a posição de [Spec, CP] onde recebe

caso acusativo do complexo verbal. Como o verbo não pode atribuir mais de um caso acusativo, algum elemento é inserido na estrutura para conferir caso ao sujeito.

Nesse tipo de causativa, o NP-objeto apresenta comportamento morfossintático de objeto e o NP-sujeito da oração transitiva encaixada ocorre na forma de oblíquo e assim, não participa dos processos sintáticos.

CHICHEWA (outro dialeto)

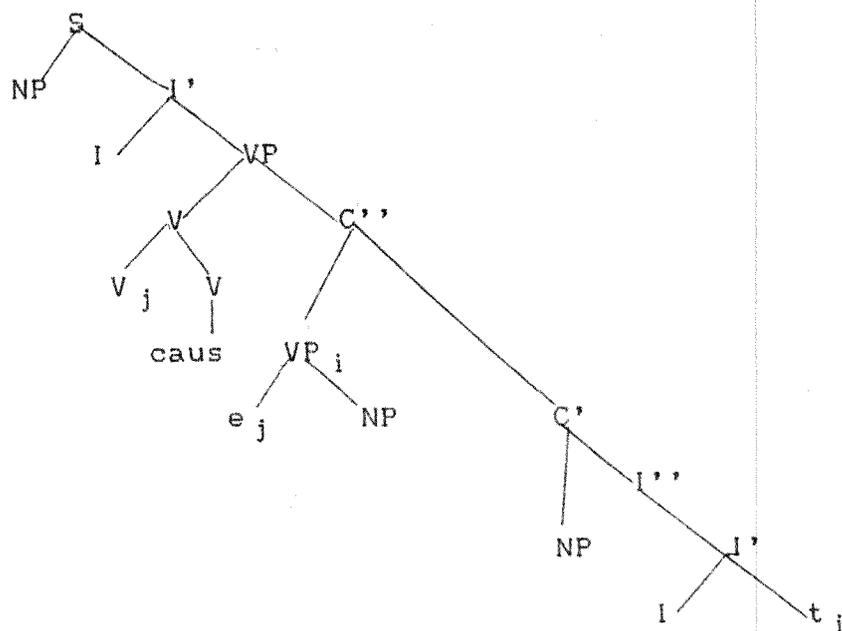
31) Anyani a-na-meny-ets-a ana kwa buluzi

baboons SP-past-hit-cause-asp children to lizard

'The baboons made the lizard hit the children.'

(Baker, 1985:269)

32)



Em 32 é o VP que se move para Comp.

4.3.2.1. As construções causativas nas línguas Tupi-Guarani

Nas estruturas causativas das línguas da família Tupi-Guarani ⁶, o NP-objeto não é marcado morfológicamente para caso e o NP-sujeito da oração encaixada ocorre no caso oblíquo. Esse é o tipo de marcação causal observado em línguas que fazem uso da regra (ii) : VP-to-Comp.

TAPIRAPÉ

- 33) Wätáwo ä-ma-xaok-akät Mareäpa-we
W. 1sg.-caus. tomar banho-caus M.-dat
'Eu fiz Mareäpa dar banho em Wätáwo.'

(Leite, 1993b:3)

- 34) Xário ä-ma-mu-un-akät⁷ Koräpä'i-we
X. 1sg.-caus-caus.-preto-caus k-dat
'Eu fiz k. pintar de preto Xário.'

(Leite, 1993:4)

ASURINI

- 35) Tete kopica o-manhaḥ-okan ore-ope
T. roça 3A- cortar-caus. 1excl-dat
'Tete nos fez cortar roça.'

(Solly, 1966:)

⁶Analisaremos aqui somente as estruturas causativas transitivas.

⁷ O morfema mo/ ma nas línguas Tupi-Guarani é um elemento transitivizador.

36) i-mokacym-okar-i o-mena i-sope

3P- perder-caus-IndII 3-marido 3-dat

'Ele fez ela perder o próprio marido.'

37) Itaapara rakokwehe wyne-pe oapo-okan ma'e a-ka

I. evid. pessoal-dat 3A-fazer-caus.coisa 3-estar

'Itaapara fez o pessoal trabalhar (=fazer coisas).'

(Solly, 1966:)

38) n-o-pyhyn-okar-ihi sekwehe , towa-pe, o-memyra, akwawa

neg.-3A-pegar-caus-neg.evid. pai-dat. ,3poss.-filho, índia

'A índia não deixou o pai pegar o filho.'

(Nicholson, 1976a:83)

A construção 38 acima apresenta problemas para a hipótese de movimento sugerida por Baker. Observe-se que o NP-objeto (omemyra "seu filho") não se encontra adjacente ao complexo verbal para que possa ser regido e ter caso atribuído. Ao que tudo indica, todos os NPs nessa construção estão em posição de adjunção à direita. A ordem em 38 não parece ser o resultado da aplicação de uma regra do tipo scrambling porque não é possível recuperar a posição ocupada pelos NPs anteriormente à sua aplicação. Além disso, os sintagmas nominais não precisam ser lexicalmente realizados nessas construções.

A total ausência de ordem dos NPs nas estruturas causativas em Asurini , nos leva a adotar a hipótese de que essas construções são derivadas por uma regra lexical. O morfema causativizador -okan se assemelha a um sufixo semi-leve (cf. Di

Scuillo e Rosen, 1989), pois tem um argumento externo plenamente especificado. Okan possui a propriedade de modificar a estrutura argumental do verbo ao qual se afixa.

O argumento externo do causativizador torna-se o argumento externo do predicado complexo e o argumento externo do verbo principal é realizado como argumento interno na forma de dativo. Esse tipo de morfema é semelhante àquele encontrado nas construções causativas do Japonês (sase) que atua da mesma forma que -okan na estrutura argumental do predicado principal.

39) Takana ga John ni hono yomi sase masu

T. nom J. dat livro ac. ler caus

'Takana faz o João ler o livro.'

(Di Scuillo e Willians, 1987)

Em Asurini, o argumento externo do predicado complexo e o objeto direto são expressos na morfologia verbal por meio de afixos/clíticos, ao passo que o argumento externo do verbo principal ocorre com a posposição -pe que lhe atribui caso dativo.

40) a-0-apo-okan ma'e i-sope

1A-3P-fazer-caus. coisa 3-dat

'Eu mandei eles fazerem coisas (=trabalharem)'

Que o objeto direto está realizado no complexo verbal pode ser comprovado pelos seguintes dados do Tapirapé:

TAPIRAPÉ

- 41) ere-0_i-ma-mat-akât xe-r-ee itã ixo-pe
 2sg A-3P-caus-jogar-caus 1sg-obl pedra 3-dat
 'Você mandou ele jogar-me pedra.'

- 42) ie_i itã-pe ara-0_j-ãpi-akât Ku'ã-we
 eu pedra-inst 1A-2P-jogar-caus. K.-dat
 'Eu mandei Ku'ã jogar pedra em você.'

(Leite e Vieira, 1990)

Observe-se que em 41, o sintagma nominal itã não ocorre com nenhuma posposição, pois ele é licenciado pelo clítico zero de 3 pessoa expresso no verbo. Em 42, todavia, como é o objeto de 2a. pessoa que está realizado na morfologia verbal, o objeto itã só pode ser licenciado se estiver regido por alguma posposição (itã-pe). Assim, a marcação de caso dos sintagmas nominais nas construções causativas vai depender da coindexação entre NPs e afixos/clíticos na morfologia verbal e não de regras do tipo movimento de V ou de VP para Comp como proposto por Baker para línguas como o Chichewa.

Essas observações nos levam a suspeitar que os sintagmas nominais nas línguas aqui analisadas encontram-se em adjunção e que os afixos/clíticos verbais têm a função de licenciá-los.

No próximo capítulo discutiremos o estatuto dos marcadores de pessoa na morfologia verbal a fim de decidirmos quais os elementos que são projetados como argumentos na sintaxe.

CAPÍTULO 5

O ESTATUTO DOS MARCADORES DE PESSOA

Mostramos no capítulo anterior que as estruturas interrogativas, relativas e de incorporação (nominal e verbal) não envolvem regras de movimento sintático em Asurini, assim como em outras línguas da família Tupi-Guarani.

Leite (1991,1993) demonstra que as construções causativas e de incorporação em Tapirapé também não são derivadas via regras de mover- α .

Tais fatos indicam que a não-ocorrência de regras de movimento sintático nessas línguas está correlacionada à ausência de uma distinção sintática entre posições-A e A-barra. A nossa hipótese inicial era de que os sintagmas nominais em Asurini funcionam como adjuntos, pois, além de não ocuparem posição fixa na oração e serem dispensáveis, eles não precisam "concordar" com o verbo:

- 1) raka Nonelwara ara-ha raka meewei ore
evid. N. lexcl. A-ir devagar nós
'Nós e Malnelwara fomos devagar.'

(Nicholson, 1976:67)

- 2) moresekawa -po ore-r-esa] -ipe Pesitoa kwarahy-pyteri-pe
máquina-com lexcl.P-rel-ver-2A P. sol-meio-em
'Você e Pesittoa me viram com a máquina(=tiraram a nossa
foto)

(Harrison, 1963:9)

Note-se que nas construções acima, as marcas pessoais realizadas na morfologia verbal são de 1ª e 2ª pessoas e não coincidem com os traços de 3ª pessoa dos sintagmas nominais Nonelwara e Pesitoa.

Em Mohawk, língua com NPs gerados em adjunção, dados semelhantes são observados:

MOHAWK

3) Kor yaky-atawv-s

Paul 1S-swim-hab

'I swim with Paul'

Lit: 'Paul, we swim together.'

(Baker, 1990:21)

Baker (1990:21) argumenta que nesse caso, o sintagma nominal é licenciado "...by the fact that it overlaps in reference with the subject pro 'we'."

Adotando a sugestão de Baker para os dados do Asurini, podemos dar conta da ausência de concordância em 1 e 2. Nonelwara e Pesitoa são licenciados por estarem incluídos na referência do sujeito expreso pelo marcador de pessoa no verbo.

Ao conferir o estatuto de adjunto aos NPs do Asurini, podemos explicar o porquê desses constituintes ocorrerem sem caso na estrutura superficial. A atribuição de caso só é necessária para tornar um argumento visível para marcação temática na Forma Lógica. Um NP não precisa de caso se não for projetado como argumento do verbo na sintaxe como afirma Chomsky (1986a:95): "the visibility condition does not require Case assignment to an

NP that is not θ -marked (unless this NP must "transfer" Case to an argument...".

No decorrer deste trabalho , oferecemos evidências de que os sintagmas nominais do Asurini são gerados em adjunção .Entre elas estão : o seu caráter opcional, a ausência de estruturas envolvendo movimento sintático e de ordem no nível oracional e a falta de relação entre os traços do sujeito e os marcadores pessoais na morfologia verbal. Resta-nos ,então , averiguar quais os elementos que são projetados na sintaxe como argumentais.

Como já mencionado no capítulo 1, Baker (1990) defende a posição de que nas línguas com NPs em adjunção, os argumentos verbais são realizados na sintaxe por meio de categorias vazias como pros , variáveis derivadas por movimento de sintagmas-qu e vestígios de incorporação nominal , além de orações-complemento.

No capítulo 4 , mostramos que não há variáveis derivadas por movimento -qu ,nem vestígios de incorporação nominal nas línguas da família Tupi-Guarani aqui investigadas. É necessário agora verificar se é possível identificar pros e orações-complemento como realizações argumentais .

Antes de iniciarmos a nossa discussão sobre o assunto , apresentaremos uma breve descrição sobre as séries de marcadores de pessoa que ocorrem na morfologia verbal do Asurini .

5.1 AS SÉRIES DE MARCADORES DE PESSOA EM ASURINI

De acordo com Seki (1982,1990) e Leite (1987,1990), as línguas Kamaiurá e Tapirapé, assim como várias outras línguas da família Tupi-Guarani, pertencem ao tipo ativo/não-ativo. Nelas, os sujeitos dos verbos intransitivos são codificados ou pela série dos prefixos ativos ou pela série dos prefixos inativos, dependendo de fatores tais como: a natureza do tema verbal¹ e a participação voluntária ou não do sujeito na ação expressa pela predicado.

O Asurini também pertence ao tipo ativo (cf. Leite e Vieira, 1990). Nas orações independentes, duas séries de afixos ocorrem na morfologia verbal:

(i) A Série I ou ativa que expressa o sujeito do verbo intransitivo ativo (correr, dormir) e o sujeito do verbo transitivo, quando o tema/paciente é de 3ª pessoa.

(ii) A Série II ou estativa que codifica o sujeito do verbo intransitivo estativo (ser gordo, estar cansado) e o objeto do verbo transitivo, quando o tema/paciente é mais alto que o agente na hierarquia referencial de pessoa (Silverstein, 1976): 1a > 2a > 3a²

¹ Nem sempre a dicotomia entre predicado estativo e ativo é tão nítida. Em Asurini, por exemplo, o verbo "roubar" é tratado como estativo, ao passo que o verbo "ter medo" pertence ao grupo dos ativos. Para uma discussão sobre esse assunto, vide Seki (1982,1990) e Leite (1987, 1990).

² Para a análise e descrição da atuação da hierarquia referencial de pessoa nas línguas da família Tupi-Guarani, vide Seki (1982), Monserrat e Facó Soares (1983) e Leite (1987, 1990).

A Série II é também empregada para a expressão dos pronomes possessivos não-correferenciais que ocorrem em sintagmas nominais e sintagmas posicionados.

Série I (=ativa)

Série II (=estativa)

1 sg.	a-	se-
2 sg.	ere-	ne-
1 incl.	sa-	sane-
1 excl.	oro-	ore-
2 pl.	pe-	pe-
3a	o-	i-/h-/ø-

4) a-kén

1A-dormir

'Eu durmo/dormi'

5) a-esa]

1A-ver

'Eu o vejo/vi.'

6) se-ro'y

1P-febre

'Tenho febre.'

7) se-r-esaŋ

1P-rel-ver

'Ele me vê.'

8) se-r-aŋa

1 poss-rel-casa

'Minha casa.'

A escolha da marcação do sujeito intransitivo depende ,como mencionamos acima ,de fatores tais como a atividade /estatividade inerente do predicado e a participação voluntária ou não do sujeito na realização da ação ³. Em 9 e 10, tem-se o contraste entre os verbos inerentemente ativos e estativos. Em 11, o sujeito do verbo ativo é realizado pela série agentiva, pois a ação foi ou será, de fato, executada. Na construção 12, o sujeito desse mesmo verbo ocorre na forma estativa para indicar não-controle da ação ⁴.

9) a-son

1A-correr

'Eu corro/corri.'

³ Seki (1990:372) observa o uso de prefixos ativos e inativos em Kamayurá condicionado pelo fator volição:

(i) i-je'eŋ uma'e 'one who does not talk.'
3 rel-talk nom

(ii) o-je'eŋ uma'e 'one who does not talk.'
3 set 1 = talk-nom

⁴ Vide Rodrigues (1953) para o uso modo potencial através da forma estativa dos verbos intransitivos em Tupinambá.

10) se- rorywete

1A- feliz

'Eu estou feliz.'

11) a-se'eŋ

1A-falar

'Eu falo.'

12) se-se'eŋ

1P-falar

'Eu posso (sei) falar.'

Os exemplos 11 e 12 parecem indicar que a língua permite uma marcação de caso do tipo S-fluid (Dixon, 1979) em que o sujeito, é expresso pelo prefixo ativo ou pelo prefixo estativo conforme o seu controle sobre a ação.

Observou-se nos dados do Asurini, todavia, que os sujeitos dos verbos transitivos também podem ser codificados através dos afixos estativos, quando a idéia de "controle" não está envolvida. Compare 13 com o sujeito na forma ativa, com 14 e 15 com o sujeito na forma estativa.

13) a-apô i-mena itoi-ramo

1A-fazer 3poss-marido sapo-ramo

'Eu faço o marido dela (virar) sapo.'

14) Kwe sekwehe itoi-ramo se-apo
então evid. sapo-ramo 1P-fazer
i-mena

3poss. marido

'Agora eu faço o marido dela (virar) sapo.'

(Tomkins, 1976:12)

Lit: "Eu posso (sou capaz) de fazer o marido dela virar sapo."

15) se-apo itoi-ramo i-mena
1P-fazer sapo-ramo 3poss-marido

'Eu faço o marido dela virar sapo agora.'

(Tomkins, 1976:12)

Lit: 'Eu posso fazer o marido dela virar sapo.'

Tais dados mostram que a marcação ativa/estativa não é exclusiva dos sujeitos dos verbos intransitivos, mas se estende também, pelo menos em Asurini, aos sujeitos dos verbos transitivos. Assim, não se pode falar em marcação fluida à moda de Dixon, já que esta é uma característica apenas de sujeitos de verbos intransitivos.

Além das Séries I e II, existem formas especiais para expressar a relação 1a. pessoa agente > 2a. paciente e 2a. pessoa agente > 1a. paciente.

Série III (1>2)

oro-

16) oro-nopo

1>2-bater

'Eu te bato.'

'Eu bato em vocês.'

'Nós te batemos.'

'Nós batemos em vocês.'

Série IV (2>1)

17) se-nopo-ipe

1P-bater - 2a.

'Você(s) me bate(m).'

18) ore-nopo-ipe

1excl. P-bater-2a.

'Você(s) nos bate(m).'

Nas chamadas orações dependentes ⁵, o verbo transitivo fica marcado com os afixos da Série II (estativa) para expressar o

⁵ As orações dependentes são as formas de Indicativo II e a de gerúndio. Esta última é usada quando há correferencialidade entre o sujeito da oração inicial e o da oração seguinte.

O gerúndio pode ser traduzido como uma oração coordenada ou de propósito:

(i) o-soka i-'o
3A-matar 3P-comer
'Matou e comeu'

ou

'Matou para comer'

tema/ paciente. O sujeito do verbo intransitivo (ativo ou estativo) é codificado pelos prefixos possessivos correferenciais indicados no quadro abaixo:

Série V (prefixos correferenciais)

1sg oe-

2sg e-

1 excl oro-

1 incl sere-

2 pl pese-

3 o-

19) a-moapyŋ i-'o-(wo)
1A-cozinhar 3P-comer-ger.
'Cozinhei para comê-lo'

20) o-n o-son-a
3A-vir 3A-correr-ger.
'Veio e correu'

21) a-esaŋ oe-t-aŋa
1A-ver 1poss-t-casa
'Vi a minha própria casa'

A questão que se coloca aqui é saber se esses afixos devem ser analisados como concordância ou como elementos argumentais.

Esse será o tópico das próximas seções.

5.2 A AUSÊNCIA DE CATEGORIAS VAZIAS

5.2.1 O objeto nulo

Nesta seção investigaremos o estatuto dos marcadores de pessoa. Nos concentraremos aqui no comportamento da 3ª pessoa não-sujeito, já que esta ocorre não só com predicados verbais, mas também com sintagmas nominais e posicionados onde alterna com NPs.

Em Tupinambá a 3ª pessoa objeto era expressa no verbo transitivo das orações independentes por meio dos afixos da série inativa (Série II).

22) a-f-nupã

1A-3P-bater

'Eu bato nele.'

(Rodrigues, 1953)

Em Asurini, a 3ª pessoa objeto não é mais realizada lexicalmente na morfologia verbal⁶. Em contextos de elicitación, quando o falante nativo do Asurini é requisitado a formar frases contendo pronomes de 3ª pessoa, ele emprega uma construção em que o verbo ocorre sozinho como em:

⁶ A perda da 3ª pessoa objeto das construções transitivas é verificada também em Kamaiurá (Seki, 1990) e Tapirapé (Leite, 1990).

23) a-nopo

1A-bater

'Eu bato nele.'

É necessário saber se a estrutura em 23 contém ou não um objeto nulo, já que inexiste marca no verbo que possa ser caracterizada como concordância ou como afixo/ clítico argumental.

Em línguas de objeto nulo, como o Português do Brasil, observa-se uma alternância entre construções contendo pronomes livres, clíticos ou objetos não realizados foneticamente:

24)a. A Maria encontrou e na feira ontem.

b. A Maria encontrou-a na feira ontem.

c. A Maria encontrou ela na feira.

(Galves, 1989:307)

Em Asurini, todavia, não ocorre tal alternância. Observe-se que o emprego de um pronome tônico, torna a construção pragmaticamente marcada.

25) a'e a-nopo

ele 1A-bater

'(Foi n)ele (que) eu bati.'

Se houvesse um objeto nulo em 23 , ele teria realização opcional , como no Português do Brasil, e não seria obrigatório como ocorre em Asurini.

Além desse fato, os testes normalmente usados para detectar a presença de um objeto nulo (do tipo variável ligada a um operador nulo) nas línguas que o licenciam, não podem ser aplicados em Asurini, uma vez que a língua não possui as estruturas relevantes para a identificação desse elemento.

Segundo Raposo (1986), as construções com objeto nulo (do tipo variável) obedecem às restrições de ilha, como é o caso do Português Europeu ⁷:

26)a. o Manuel guardou e no cofre da sala de jantar.

b. * Eu informei a polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado e no cofre da sala de jantar.

27)a. o rapaz trouxe e agora mesmo da pastelaria.

b. * o rapaz que trouxe e agora mesmo da pastelaria era o teu afilhado.

(Raposo, 1986:381-382)

⁷ Ilhas sintáticas são construções complexas que bloqueiam a extração dos elementos contidos nelas, como as estruturas relativas , NPs complexos , interrogativas envolvendo palavras-qu , etc... (Vide Cinque (1991) e Rizzi (1990) para discussão sobre o assunto).

Os exemplos expressos em b são agramaticais porque os NPs complexos, sendo ilhas sintáticas, bloqueiam o movimento de PRO na posição de objeto para Comp.

Em línguas como o Português do Brasil, por outro lado, as estruturas em b são gramaticais, pois não envolvem movimento sintático. O objeto nulo é ligado a um pro em [Spec,VP] (cf. Galves, 1989).

Em Asurini não há como verificar se construções como 23 inseridas em ilhas sintáticas obedecem ou não às restrições observadas em 26b e 27b. Inexistem na língua sintagmas nominais complexos do tipo "o fato de que", "a possibilidade de ", etc... E as orações relativas, sendo intransitivas⁸, não contêm um objeto nulo.

Também não se pode observar se as estruturas de objeto lexicalmente não realizado em Asurini apresentam ou não efeitos de cruzamento forte, como ocorre no Português Europeu:

28) * ele_i pensa que eu recomendei e_i ao professor.

(Raposo, 1986:379)

Em 28, o objeto nulo é uma variável (e_i), que não pode ser ligada (c-comandada e coindexada) a um elemento em posição argumental ("ele_i"), pois viola o Princípio C da Teoria da Ligação.

Em Asurini, testes semelhantes não podem ser aplicados. As

⁸ Vide seção 2 do Capítulo 4, para a análise das relativas do Asurini.

orações-complemento de verbos como "dizer", "pensar", "achar" não ocupam posição argumental. Assim, não é possível examinar o efeito do cruzamento forte nessas construções. Observe os exemplos a seguir ⁹.

29)a. Manewara quer que você faça uma cesta para ele.

b. Manewara o-enoi : "manakoa e-apo se-ope": o-sa

M. 3A-pedir cesta 2A imp-fazer 1.para 3A-dizer

'Manewara pediu: "faça uma cesta para mim", ele disse.

30)a. Sasupi disse que Sothero morreu.

b. Sasupi o-kwawe'eŋ : Sothero o-sekyi: o-sa

S. 3A-contar S. 3A-morrer 3A-dizer

'S. contou: "Sothero morreu", ela disse.

31)a. Sa'e viu que o jacaré estava morto.

b. Sa'e o-esa sakare o-sekyi - o-sa

S. 3A-ver jacaré 3A-morrer 3A-dizer

Sa'e viu. "O jacaré morreu", ele disse.

32)a. Eu acho que vai chover

b. o-kyn-ta sawa amyna

3A-cair-ir talvez chuva

'Talvez a chuva vai cair.'

⁹ Os dados com orações-complemento foram extraídos com base no questionário elaborado por Monserrat, Facó Soares e Clemente de Souza (1980).

As "orações-complemento" do Asurini ocorrem justapostas ao verbo da oração principal como os exemplos b podem mostrar. Em 32b, o verbo "achar" é expresso pelo modal sawa. Em nenhum dos casos acima, o argumento da oração principal pode c-comandar algum elemento na sentença "encaixada".

A nosso ver, inexistiu um objeto nulo em Asurini porque se houvesse, a língua teria meios para identificá-lo como acontece em Português, Chinês e Quechua, línguas classificadas como sendo de objeto nulo.

5.2.2 A relação de c-comando e a identificação de pros

Baker (1990) demonstra a existência de pros como argumentos da oração principal em Mohawk através de estruturas que envolvem relações de ligação.

As expressões referenciais não podem ser ligadas, isto é, c-comandadas e coindexadas, por nenhum elemento em posição A ou A-barra, de acordo com o Princípio C da Teoria da Ligação. Observe-se que em Mohawk a gramaticalidade ou agramaticalidade dos exemplos abaixo depende da relação de c-comando entre as categorias vazias na oração matriz e os NPs na sentença dependente.

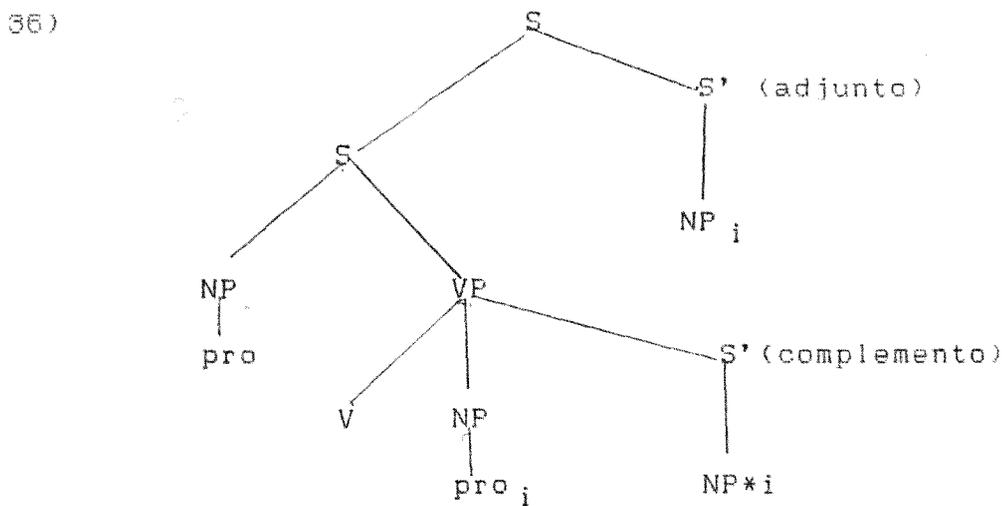
MOHAWK

- 33) wa-hi-'nha'-ne ne tsi Sak ra-yo'tu-ser-iyo
fact-1s S/Ms O-hire-punc because Sak MsS-work-nom-be-good
'I hired him_i because Sak_i is a good worker'

34) wa-hi-hrori-' tsi Sak ruwa-nuhwe'-s
 fact-1sS/Ms0-tell-punc that S.FsS/Ms0-like-hab
 ' * I told him_i that she likes Sak_i
 (Baker, 1990:4)

35) wa-shako-hrori-' tsi Sak wa-hi-hre waht-e'
 fact-MsS/Fs0-tell-punc that Sak fact-1sS/Ms0-punish punc.
 ' * He_i told her that I punished Sak_i
 (Baker, 1990:28)

A estrutura relevante para a Teoria da Ligação seria:



(Baker, 1990:4)

Em 33, o NP localizado na sentença em adjunção não é comandado pelo pronome objeto (pro) em VP e por isso, pode haver correferencialidade entre eles. A agramaticalidade das construções 34 e 35 resulta do fato de que os pros argumentais

nas orações matrizes c-comandam os NPs , pois estes estão inseridos em orações -complemento . Assim, o Princípio C da Teoria da Ligação é violado.

Baker também mostra não ser possível haver correferencialidade entre o argumento pro da oração principal e uma expressão referencial localizada em uma oração de propósito.

MOHAWK

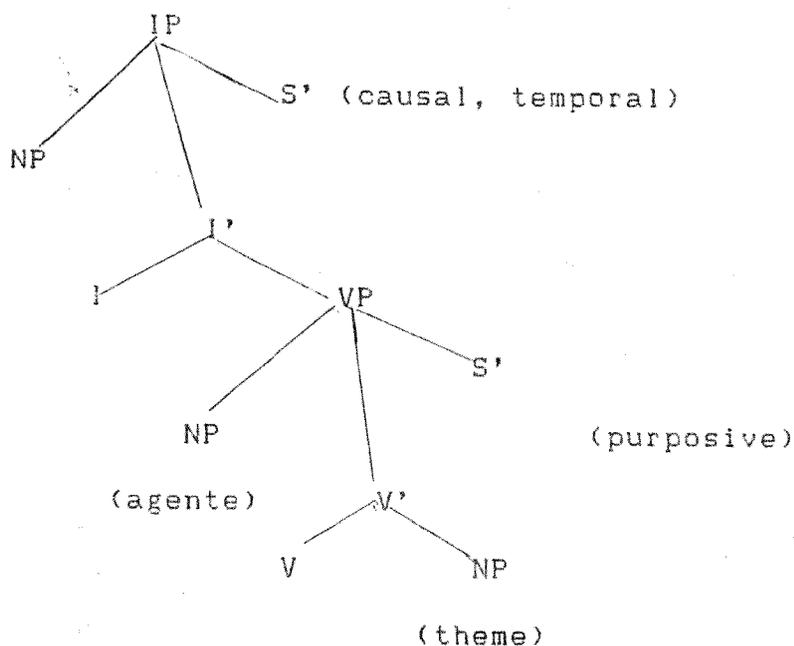
- 37) o'wahuru wa'-e-hninu-' ne vyorhv'ne Uwari vyeke'
meat fact-FsS-buy-punc NE tomorrow Mary fut-FsS-eat-punc.
* 'She_i bought meat in order that Mary_i eat it tomorrow.'

(Baker, 1990:27)

Apesar da oração de propósito ser um adjunto, ela é gerada em VP, por ser semanticamente associada com o agente do verbo ¹⁰.

¹⁰ Baker adota aqui a estrutura oracional em que o sujeito é gerado na base em Spéc de VP.

38)



(Baker, 1990:28)

Em Asurini, encontramos uma construção semelhante àquela observada em 37.

39) ipira o-moapy] i'o Sakamiramé
peixe 3A-cozinhar 3P-comer S.

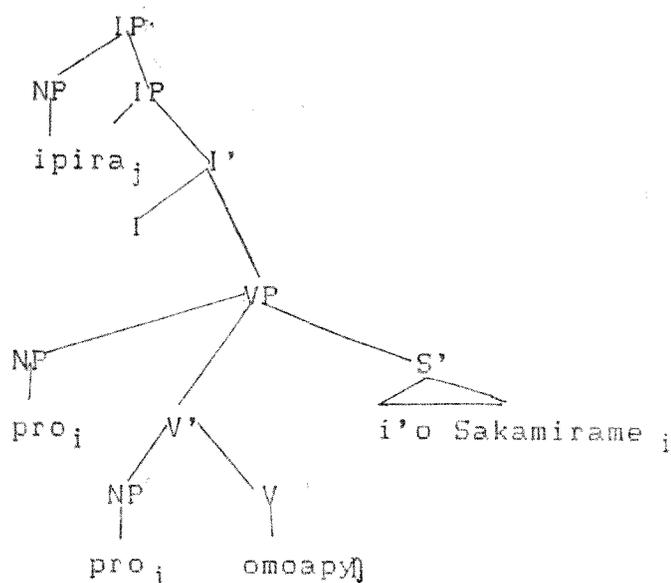
'Sakamiramé cozinhou peixe para comer.'

Lit: 'Ele_i cozinhou peixe para Sakamiramé_i comer.'

Em 39, se postulássemos pro como o sujeito da oração principal, obteríamos uma estrutura em que a violação do Princípio C seria permitida, pois o sintagma nominal Sakamiramé estaria sendo c-comandado pelo pronominal vazio na

sentença matriz ¹¹ :

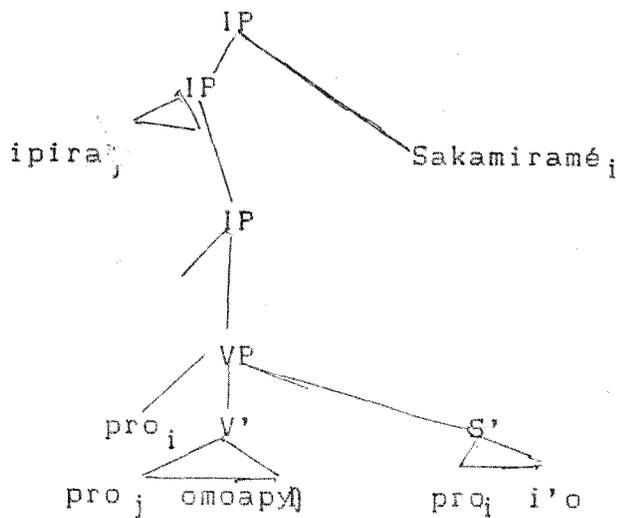
39')



39' não pode ser a representação oracional de 39, posto que viola o Princípio C. Além disso, como a oração de propósito na forma de gerúndio (i-'o) em estruturas de correferencialidade nunca admite um sujeito lexicalmente expresso, sugerimos que o sintagma nominal Sakamirame seja gerado como um adjunto da construção complexa, como em :

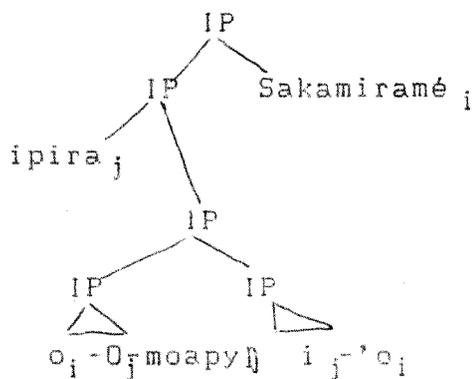
¹¹ Segundo Baker, o pro sujeito em línguas como o Mohawk não é alocado para Spec de IP porque não precisa ter caso conferido na estrutura-S.

39''')



Como é impossível derivar em Asurini construções em que uma expressão referencial seja c-comandada por um argumento na oração matrix, acreditamos que não haja categorias vazias na sintaxe ¹². Dessa maneira, sugerimos que a estrutura oracional de 39 seja 39''' em que os argumentos verbais são realizados na morfologia verbal

39''')



Em 39''', os elementos pronominais no verbo são argumentais e licenciam os sintagmas nominais adjuntos a eles coindexados. A

¹² Mostraremos na seção 5.3 que os Princípios da Ligação não atuam em Asurini.

3ª pessoa é expressa por um morfema zero e o sujeito do verbo no gerúndio é identificado pelo morfema de correferencialidade ((w)ɔ). A análise aqui oferecida parece mais plausível do que aquela que reconhece categorias vazias na sintaxe de línguas com NPs em adjunção, posto que através dela é possível explicar a inexistência de estruturas relevantes para a identificação de sujeitos ou objetos nulos.

5.2.3 Os afixos pessoais e o licenciamento de adjuntos

O prefixo -i de 3ª pessoa objeto¹³ só é realizado como objeto nas orações dependentes do Asurini.

40) i-nopo

3P-bater

'ele (foi) batido'

Nas orações independentes, -i não é expresso na morfologia verbal, como vimos nas seções anteriores.

Na língua Tupinambá, o marcador de 3ª pessoa objeto podia ocorrer tanto nas sentenças independentes, quanto nas dependentes. Nas primeiras, ele era obrigatório, ao passo que nas segundas, ele entrava em distribuição complementar com o NP.

TUPINAMBÁ (orações dependentes)

41)a. kuesé paié mbaéasybóra suban-i

ontem pajé enfermo chupou-IndII

'Ontem o pajé chupou o enfermo'

¹³ O prefixo -i também é realizado como -h dependendo do tipo de raiz com a qual co-ocorre.

b. kuesé paié i-xuban-i

ontem pajé 3P-chupar-Ind II

'Ontem o pajé o chupou'

c. kuesé mbaéasyborá paié i-xuban-i

ontem enfermo pajé chupou

'Ontem, o enfermo, o pajé chupou-o'

(Rodrigues, 1953:133)

Os exemplos acima parecem indicar que o prefixo -i é um clítico que está em distribuição complementar com um NP argumental. A co-ocorrência do clítico com o NP deslocado em c indica uma construção de tópico. Se esse marcador de pessoa fosse um traço de concordância, não haveria a possibilidade de ser opcional nessas orações dependentes.

Poder-se-ia argumentar que nas orações independentes do Tupinambá, -i seja marca de concordância porque é obrigatório. Acontece que, como na morfologia verbal dessas línguas pode ocorrer um clítico dativo de posse que licencia um adjunto, como mostramos no capítulo anterior, nada nos impede de analisá-lo também como um clítico. Seria pouco plausível classificar o dativo de posse como clítico e o objeto pronominal como afixo de concordância. Observe as estruturas abaixo:

TUPINAMBÁ

42) a-i-i-kó-meeng xe-ruba

1A-3P-3Poss-roça-dar 1poss.-pai

'Dei a roça de meu pai a outro'

Lit: Dei-lhe a sua _i roça, (a do) meu pai_i'

43) a-i-t-ay-meeng xe-mena

1A-3P-3Poss-filho-dar 1poss.-marido

'Dei os filhos de meu marido a outro'

Lit. 'Dei-lhe os seus_i filhos, (os do) meu marido_i'

(Barbosa, 1956:206)

A divisão morfológica dos verbos em 42 e 43 é : sujeito-objeto indireto-dativo de posse -objeto nominal-verbo. Nessas construções não é possível analisar o prefixo -i como um traço de concordância com o objeto indireto, uma vez que este nem está realizado foneticamente fora do complexo verbal e não pode, tampouco, ser representado por uma categoria vazia, pois trata-se de um sintagma posposicionado. Em 43, -i, assim como -t, o dativo de posse, são, na verdade, clíticos. Dessa maneira -a, o marcador do sujeito deve ter o mesmo estatuto que os outros elementos pronominais na morfologia verbal. Concluimos, então, que nenhum desses prefixos deve ser analisado como traços de concordância.

Também é importante notar o comportamento do pronominal -i nos sintagmas nominais e posposicionados do Asurini. Como vimos no capítulo anterior, os pronomes possessivos nos sintagmas nominais podem licenciar um tópico. O mesmo ocorre nos sintagmas posposicionados :

44)a. akoma'e-pyri

homem -com

'Com o homem'

b. i-pyri

3-com

'Com ele'

c. akoma'e i-pyri

homem 3-com

'Com ele, o homem'

O pronominal e o nome podem aparecer na mesma construção, como indica 44c. Nesse caso, não há concordância, mas sim um processo de licenciamento de adjunto via coindexação com o clítico.

45) h-emiara raka sokyra o-mana i-pype i-sope hemiara-pype
3-carne evid sal 3A-colocar 3-dentro 3-para carne-em

'He put salt in his meat'

(Solly, 1963:30)

Lit: 'a carne dele_i, ele_j colocou sal dentro dela_i para ele_k dentro da carne_i.'

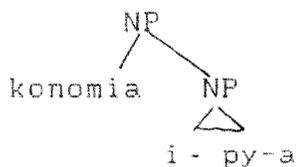
Em 45 o NP hemiara em posição de tópico é licenciado pelo clítico -i, complemento da posposição pype.

Todos os sintagmas da língua que contêm elementos pronominais apresentam estruturas semelhantes:

46) konomia i-py-a

menino 3-pé-nom

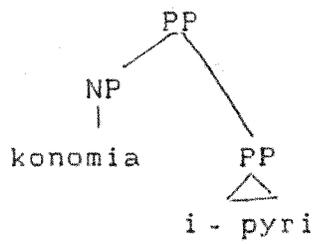
'O pé dele_i, o menino_i'



47) konomia i-pyri

menino 3-com

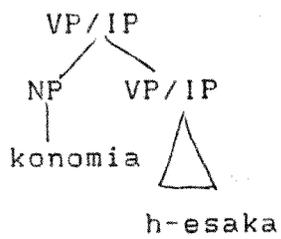
'Com ele_i, o menino_i'



48) konomia h-esak-a

menino 3P-ver-ger.

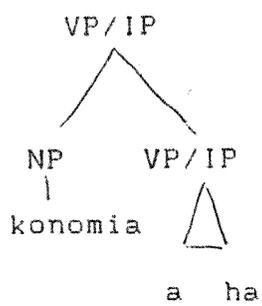
'vendo-o_i, o menino_i'



49) konomia a-ha

menino 3A-ir

'O menino_i, ele_i foi'



O complexo verbal em Asurini contém clíticos nulos de 3 pessoa-objeto, como proposto em 39''. Assim, a representação de 23 será:

50) a-0-nopo

1A-3P-bater

'Eu bati (n)ele'

Postulamos uma estrutura como 50 porque não há como estabelecer categorias vazias fora do complexo verbal.

Leite(1987,1990) e Leite e Vieira(1990) reconhecem a presença de um prefixo zero de 3 pessoa na morfologia verbal do Tapirapé e Asurini.

Ofereceremos aqui mais um argumento para reforçar a nossa hipótese de que existe, de fato, um clítico nulo de 3 pessoa-objeto na morfologia verbal: nos contextos de objeto nulo genérico, como em

51) Comi. Bebi. Fumei.

o Asurini, assim como outras línguas da família Tupi-Guarani, emprega uma construção em que um objeto indefinido poro (gente)/ ma'e (coisa) aparece incorporado.

52)- a-poro-soka

1A-gente-matar

'Eu mato.'

53) o-poro-nopo

3A-gente-bater

'Ele bate.'

TUPINAMBÁ

54)a. a-ĩ-pysyk

1A-3P-pegar

'Eu o pego.'

b. a-poro-pysyk

1A-gente-pegar

'Eu pego(gente).'

55)a. a-(i)-fuká

1A-3P-matar

'Eu o mato.'

b. a-poro-fuka

1A-gente-matar

'Eu mato.'

c. a-poro-fuka-potar

1A-gente-matar-querer

'Quero matar.'

(Barbosa, 1956:155)

Em Tupinambá existe uma distribuição complementar entre o pronome definido i e o indefinido poro. Em geral, os objetos genéricos nulos ocorrem na mesma posição que os NPs lexicalmente realizados ou nulos. Dessa maneira, sugerimos que haja uma complementariedade entre o objeto genérico e o objeto definido em Asurini.

Vimos que inexitem orações-complemento regidas em Asurini, o que torna impossível testar a possibilidade de correferência

entre pros e as expressões referenciais, assim como Baker o fez para o Mohawk. Também tentamos mostrar que a presença de um clítico zero de 3ª pessoa objeto no verbo faz mais sentido do postular uma categoria vazia fora do complexo verbal, já que inexistem meios para se identificar um objeto nulo, por exemplo.

Como não há variáveis deixadas por regras de mover-qu ou vestígios de incorporação nominal, concluímos que os marcadores de pessoa são os únicos candidatos ao estatuto de argumento.

5.2.4 As formas dos clíticos

Nas construções transitivas, tem-se diferentes formas pronominais para cada relação envolvendo as pessoas do discurso:

56)a. 1 sg. > 2a. sg/pl. A e P= oro (portmanteau)

oro-soka-pota

1>2-matar-querer/ir

'Vou te matar.'

ou

'Vou matar vocês.'

b. 1 sg. > 3a sg/pl A=a- P=0-

a-0-soka-pota

1A-3P-matar-querer/ir

'Vou matá-lo(s).'

57)a. 1 excl.>2a sg/pl. A e P=oro-
oro-soka-pota
1>2-matar-querer/ir
'Vamos te matar.'
ou
'Vamos matar vocês.'

b. 1 excl.>3 sg./pl A=oro- P=0-
'oro--0-soka-pota'
1 excl. A-3P-matar-querer/ir
'Vamos matá-lo(s).'

58)a. 2a. sg.>1a. sg./pl. A=ipe P=se/ore
ore-soka-potar-ipe
1 excl. P-matar-querer/ir - 2a. A
'Voce(s) vai (vão) nos matar.'

b. 2a. sg. > 3a. sg./pl. A=ere- P=0-
'ere-0-soka-pota.'
2A-3P-matar-querer/ir
'Você vai matá-lo(s).'

59)a. 1a incl.>3a.sg/pl. A=sa- P=)0-
'sa-0-soka-pota'
'1 incl.A-3P-matar-querer/ir.'
'Nós vamos matá-lo(s).'

60)a. 1excl.>2a.sg./pl. A/P=oro-

'oro-soka-pota'

1/A-matar-querer/ir

'Nós vamos te/vos matar.'

b. 1 excl.>3a. sg/pl. A=oro- P=0-

'oro-0-soka-pota'

1 excl. A- 3a. P -matar-querer/ir

'Nós vamos matá-lo(s).'

61)a. 2a.pl.>1a. sg./pl. A=-ipe P=se-/ore-

'se-soka-potar-ipe'

1P-matar-querer/ir -2a.A

'Vocês vão me matar.'

b. 2a. pl.> 3a. sg./pl. A=pe- P=0-

'pe-0-soka-pota

2a.pl. A- 3P-matar-querer/ir

'Vocês vão matá-lo(s).'

62)a. 3a.>3a. A=o- P=0-

o.0-soka-pota

3A-3P-matar-querer/ir

'Ele(s) vai (vão) matá-lo(s).'

b. 3a.> 1a. ou 2a. A=0- P=se-/ne-/ore-

O-se-soka-pota.

3A- 1P-matar-querer/ir

'Ele(s) vai (vão) me matar.'

O quadro abaixo mostra as várias formas dos marcadores pessoais nas construções transitivas do Asurini.

Quadro dos marcadores de pessoa.

Formas de Agente

63) 1sg.>2 oro-(1a. agente e 2a. paciente)

1sg.>3 a-

2sg.>1 -ipe

2sg.>3 ere-

1 incl.>3 sa-

1 excl.>2 oro-

1 excl.>3 oro-

2a. pl.>1a. -ipe

2a. pl.>3 pe-

3a >1a.2a 0-

Formas de Paciente

64) 3.2a.sg.>1 se-

1sg.>2a. oro-3 > 2a. ne-

3, 2a > 1a excl ore-

1sg/excl > 2pl oro-3 > 2pl pe-

A nosso ver, não há uma hierarquia referencial de pessoa que condiciona a marcação dos elementos pronominais no predicado verbal das construções transitivas em Asurini. O que existe é a ocorrência de formas específicas como resultado da combinação de diferentes pessoas do discurso interagindo entre si.

A nossa hipótese é, então, que o complexo verbal corresponde a uma oração completa onde todos os clíticos exercem papel argumental.

Na próxima seção mostraremos que a aplicação dos Princípios da Ligação é irrelevante em Asurini, posto que não existem

categorias de regência.

5.3 A LIGAÇÃO DOS ANAFÓRICOS

O unico candidato à categoria de anáfora em Asurini é o afixo reflexivo -se , como em:

65) a-se-pihim

1A-refl.-pintar

'eu me pintei'

66) o-se-mowai

1A-refl.-cortar

'Ele se cortou'

Os pronomes possessivos correferenciais que ocorrem nos sintagmas nominais e nos sintagmas posposicionados não podem ser classificados como anáforas , como veremos a seguir:

67) a-motynehem ge-paratoa

1A-encher 1corref.-panela

'Enchi a minha própria panela'

68) a-ha w-a] a-pe

3A-ir 3corref-ir-para

'Foi para a sua própria casa'

O fato de que apenas o sujeito serve como antecedente do anafórico nos casos 67 e 68 parece sugerir que o Princípio A da Teoria da Ligação , que exige que a anáfora seja coindexada e c-comandada por seu antecedente na sua categoria de regência, regula essa restrição.

É importante notar que as anáforas apresentam as seguintes

características que as distingue dos pronomes:

(i) Uma anáfora não tem referência própria e por isso, não pode exercer a função de um dêitico.

(ii) Uma anáfora deve ser ligada em sua categoria de regência, isto é, deve ser coindexada e co-comandada por seu antecedente no domínio em que se encontram o seu elemento regente e um sujeito acessível. Um pronome só pode ser ligado fora de sua categoria de regência.

(iii) Uma anáfora, em oposição a um pronome, não pode ter antecedentes bifurcados (Split antecedents), isto é, dois sintagmas com papéis temáticos diferentes não podem ligá-la.

Dadas essas características, demonstraremos que os pronomes correferenciais em Asurini não pertencem à categoria das anáforas.

No exemplo abaixo, o pronome correferencial está ligado por antecedentes bifurcados.

69) pehe sowe pe-apo ma'e pese-ka sere-se-ope

vocês só 2pl-fazer coisa 1 incl.corref-se-para

'Só vocês farão coisas para nós (você inclusive) mesmos'

(Solly, 1963)

Em 69, sereope tem como antecedente o sujeito da oração ("vocês") e o próprio falante. Se a forma correferencial fosse ligada pelo sujeito apenas, ela deveria ser realizada como pese-se-ope (2pl.corref.-refl.-para "para vocês mesmos").

No próximo exemplo, o pronome correferencial não se encontra ligado em sua categoria de regência.

70) mihake o-mqapy] o-se-ope [t'a-'o-ne we o-se-pyri]

minha mãe 3A-cozinhar 3corref-refl-para prop.1A-comer também
3-corref-refl-com

'Minha mãe cozinhou para si mesma para eu comer com ela mesma'

Em 70, a segunda ocorrência do reflexivo não está ligada em sua categoria de regência, pois se encontra dentro da oração de propósito cujo sujeito interfere entre o antecedente (mihake) e ela. Além disso, o antecedente não c-comanda osepyri.

Zribi-Hertz (1989) argumenta que a ligação de anáforas em contextos de longa distância é permitida, se elas estiverem contidas em sentenças não-finitas. Mas no exemplo acima, a oração de propósito é finita. Assim, não seria possível gerar tal estrutura se o pronome correferencial fosse, de fato, uma anáfora.

Concluimos, então, que os possessivos correferenciais em Asurini não têm uma natureza anafórica, mas sim pronominal.

O único candidato à categoria de anáfora é o prefixo reflexivo -se localizado no interior da morfologia verbal como nos exemplos 65 e 66. Se a língua é do tipo argumento pronominal, podemos sugerir que no próprio complexo verbal existe uma configuração hierárquica em que o clítico -sujeito liga (c-comanda e está coindexada) a anáfora. Mostraremos, todavia, que esses elementos também não têm caráter anafórico.

Leite (1993) argumenta que a teoria de Baker para incorporação verbal não dá conta dos seguintes dados do Tapirapé:

TAPIRAPÉ

71) Sabino -we-ã-xe-paanög-akât
S.-dat 1sgA-refl.-tratar-caus
'Eu fiz Sabino me tratar'

72) ã-ma-xe-mu-un-akât Koräpä'i
1sg.A-caus-refl-caus-preto-caus K.
'Eu fiz Koräpä'i se pintar de preto'
(Leite,1993:12-13)

A Autora observa que em Tapirapé, o reflexivo anafórico pode ter como antecedente, tanto o sujeito da oração subordinada 72, como o sujeito da matriz, 71.

Segundo Leite, se essas construções fossem derivadas por movimento sintático, como defende Baker, teríamos as seguintes ordenações de regras: causativa>reflexivização em 71, mas reflexivização>causativa em 72.

Se as línguas fazem uso de apenas um tipo de regra de causativização, o Tapirapé teria a regra que move VP para Comp em 71, onde o objeto da oração subordinada encontra a sua categoria de regência na oração matriz. Mas uma construção como 72 não poderia ser derivada pela regra VP para Comp, já que a categoria de regência do objeto anafórico é a oração encaixada.

Esse problema é resolvido se o reflexivo verificado no verbo das línguas Tupi-Guarani for analisado como sendo do tipo reflexivo morfológico que, de acordo com Di Scullo e Williams

(1987) , seria um morfema adicionado como parte da formação de palavras. Esse é o caso do prefixo -self do Inglês , cuja aplicação na palavra resulta em: "anaphoric binding " of the theme argument (of the predicate) by the Actor argument" (Di Sciullo e Williams (1987:60), como em :

73) educated (Agente, Tema) -> self-educated (Agente , Tema)

Uma prova de que os reflexivos das línguas aqui investigadas são do tipo morfológico é que eles têm uma natureza recursiva, como mostra o exemplo do Tapirapé ,72 , e o do Tupinambá abaixo:

73) a-ie-mo-ie-mo-pi'roy

1A-refl-caus-refl-caus-refrescar

'Faço-o refrescar-se'

(Barbosa, 1956:191)

Os dados examinados nesta seção revelam que os Princípios da Teoria da Ligação são irrelevantes para essas línguas .O Princípio C não se aplica porque os NPs são gerados em adjunção. O Princípio B também não é necessário, visto que os elementos pronominais se encontram dentro do complexo verbal e não podem ser c-comandados por outras categorias fora de seu domínio. E o Princípio A também é inexistente porque os reflexivos e recíprocos são anáforas morfológicas.

Atribuímos a ausência dos Princípios da Ligação ao fato de não haver posições argumentais fora do complexo verbal nas línguas Tupi-Guarani.

5.5 AS CONSTRUÇÕES COM CLITIC LEFT DESLOCATION E AS ESTRUTURAS DE ADJUNÇÃO EM ASURINI

As estruturas oracionais verificadas em Asurini se assemelham às construções do tipo Clitic Left Dislocation observadas por Cinque (1991) no Italiano.

74) [Al mare] ci siamo già stati.

to the seaside there-(we)-have already been

75) [tutti], non li ho visti ancora.

all not-them-(I)-have seen yet

76) [Gianni], lo ha visto.

Gianni, I saw him

Tais construções não envolvem movimento sintático, segundo Cinque. O XP é gerado na base e coindexado com um clítico que, por sua vez, está ligado a uma categoria vazia em posição argumental.

Deslocamento para esquerda com clítico difere de simples estruturas com deslocamento, pois estas últimas são restritas a NPs e apenas um elemento é deslocado por oração. Compare 77 com 78 abaixo :

77) Di vestiti, a me, Gianni, in quel negozio non mi ce ne ha

mai comprati

78) * Mary, John, she likes.

Como as construções com clitic-left dislocation exigem uma relação de ligação entre o elemento deslocado e o clítico, elas obedecem às restrições de ilha sintática. Se o clítico estiver dentro de uma ilha sintática forte, ele não poderá ser ligado

ao antecedente em adjunção, como demonstra o exemplo a seguir:

79) * [A Carlo], ti parlerò solo del [le persone]che gli
piacciono]

'To Carlo , I will talk to you only about the people
that to him appeal'

(Cinque,1991:59)

Em Asurini é muito difícil encontrar estruturas que constituam ilhas sintáticas. O único contexto que pode ser interpretado como uma ilha é o da oração relativa. Nesse caso, o NP adjunto e o clítico podem continuar coindexados.

80) i-tysym-ma'e raka o-ety]] i-sohi ywa

3-velha-rel evid 3A-tirar 3-de madeira

'Tirou dele a madeira que era velha.'

Em 80 temos um caso de insensibilidade aos efeitos de ilha, pois é possível haver coindexação entre o NP em adjunção à direita e o clítico na oração relativa.

As construções com adjunção em Asurini diferem das estruturas com deslocamento à esquerda envolvendo clíticos em Italiano porque as primeiras são do tipo que Cinque (1991:xiv) identifica como " A-bar-dependency between a resumptive pronoun and a sentence-initial phrase in the left-dislocation and relative constructionswhich is totally insensitive to strong(or weak) island conditions."

O clítico em Asurini é o próprio argumento verbal e não está coindexado com uma categoria vazia em posição argumental ,

como ocorre nas estruturas de deslocamento à esquerda envolvendo clíticos em Italiano. Além disso, os sintagmas nominais da língua não ocupam posições-A, como acontece em Italiano. Essas características fazem do Asurini uma língua que utiliza diferentes mecanismos de coindexação entre NPs em adjunção e os elementos pronominais na morfologia verbal. Em línguas de argumento pronominal parece inexistir as relações estruturais necessárias de ligação ou de regência para a conexão entre adjuntos e elementos argumentais.

Através das evidências encontradas em Asurini, assim como em Tupinambá e Tapirapé, concluímos que nessas línguas: (i) não há argumentos em forma de categorias vazias, nem orações-complemento; (ii) os elementos pronominais na morfologia verbal são clíticos e não traços de concordância; (iii) os argumentos verbais são projetados na sintaxe através dos clíticos; e (iv) os Princípios da Teoria da Ligação são irrelevantes para as línguas de argumento pronominal, por não haver categorias de regência.

CONCLUSÃO

Mostramos neste trabalho que o Parâmetro da Projeção, tal como proposto por Jelinek (1984, 1985, 1989 e 1992), dá conta dos fatos observados na língua Asurini do Trocará.

Os sintagmas nominais são gerados na base em adjunção e os afixos/clíticos são projeções sintáticas da estrutura argumental do predicado. Se os NPs ocupassem posição argumental na estrutura-P, como sugerido por Baker (1990), nada impediria que as estruturas interrogativas, relativas ou incorporadas fossem derivadas por regras de movimento sintático ou que houvesse elementos pronominais vazios fora do complexo verbal em Asurini.

Além disso, se o parâmetro responsável pela ocorrência de sintagmas nominais adjuntos fosse aquele em que os afixos verbais recebem caso do núcleo na estrutura-S, por que inexitem orações-complemento em Asurini? Como apenas os elementos referenciais têm caso atribuído, essas orações selecionadas pelo predicado deveriam ocorrer em posição argumental.

As questões analisadas neste trabalho estão relacionadas à Teoria-0. Em Asurini, os argumentos dos predicados verbais são projetados na forma de clíticos/afixos. Assim, como o verbo fica saturado com esses elementos, ele não é capaz de reger os elementos fora do seu domínio morfológico.

Uma língua de argumento pronominal, como o Asurini, pode ser do tipo misto. Isto é, nela é possível ocorrer estruturas em que os sintagmas nominais têm estatuto argumental. Isso ficou

demonstrado na nossa análise sobre sintagmas nominais e posposicionais no papel de predicado que têm NPs como sujeitos ou como complementos.

Cumpramos notar que os NPs servem função argumental se e somente se, não houver nenhum elemento pronominal na morfologia verbal que possa assumir o estatuto de argumento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ayrosa, P. (1933). Primeiras lições Tupi. São Paulo, Edição dedicada ao Centro de Professorado Paulista.
- Baker, M. (1985). Incorporation : a theory of grammatical function changing. Tese de doutoramento inédita. Cambridge, Mass., Massachusetts Institute of Technology.
- (1987). Object Sharing in Serial Verbs Constructions. McGill University. Inédito.
- (1990). On the absence of certain quantifiers in Mohawk. McGill University. Inédito.
- Barbosa, L. P. A. (1956). Curso de Tupi Antigo. Rio de Janeiro, Livraria São José.
- Bittner, M. & K. Hale. (1990). Remarks on Definiteness in Warlpiri. Massachusetts Institute of Technology. Inédito.
- Brandon, F. e L. Seki (1984). "Moving Interrogatives without an initial wh-node in Tupi". In: Syntax and Semantics, vol. 16.
- Campbell, R. (1989). The Grammatical Structure of Verbal Predicate. Tese de doutoramento. University of California.
- Chierchia, G. e S. MC Connell-Ginet. (1991). Meaning and Grammar. Cambridge, Mass., MIT Press.
- Cinque, G. (1991). Types of A-bar dependencies. Cambridge, Mass., MIT Press.
- Chomsky, N. (1986a) Knowledge of Language : Its Nature, Origin and Use. New York, Praeger.
- (1986b) Barriers. Cambridge, Mass., MIT Press

- (1989). Some notes on Economy of Derivation and Representation. Massachusetts Institute of Technology. Inédito.
- Cole, P. (1984). Switch Reference in two Quechua languages. Inédito.
- Diesing, M. (1990). "Bare Plural Subjects, Inflection and the Mapping to Logical Form". In : Papers on Quantification Amherst, Universidade de Massachusetts. Inédito.
- (1991). Indefinites. Tucson, University of Arizona. Inédito.
- Di Sciullo, A.M. & Rosen, S.T. (1990). "Light and Semi-Light Verb Constructions."
- & Williams, E. (1987). On the definition of word. Cambridge, Mass., MIT Press.
- Edelweiss, F. (1958). O caráter da segunda conjugação Tupi. Salvador, Publicações da Universidade da Bahia.
- Everett, D. (1993). Why there are no clitics. University of Pittsburg. Inédito.
- Galves, C. (1989). La structure de la proposition dans les langues Romanes. In : Revue des langues Romanes.
- Giorgi, A. & Longobardi, G. (1991). The syntax of Noun Phrases. Cambridge, University Press.
- Grimshaw, J. (1991). Argument Structure. Cambridge, Mass., MIT Press.
- Hale, K. (1981). On the position of Warlpiri in a Typology of the Base. Bloomington, Indiana University Club. Inédito.
- (1983). Warlpiri and the Grammar of Non-Configurational Languages. NLLT, 1.

- _____ (1990). Core structures and adjunction in Warlpiri Syntax. Massachusetts Institute of Technology. Inédito.
- Harrison, C. (1975). Gramática Asurini. Série Linguística No 4. Brasília, SIL Publicações .
- Iatridou, S. (1990). "About AGR(P)". LI, vol 21, no 4.
- Jelinek, E. (1984). "Empty categories, case, and configurationality." NLLT, 2, 39-76.
- _____. (1985). The Projection Principle and the Argument Type Parameter. San Francisco, LSA Annual Meetings. Inédito.
- _____. (1990). Headless Relatives and Pronominal Arguments: A Typological Perspective. CLS Parassession. Inédito.
- _____. (1989). "The case split and pronominal arguments in Choctaw." In : K. Maracz & P. Muysken (eds.), Configurationality: The Typology of asymmetries. Dordrecht, Foris.
- _____. (1992). Quantification in Straits Salish. Tucson, University of Arizona. Inédito.
- Kato, M. (1989). Mini²Orações e a ordem dos constituintes em Português. Campinas, Universidade Estadual de Campinas. Inédito.
- _____ & Nascimento, M. (1993). A representação da estrutura sentencial do Português e a posição dos aspectuais e quantificadores. Campinas, Universidade Estadual de Campinas. Inédito.
- Kihm, A. (1990). "Aspect in Kryol and the theory of Inflection." Linguistics, 28.

- Kinkade, M.D. (1983). "Salish evidence against the universality of "noun" and "verb" ". *Lingua* 60, 25-40.
- Kratzer, A. (1989). Stage Level and Individual Level Predicates. In: *Papers on Quantification*. Amherst, University of Massachusetts. Inédito.
- Leite, Y. (1987). "Para uma tipologia ativa em Tapirapé". In: *Anais do II Encontro Nacional da ANPOLL*. Rio de Janeiro, UFRJ.
- _____ & Vieira, M.D. (1990). "Atividade e ergatividade nas línguas da família Tupi-Guarani: problemas de análise". In: *Anais do V Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife, UFPE.
- _____ (1990). "Para uma tipologia ativa do Tapirapé: os clíticos referenciais de pessoa ". In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 18. Campinas, UNICAMP.
- _____ (1992). As orações causativas nas línguas Tupi e o parâmetro da configuracionalidade. Comunicação apresentada no 47th International Congress of Americanists. New Orleans, Tulane University.
- _____ (1993). A incorporação em Tapirapé. Trabalho apresentado no 10o Congresso Internacional da ALFA. Vera Cruz, México.
- Lewis, D. (1975). "Adverbs of Quantification." In: E.L. Keenan (ed.) *Formal Semantics of Natural Language*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Lieber, R. (1992). *Deconstructing Morphology*. Chicago, University of Chicago Press.
- Milsark, G. (1977). "Toward an Explanation of certain

peculiarities of the existential construction of English."

Linguistic Analysis 3, 1-29.

Monserrat, R., Facó Soares, M. & Clemente, T. (1980). Formulário para a coleta de dados de línguas indígenas. Rio de Janeiro, Museu Nacional. Inédito.

_____ & Facó Soares, M. (1983). "Hierarquia Referencial em línguas Tupi". In: Ensaios de Linguística. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG.

Nicholson, V. (1975a). Relatório sobre pesquisa dialetal Asurini/Parakanã. Brasília, SIL.

_____. (1975b). Initiating and non-initiating verbs in Asurini. Arquivo Linguístico. Brasília, SIL.

_____. (1976a). Textos Asurini-25 histórias, 7 mitos. Brasília, SIL.

_____. (1976b). 6 textos na língua Asurini. Brasília, SIL.

_____. (1978). Aspectos da língua Asurini. Brasília, SIL.

_____. (1987). Gramática do Asurini do Xingu. Brasília, SIL.

Partee, B. (1990). Quantification and some questions for Semantic typology. Amherst, University of Massachusetts. Inédito.

Payne, D. (1991). Tupi-Guarani Inverse. Comunicação apresentada no 47th International Congress of Americanists. New Orleans, Tulane University.

Pinar, P. (1991). Nominalizations in Slave. Tucson, Universidade do Arizona. Inédito.

- Pinker, S. (1989). *Learnability and Cognition*. Cambridge, Mass., MIT Press.
- Pollock, J. (1989). "Verb Movement, Universal Grammar and the structure of IP." *LI*, vol 20, no 3.
- Raposo, E. (1986). "On the null object in European Portuguese". In: *Studies in Romance Languages*. Foris.
- Rice, K. (1989). *A grammar of Slave*. New York, Mouton de Gruyter.
- Rizzi, L. (1990). *Relativized Minimality*. Cambridge, Mass., MIT Press.
- Rodrigues, A. (1953). *Morfologia do verbo Tupi*. Separata de Letras No 1. Curitiba.
- Seki, L. (1982). "Marcadores de pessoa do Kamaiurá". In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, no 3. Campinas, UNICAMP.
- (1990) "Kamayura as an active/stative language." In: D. Payne, (ed.). *Amazonian Linguistics*. Austin, University of Texas.
- Silverstein, M. (1976). "Hierarchy of features and ergativity." In: Dixon, R.M.W. (ed.) Grammatical categories in Australian languages. Canberra.
- Solly, Robin. (1963). *40 textos coletados do Asurini*. Rio de Janeiro, Museu Nacional. Inédito.
- Spears, M. (1986). *Adjunction and Projections in Syntax*. Tese de doutoramento. Massachusetts Institute of Technology.
- Takana (1988). "Some notes on English clauses". *Linguistic Analysis*, vol 18, no 3-4.
- Taylor, R. (1984). "A interrogação na língua Kaiwá" In: *Estudos*

- sobre línguas Tupi do Brasil. Brasília, SIL
- Tomkins, A. (1976). 37 textos Asurini. Brasília, SIL.
- Weir, H. (1990). "Incorporation in Nadeb". In :D. Payne, (ed.)
Amazonian Linguistics. Austin, University of Texas.
- Willie, M.A. (1989). "Why there is nothing missing in the Navajo
relative clause." In: Eung-Do Cook & K.D. Rice,
(eds.), Athapaskan Linguistics. New York, Mouton de Gruyter.